



CRIATURAS DO SUBMUNDO

18 CONTOS INÉDITOS DE DARK FANTASY

KAMILE GIRÃO | ORGANIZADORA

WISH
EDITORA

Capa e Projeto Gráfico: Marina Avila
Organização e Revisão: Kamile Girão
Impressão e acabamento: Offset Gráfica

1ª edição - 2016

Editora Wish

www.editorawish.com.br

São Caetano do Sul - SP - Brasil

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

*Para todos os guerreiros que,
com gentileza e paciência,
enfrentam criaturas reais todos os dias.*

POR QUE TEMOS ESSA PAIXÃO PELO SOMBRIO?

A morte, o sofrimento e o temor se escondem nas áreas mais ocultas de nosso subconsciente. Raramente nos atrevemos a entrar em contato real com essa escuridão interna; por isso buscamos histórias, séries, contos e músicas que nos vistam, de forma controlável e segura, com o manto desconhecido do medo.

A fantasia nasceu nas contações de histórias. Desde a pré-história, a humanidade usa elementos sobrenaturais e mágicos para criar uma realidade alternativa. Essa viagem ao mistério inexplorado de criaturas fantásticas, mundos singulares e sensações incomuns juntou-se às trevas para trazer um perigo ainda mais exótico: o gênero *dark-fantasy*.

Certas vezes, precisamos convocar o abismo do medo para conhecer

quem somos de verdade; nossos receios e coragens frente à qualquer adversidade, seja ela real ou imaginária.

Junte-se a nós e conheça as criaturas do submundo que remontarão a história da fantasia e trarão à tona seus piores pesadelos.

Boa leitura!
Marina Avila | Editora da Wish

Sumário

[O Bordado de Georgiana](#)

[Fuga](#)

[Akai Ito – O fio vermelho do destino](#)

[No Fundo do Quintal](#)

[A princesa sombria](#)

[Destino de Sangue](#)

[Sob o deserto e o sangue](#)

[A caçada de ester](#)

[O Onigumera](#)

[O Anjo e o Leviatã](#)

[Sereia Negra](#)

[Noite sem lua](#)

[Sonhos de Almas Sombrias](#)

[Irmãs](#)

[Monstro do espelho](#)

[Sussurros do vento](#)

[Águas \(i\)mortais](#)

[O Bruxo Azul e O Espírito Indomável](#)

O BORDADO DE GEORGIANA

VALQUÍRIA VLAD

O sol ainda não havia beijado os Cárpatos quando a carroça desengonçada parou na frente de uma casa modesta. Com felicidade e expectativa, ambas a disputar espaço no brilho de seus olhos, Edgar ajudou a esposa a descer, assistindo em silêncio o momento em que ela fitava o novo lar pela primeira vez. Com um riso que não se pode conter, Ivone atirou-se em seus braços, provocando-lhe de um terno sentimento.

Não se sabe ao certo como sobreviveram a tamanha miséria – ainda naquele tempo, a maioria dos jovens sucumbia ao inverno mais rigoroso de suas vidas devido a falta de recursos com que lutar contra o frio. Edgar já não tinha muito dinheiro quando se conheceram; ela muito menos. Na época, haviam acabado de alcançar a flor da idade, quando os sentimentos afloram e as paixões decadentes acontecem. Como que por milagre, não foram vítimas de muitos infortúnios, e o maior bem que já lhes ocorreu foi ter cruzado o caminho de um homem com muitas terras.

Ele os abordou no meio da rua, em pleno centro comercial, oferecendo a escritura de uma residência não muito longe de Brasov. O preço, por outro lado, era maior do que seriam capazes de pagar, e ele foi diminuindo o valor até que se adequasse às economias do casal. Ivone desconfiou a princípio, pois o tal homem parecia ansioso demais em se livrar daquela propriedade, e muito contente quando o conseguiu de fato. Mas diante da nova realidade, ela não podia imaginar uma vida melhor.

Ao cair da noite, porém, algo chamou sua atenção, deixando-a inquieta. Sacudiu o ombro do marido, tirando-o do sono tranquilo.

— Edgar, acorde! Não consigo dormir.

— O quê? – perguntou ele, meio adormecido. – Por quê?

— Sombras dançam no castelo. Eu vejo, eu vejo! E a música... Que música doentia é essa que ouvem? Vá até lá e faça alguma coisa – sacudiu-o novamente.

Atendendo aos caprichos da esposa com resignação, Edgar vestiu o roupão e escolheu por bem não selar o cavalo, embrenhando-se na floresta tenebrosa a pés descalços, sozinho. A música que tanto perturbara Ivone começou a encher-lhe os ouvidos à medida que se aproximava do impiedoso Castelo de Bran. Não se julgou capaz de descrevê-la, pois nenhum adjetivo no mundo poderia fazer-lhe justiça. Sabia apenas que ouvi-la era uma experiência sensorial da mais horrenda natureza, movida por um pavor paralisante, cheia de notas dramáticas e picos onde o coração parecia parar. Surgia-lhe na mente a imagem de uma donzela em execrável corrida, parando subitamente a margem de um precipício, não dando a si mesma *tempo* de pensar duas vezes antes de atirar-se na escuridão sem fim.

Bateu à porta, sem fôlego, embora não soubesse ao certo se fora o exercício noturno ou a violenta canção o que lhe extorquiu o ar.

— Pois não? – Quem o atendeu foi um velho de terno lustroso. *Até o mordomo parece mais rico e bem vestido do que eu*, pensou Edgar.

— Posso falar com o dono da casa?

— *Senhore* Victorio Vlad está ocupado no momento. Volte depois.

— Espere! – disse, antes que pudesse bater a porta na sua cara. – Pode pelo menos diminuir o barulho da música? Minha esposa não consegue dormir.

— Isto não é problema meu...

— Por todos os sete infernos, onde está, Aramis? – vociferou uma voz poderosa vinda de dentro do castelo. O mordomo olhou para trás com uma tranquilidade a qual Edgar invejou. Seu coração palpitava.

— Milorde, este camponês deseja falar-te, mas já disse...

— Deixe-o entrar! O que os vizinhos dirão de nossa hospitalidade?

Victorio Vlad estava parado no último degrau da escadaria principal do hall de entrada do castelo, com a mão pousada solenemente sobre o corrimão. Vestia um fraque cinza de alta costura, o qual adequava-se com perfeição ao porte altivo de seu corpo jovem. No auge dos trinta e cinco anos, ele apresentava-se com o cavanhaque bem feito e os dentes, extremamente brancos, mostravam um sorriso não mais do que cordial. Edgar evitou aproximar-se muito.

— Sinto muito por tão desonrada recepção – desculpou-se ele. – Aramis tende a ser um pouco evasivo de vez em quando. Acompanha-me até o meu gabinete? Estou certo de que está ansioso por uma lareira onde possa se aquecer... Deseja vinho ou água?... Vinho? Oh, vejo que é um dos meus, senhor...?

— Edgar. Apenas de Edgar.

— Pois bem, Sr. Edgar – disse, servindo o vinho. – Incomoda-lhe a canção de minha protegida? Estou surpreso que a tenha ouvido, não são muitos os capazes de tal feito. E aqueles que o são, ah, isso posso garantir, nunca ousaram procurar-me para relatá-lo.

— Fiz algo errado?

— Não, de jeito nenhum. Aprecio sua visita, pois não recebo muitas – riu. Edgar sorveu um gole do delicioso vinho, aprovando a safra. – Incrível, não é? A canção. Pergunto-me o que Georgiana não seja capaz de fazer com perfeição. Irei apresentá-lo a ela.

— Não se incomode...

— Mas será um prazer! Aponte-me quem reclamará do horário. Não existem mais tantas bocas que murmuram, é fato. Por falar nisso, vai me dizer que também é uma criatura noturna, Edgar?! De fato, Georgiana o é, bem como eu. É quando a lua desperta que tornamo-nos mais ativos, mais vivos...

Ao sair do castelo muitas horas mais tarde, Edgar lembrava-se apenas vagamente de corredores sombrios formados por paredes de pedra que o levavam para cada vez mais abaixo da terra, como túneis que terminavam em um largo porão. E lá conhecera não apenas Georgiana como também suas companheiras – beldades de lábios rubros e mãos pálidas, cabelos louros, negros ou cor de fogo; todas trajadas de vermelho. Apenas a imagem de Georgiana, entretanto, conseguira fixar-se em sua mente: uma jovem de cabelos dourados e cacheados, rosto pequeno e delicado, as mesmas feições frágeis de uma criança. Ela pusera-se novamente a tocar, e suas amigas convidaram-no para uma dança totalmente diferente das que conhecia. Os toques, as carícias, tudo parecia tão surreal que poderia muito bem estar sonhando. Tentou fugir a princípio, mas suas tentativas eram tão fracas e vãs que provocaram risos em Victorio, o qual limitou-se a murmurar: *Deixe-se levar, Edgar! No fim, estamos todos buscando unicamente o prazer que a vida nos oferece. Somos todos dracúleos. E apenas dracúleos ouvem esta canção.*

Desde então, voltava lá todas as noites a fim de passar pelo mesmo processo. Algumas vezes, o próprio Victorio dispunha-se a tocar e então Georgiana, que nunca participava de nenhuma das danças, sentava-se em um canto afastado onde se dedicava a bordar.

Ivone não estava satisfeita com as constantes idas do marido ao castelo. Suspeitava que tais visitas fossem as responsáveis pelas mudanças que ele vinha sofrendo. Edgar transformara-se em um homem frio e arredo – tudo o que queria tinha de ser feito na hora, odiava ser questionado.

Sem saber o que fazer, e temendo estar sendo traída, Ivone decidiu tomar uma manhã inteira para ir à cidade espairecer. Lá parou para tomar café numa estalagem qualquer. Foi quando a dona do local abordou-lhe, movida pelo seguinte questionamento:

— É a nova proprietária da casa perto do Castelo de Bran?

— Sim, sou eu – respondeu. – Por quê?

— Por nada. Surpreendi-me, nada mais. Nunca ninguém havia estado durante tanto tempo por lá.

— Hm... O que sabe sobre Victorio Vlad? Pode me dizer?

— Poder eu posso, só não sei se devo. Dizem que falar de tragédias atraem tragédias.

— Tragédias?

— Então não sabe? A família Vlad não existe mais. O último da linhagem morreu uma morte muito estranha, estranha de fato. Imagine você que o mordomo da propriedade encontrou o corpo de seu senhor dentro de um caixão, sem pulso. E sua protegida, a frágil Georgiana, acompanhou-o para o túmulo, pobrezinha. Diziam que seus bordados eram magníficos, mas nunca vi nenhum. Sabe, – segredou-lhe – ninguém aqui gostava muito daquela família. E tudo porque três velhotas fofoqueiras, que Deus as tenha, espalharam o boato de que a jovem era filha do demônio, e o patriarca, o próprio capeta! À noite, reuniam-se as três na calçada e quando alguém as cumprimentava, elas murmuravam: *a maldita menina borda novamente, eu sei. Os traços de sua agulha hão de matar um inocente. O capeta virá.* E as pessoas começaram a acreditar quando os mortos começaram a aparecer. Mas o que há de certo na vida, senão a morte?

— Sim, senão a morte.

Edgar ignorou o relato repassado pela esposa, partindo para Bran ainda naquela noite. Chegando lá, porém, não viu ninguém e não tinha ideia de como ir até o porão. O único caminho que conhecia era o do gabinete e foi

para lá que se dirigiu.

Estava escuro e igualmente abandonado. Edgar não demorou a acender dois castiçais postos em cantos opostos, iluminando aos poucos o ambiente imerso em sombras que se moviam. Resolveu esperar, sentando-se na cadeira de sempre – onde ficou até o tempo parecer-lhe demais para suportar. Serviu-se vinho, esvaziando o conteúdo do copo em um só gole. O gosto era o mesmo de antes, mas esta era a primeira vez em que tinha a oportunidade de checar a safra. Tomou a garrafa em mãos e só o que pôde ler no rótulo quase inteligível foi: Henrique IV, 1496. Soltou a garrafa.

Ingerira sangue durante todo o tempo. E gostara.

Trêmulo, apoiou-se sobre a mesa, derrubando, sem querer, a haste onde Georgiana praticava seu bordado. Agachou-se para apanhá-lo, vendo o desenho estampado no tecido pela primeira vez. E voltou a largá-lo...

...porque o que estava ali retratado era o seu rosto.

Os traços de sua agulha não de matar um inocente.

Uma súbita rajada de vento extinguiu as chamas nos castiçais. Edgar recuou em passos torpes até sentir as costas colidirem em algo duro feito mármore. Virou-se lentamente, temendo o que o esperava. Encontrou dois olhos vermelhos cortando a escuridão, observando-o.

O capeta virá.

No meio da madrugada, Ivone despertou com um susto. Sentado confortavelmente na poltrona, estava um ser meditativo a encará-la friamente.

— Edgar? – perguntou ela, arquejando.

— Edgar está morto, querida – sorriu ele, dois caninos afiados lambendo o canto dos lábios. – Foi o próprio Drácula que ceifou sua alma.

FUGA

GABRIELA LEÃO

Poucas são as pessoas que realmente precisaram fugir de algo ou alguém. A palavra pode ser empregada em um sentido mais poético; quando “fugimos” de uma lembrança, de uma responsabilidade ou de qualquer outra coisa que não nos faz bem. Se parar pra pensar, até mesmo você já deve ter feito isso.

Há cerca de dez anos, eu também fugia de pessoas. Alguns meses antes, levei um belíssimo pé na bunda de uma namorada (aquelas que são mais bem aceitas na família do que você mesmo) e todos os meus conhecidos não paravam de me fazer perguntas sobre ela. Antigamente, não tinha essa história de Facebook e Whatsapp. Havia três maneiras de ter notícias de alguém: pessoalmente, por telefone ou pelas fofocas - então eles não me deixavam em paz.

Eu estudava à noite porque precisava trabalhar de manhã (pra pagar a faculdade), então costumava chegar em casa bem depois da meia noite. Por conta desse contexto, eu estava chegando em casa cada vez mais tarde. Não que eu estivesse no bar, me afundando em cervejas e abraçando o garçom. Não, não. Eu ficava na faculdade até me expulsarem de lá (pois é), e depois pegava o ônibus mais demorado que encontrava - ia cochilando a maior parte do caminho.

Naquela época, as cidades não eram tão perigosas. Eu costumava descer alguns pontos antes e terminava meu trajeto à pé. Era bom andar em silêncio, sem nada além de meus pensamentos (que estavam muito em ordem, caso você comece a se questionar em breve).

Em uma fatídica noite de agosto, decidi ir por um novo caminho. Fazia

mais de seis meses que estava adquirindo gosto por minhas caminhadas noturnas e não achei que um desvio fosse me dar algum tipo de problema. Eu era um perfeito idiota.

Desci do ônibus e ajeitei a blusa porque estava frio pra caramba. Eu tinha passado por aquela via apenas algumas vezes, mas sabia onde ela terminava: bem perto de casa. Fui andando, observando as casinhas, ouvindo os cachorros latindo... Normal.

Foi então que comecei a sentir um tipo de desconforto. Primeiro pensei que estava passando mal. Era uma coisa nas entranhas, uma sensação nova. Pensei que talvez estivesse morrendo do coração ou alguma coisa assim. Se tivesse um celular, teria chamado uma ambulância. Decidi que pediria ajuda em alguma casa e rezei para que alguma boa alma viesse me ajudar.

Toquei a campainha da casa, mas não ouvi nenhum som. No silêncio daquela noite, era possível ouvir até mesmo a minha respiração. Sim, eu ouvia minha respiração e nada mais. Não tinha barulho de cachorro, vento. Nada.

Talvez eu estivesse ficando surdo também, não? Percebi que eu não estava mais sentindo frio. Abri o zíper da jaqueta e respirei fundo. O mundo parecia ter parado. Abri a boca e soltei um “Ei!” que ecoou pela rua. Eu não estava surdo, afinal.

No entanto, outra *coisa* também me ouviu. No final da rua, vi uma criatura vindo a galope. Era uma espécie de cão, mas do tamanho de um urso (nunca vi um urso de verdade, mas tenho uma noção do tamanho do bicho). No momento em que coloquei os olhos sobre a coisa, meu coração bateu com tanta força que pensei que teria um ataque de verdade.

Comecei a correr.

Foi ali que descobri o outro significado da palavra fugir. As pessoas não fogem das cadeias... Elas escapam. As pessoas não fogem de outras pessoas... Elas evitam. O ser humano não sabe mais o que é fugir porque nada nos caça. Nós evoluímos e aprendemos a manter leões em jaulas. Nosso alimento vem de matadouros. Não somos mais parte da cadeia alimentar. Nós somos uma coisa à parte, uma coisa que nem caça e nem é caçada.

Pelo menos é o que eu pensava.

Eu corria desesperadamente, sem olhar para trás. Pelo tamanho do bicho, ele me alcançaria rapidamente se quisesse. Quando minhas pernas começaram a ter câibras, me joguei no chão e me enfiei debaixo de um carro estacionado. Procurei controlar a respiração porque a criatura poderia me

ouvir e tentei avaliar a situação de alguma maneira racional.

Talvez aquilo fosse mesmo um cachorro e tivesse escapado de uma casa. Se fosse isso, ele não teria me perseguido tão longe. Talvez eu estivesse tendo um troço e imaginado aquilo tudo. Sim, era provável. Respirei fundo e tentei olhar para os prédios ao redor. Tinha corrido completamente sem rumo e agora estava perdido.

Me arrastei um pouco para fora para enxergar o final da rua. Talvez se conseguisse ver a placa que estava no poste...

Então ouvi um rosnado. Me encolhi em meu ridículo esconderijo e ali permaneci, sentindo cada músculo do meu corpo tremer. Era real. Aquela coisa não era um cachorro, aquela coisa não era alucinação... e estava chegando perto.

Quando vi a sombra das patas do animal, levei as mãos ao rosto e apertei meu nariz e boca para evitar mais ruídos. Percebi que eu estava chorando e meu rosto estava molhado. Ele andava devagar, rosnando baixinho. Hoje em dia esse rosnado ainda me faz tomar remédios para... *ficar mais calmo*. O bicho deu mais alguns passos e permiti que um pouco de ar entrasse em meus pulmões. Não sei se a coisa me ouviu ou não, mas virou a cara na minha direção. Então, vi os olhos daquilo. Dentro do crânio do animal havia fogo. Os olhos eram como duas brasas, mas, de alguma maneira, não deixavam a luz sair. Não sei como era o resto da cara do bicho, se tinha focinho ou boca... Não sei. Depois que vi aquele par de olhos, voltei a correr.

Enquanto corria, escutava a coisa vindo atrás de mim. Ele não estava dando o melhor de si, parecia estar se divertindo comigo porque eu ouvia as patas galopando de maneira ritmada. O som abafado era alto o suficiente para me fazer gritar pedindo ajuda.

Como ninguém via aquele bicho? Como o exército não estava ali, jogando mísseis? Eu não sei. Como disse, parecia que o mundo tinha parado. Não havia ninguém nas ruas, não havia carros, não havia cães latindo... Nada. Corri sem parar durante muito tempo – bem mais do que julgava ser capaz.

Em certo ponto, pensei em desistir. Por que estava correndo tanto? Eu tinha dois irmãos que cuidariam dos meus pais quando ficassem velhos, eu não tinha namorada ou filhos, ninguém precisava de mim. Então, pra que correr?

Antes de concluir o pensamento, tropecei (ou minhas pernas fraquejaram) e caí no chão como uma peça de alcatra. Senti o asfalto lixar meu rosto e, antes de erguer os olhos, o bicho pulou por cima de mim. O

pensamento sobre parar de correr virou fumaça e eu percebi que não podia ser pego por aquela coisa. Aquilo não era um bicho, aquilo era um demônio! O que acontece com as pessoas comidas por demônios?

Eu não queria saber.

Me arrastei pra calçada enquanto o bicho chegava perto. Comecei a rezar uma Ave Maria, mas eu não sabia mais da metade da reza. Imaginei que Deus estivesse pouco se lixando para mim porque nem rezar eu sabia. Tentei me lembrar da última vez que entrei em uma igreja, mas também não me lembrava.

Então o bicho chegou mais perto e mordeu minha perna. Lembro que senti uma dor tão forte que não consigo nem descrever... Eu sabia que tinha perdido o membro e logo perderia outros. Fechei os olhos e gritei enquanto aquele monstro me mastigava.

Quando os abri, ainda estava na calçada, era dia e um senhorzinho grisalho me encarava. Me encolhi. O quê? O bicho tinha se transformado no velho? Como já era dia?

— Não quero bêbados na minha calçada!! —ele disse.

Eu não estava bêbado. Olhei para minha perna e soltei um xingamento. Ela estava machucada, mas ainda estava lá. A calça estava rasgada na panturrilha e havia sangue seco no jeans. Passei a mão pelo rosto e senti os machucados na bochecha. Aquilo tudo tinha sido real, não tinha como ser coisa da minha cabeça e muito menos um sonho.

O velho continuava me olhando feio, eu me levantei pedindo desculpas. Fui para casa, inventei uma história sobre um assalto, mas até hoje não sei bem o que aconteceu. Atualmente, tenho uma cicatriz na perna. Não parece coisa feita por dentes, parece uma queimadura profunda. Não gosto de mostrá-la para ninguém, muito menos para médicos. E, o mais estranho, é que às vezes tenho sonhos estranhos... Nesses sonhos, eu sou a coisa... E, Deus, eu tenho fome.

AKAI ITO – O FIO VERMELHO DO DESTINO

REBECA GIMENES

Tempestade. Primeiro a luz. Depois o som.

Os pingos vieram logo em seguida. Um, dois... Demais pra se contar.

Alguns abriram seus guarda-chuvas, outros correram para dentro do ônibus ou entravam em qualquer lugar coberto para se proteger. Não eu, é claro. Eu não era como as outras pessoas. Segundo ele, era uma ninguém, insuportável demais, irritante demais, tudo o que pode ser negativo para alguém comum. Mas não acho que ele descobriu o que eu era e nem que nosso relacionamento era apenas fingimento - um trabalho que precisei aceitar se quisesse recarregar minhas energias.

Depois de despejar todas as impressões que tinha de mim, ele me deu o golpe final, um belo K.O. digno de videogame. Rompeu comigo e simplesmente foi embora, me pedindo para não procurá-lo. Não falei nada durante seu desabafo, apenas pedi para ele pagar minha água e me indicar onde era o ponto de ônibus mais próximo. Não chorei, não pedi explicações, apenas pedi uma droga de direção.

Porém, não parei no ponto de ônibus; continuei a andar porque sabia para onde tinha que ir; O que precisava ser feito. Já dava para sentir com quem ele deve se conectar. Parei em uma rua chique e reconheci o café favorito dele. Eu não gostava daquele lugar, tinha um cheiro estranho e os bolinhos eram duros e insossos, com pouco ou nenhum recheio. Se parecia com ele, esse café.

Prosegui minha caminhada até ver vários museus e casas abandonadas

que, apesar do esquecimento, continuavam belíssimas construções. A chuva batia na minha cabeça, descendo gelada pelo meu corpo. O frio na espinha me fez lembrar de quando me vi fraca, há muito tempo sem energia, precisando fazer conexões. Então ele apareceu. Eu não estava atraída por ele, mas precisava namorá-lo até conseguir saber mais sobre suas almas gêmeas. O universo cobra um preço por me alimentar.

Me afastei das lembranças quando cheguei ao local. Eu sabia intuitivamente que a Gêmea estaria ali. Era uma velha mansão de dois andares, com varanda na parte da frente do térreo. Heras cresciam nas suas paredes e folhas forravam o chão já cheio de musgo. Toquei o portão, onde estavam escritas as iniciais de uma família há muito tempo morta. A tinta já estava descascando, revelando ferrugem. Olhei para a casa novamente e vi um par de olhos laranja me encarando da janela da varanda. Não tive medo.

Empurrei o portão, e ele se abriu com facilidade. Entrei e ouvi o som engraçado que minhas botas faziam ao pisarem na lama que tinha virado o chão. Subi na varanda e agora, sem a chuva sobre mim, finalmente senti o quanto estava molhada. Toquei na maçaneta e alguém abriu a porta do outro lado.

Entreí, pois interpretei aquela porta aberta como um convite. Dentro da mansão, um lustre iluminava o interior. Olhei ao redor e notei que a sala só tinha um tapete e um sofá, nada mais. Também notei um homem, que parecia ter uns 30 anos, vestido com uma camiseta comum e uma bermuda. Seu cabelo era amarelo e seus olhos, laranjas. Ele era bem apresentável e, talvez por isso, gostei dele.

— Como conseguiu entrar? – sua voz era grave e baixa. *Controlada* seria o melhor adjetivo.

— O portão estava aberto. – respondi calma, como sempre estive na vida.

— Não, estava trancado com uma corrente. – o homem andou até mim e me observou com interesse. – O que veio fazer aqui?

Pensei e respondi:

— Só vim andando, até chegar aqui e encontrar você.

— E por que parou aqui?

Continuei encarando o rosto daquele homem, e logo soube o que ele era. E dei risada – as almas dessas espécies sempre me atraem, igual ao meu ex-namorado. Ele reparou que eu havia descoberto e riu junto, convencido. Porém, decidi continuar com o jogo:

— O que você é dele? Irmão? Amigo – não obtive nenhuma reação, então o jeito era jogar pesado. – Namorado?

Nesse instante, a mandíbula dele travou e eu entendi o porquê de eu ser a chata, insuportável e todo o resto. A frustração constante dele comigo e outras ex-companheiras. Meu ex-namorado gostava desse demônio, talvez até tenha se declarado ao longo dos milênios, mas não obtivera resposta. Até agora. Eu tinha que resolver isso, havia muito tempo e sentimento envolvido. Muita energia, alimento para muito tempo.

— Como sabe de mim? – o homem me perguntou. – Ele te contou?

— É o meu trabalho ler esse tipo de sentimento e consertar problemas como o seu. – dei um sorriso dissimulado e me sentei no sofá empoeirado. Estava cansada e me esgotando rapidamente. – Assim como vocês se alimentam de prazeres mundanos, eu me alimento de algo muito mais difícil de conseguir.

— Como posso te chamar? – o homem se recostou na parede e tentou recobrar a postura de antes, mas a ira e a vergonha já estavam estampados em sua cara, sentimentos ridículos dentro da atual situação.

— Me chame de Cupido, embora eu tenha nomes melhores.

— Cupido? – o homem me olhou com escárnio e eu apenas revirei os olhos. Eles se mereciam mesmo.

— E como devo chamá-lo? Naamah? - o homem ficou com os olhos esbugalhados, não esperava que eu pudesse ler tanto a sua alma. *Um nome carrega poder.* E eu já sentia o meu aumentando conforme a roda do destino fazia o resto do trabalho. – Apenas diga para ele o que sente e sua alma ficará mais leve. Vocês não precisam ter toda essa babaquice de relacionamento, apenas conversem e sintam. Só isso importa.

Naamah ainda estava pensativo. Me levantei e fiquei de frente a ele. Segurei sua mão direita e, com as unhas, cortei sua palma. Com o sangue que escorreu da ferida, desenhei um círculo ao redor do seu dedo mindinho.

— Pronto! – falei, fingindo animação – Agora você tem uma parte do Akai Ito, o fio vermelho do destino. Basta você fazer o mesmo com Sammael e juntar os dedos, como se estivessem fazendo uma promessa, evitando usar palavras. É bem simples. Você consegue?

Naamah afirmou com a cabeça. Então eu apenas me virei e saí para a chuva que já estava mais fraca, quase uma garoa. Era um saco ter de tratar de amor com demônios quando com humanos nós só fazemos nossa “mágica” e tudo se resolve. Com humanos, a carga energética é maior, mais forte e muito

mais succulenta.

O que estou sentindo agora não é nada comparado ao que eu poderia sentir se aqueles dois fossem mundanos. Oh! Ainda me lembro da primeira vez que senti! Quão delicioso e quão incrível foi!

Fiquei tão absorta nas lembranças que não vi minha irmã aparecer na minha frente. Daeva. Enquanto eu tinha que espalhar o amor entre os demônios, ela era o ódio para os anjos. Sem isso, o universo explodiria e tudo iria a ruína. Nada de mais, nada de menos. Equilíbrio.

— O que você quer? – falei, já ficando de mau humor, mesmo carregada de energia.

— Sempre tão receptiva e alegre! – Daeva me irritava por ser tão irônica e soar feliz na mesma sentença. – Estou aqui apenas para informar uma novidade: Tem um cara novo!

— Um cara? Quer dizer um namorado? Seu?

— Não! Você vai ter um novo parceiro. Para copular.

— *O quê?* – pela primeira vez em muitas eras, realmente expressei e senti a emoção: ultraje, raiva e desespero. Não queria copular. Eu era imortal. Não precisava disso! – Quem te disse isso?

— Todas nós vamos sofrer um *upgrade*. Vão cruzar com novas espécies mais desenvolvidas para criar novos e melhores sentimentos. Vão acabar com todas nós. E não há nada que possamos fazer.

— NÃO! – meu grito foi ouvido por toda a rua, mas não liguei. Só queria externar minha real frustração e, ainda assim, isso não aliviou nada do meu sofrimento. – Estou no mundo desde antes dos humanos, quando animais começaram a sentir! Não podem me substituir! Não vão!

— Já fizeram. – Daeva me olhou com compaixão. Daeva não possuía compaixão! – Vamos nos apaixonar, procriar e ser substituídas dentro de um ano. Tudo vai mudar, a vida vai seguir e não há nada que possamos fazer.

Daeva se virou e foi embora, como o homem hoje de manhã, como eu. Como todos. Eu só fiquei lá, no meio da rua, chorando ao ver meu próprio mindinho com um anel vermelho de sangue.

NO FUNDO DO QUINTAL

IVAN Y. SIKORSKI

Rufus cuspiu janela à fora e acendeu um cigarro. Catou a espingarda calibre 12 no armário do quarto e encheu o bolso da jaqueta de lã com balas. Estava de cueca, vestindo a camisa esgarçada que usava para dormir e a jaqueta, que pegara apressado. Ele e Helena, sua esposa, dormiam profundamente quando os pequenos irromperam a maldita porta do quarto e os acordaram com gritos de pavor.

— Por Deus, seus pirralhos! Se for uma maldita topeira presa, juro que arrancarei o couro de vocês e curtirei para fazer um casaco! – Ele aproximou o rosto dos pequenos Bernardo e Tomé. Ambos transpiravam e respiravam fundo, com os olhinhos arregalados.

Rufus soprou a fumaça cinzenta e riu.

— Venham com o pai, que vamos dar um jeito nesse bicho aí! Heh!

Ele desceu as escadas com passos cautelosos. Odiava o jeito que as tábuas de canela rangiam por todo maldito canto daquele casarão. Seus filhos o acompanharam em silêncio, abraçados à sua cintura. Rufus chegou à cozinha e caminhou até a mesa de jantar, ao alcance de um cinzeiro de pedra, e amassou a bituca do cigarro. Com rápidas olhadelas, espreitou a janela e vislumbrou apenas o breu da noite por detrás das cortinas brancas e rendadas.

Com um gemido baixo, dobrou os joelhos e sentou-se numa cadeira.

— Tomé, passe a térmica, sim?

Era costume de fumante – ou talvez mais um maldito trauma da guerra. Quase toda madrugada Rufus descia à cozinha para tomar café frio e fumar dois ou três cigarros. Passava uma hora ou duas matutando, sempre com os

olhos fixos em algum canto escuro, perseguindo inimigos imaginários, voltando doze anos no passado àquele fronte amaldiçoado no costão germânico, com seu pelotão aos frangalhos atrás de si e um comandante dividido ao meio por uma mina, agonizando aos seus pés.

— Aqui, pai.

Rufus abanou a cabeça, livrando-se de tais pensamentos e focando novamente em seus dois pequenos medrosos. Ele riu e afagou os cabelos escuros de ambos.

— Obrigado.

O velho veterano encheu uma caneca de cerâmica amarelada e tornou o café numa só golada, sentindo o gosto forte provocar um comichão em sua língua e atravessar sua goela de forma pesarosa.

— Muito bem! Vamos lá?

Rufus abriu a espingarda e enfiou duas munições no cano duplo.

— Não – Gritaram os dois, abraçando-o e se interpondo entre ele e a porta. – Não vá, pai, por favor! Fique aqui, chame a mãe!

— Ao diabo que a chamarei! Deixe que durma, ela acordará com o tiro desta belezinha aqui de qualquer jeito... e acreditem, o humor dela será o próprio inferno quando isso acontecer. Mas, – ele torceu o rosto, como sempre fazia quando se referia à Helena e suas crises de humor, – somos apenas homens, não é rapazes? Vamos lá e deixem de bobagem.

Ele girou a maçaneta e se deparou com a brisa fria da noite, que empurrava os galhos do pé decrépito e careca de ameixa. O quintal era um terreno circular, com cem metros quadrados cobertos por um manto de grama. Rufus levantou os olhos e inspirou três vezes, franzindo o cenho.

— Maldição, que cheiro é esse? – Era algo acre, azedo e úmido. – Fiquem atrás do pai, entenderam?

Ambos concordaram e se agarraram à bainha da jaqueta dele.

Ele caminhou com passos remediados e calculados. Havia algo de errado no ar e, apesar do terreno não ter canteiros de flores ou juncos de capim próximos, Rufus não enxergava nada à sua frente. Esperou até que a visão se acostumasse com a escuridão e logo o antigo breu deu lugar a um misto de leves contornos que demarcavam o quintal.

Um movimento.

Um rosnado.

Rufus deteve seus passos. Às suas costas, seus dois pequenos espreitavam o pé de ameixa e o sinistro som que vinha de trás dela.

Eles andaram.

O rosnado ficou mais alto; um som sufocado, grasnado. Ele engatilhou uma vez. Algo se mexeu de repente. Tomé tropeçou e caiu, soltando um grito apavorado. Rufus pulou para frente da criança, encobrindo o filho da coisa que saía do esconderijo.

— Sai daqui, besta!

O estampido da espingarda foi alto e ressoou forte. Seus dois pequenos gritaram.

Tomé estava com os ombros e a cabeça repletos de pedaços de carne e sangue, assim como as pernas de Rufus.

Ele cuspiu.

— Demônio, mas que merda era essa?

O patriarca revirou a pasta ensanguentada que havia se formado e pode ver os traços da cabeça de um cachorro, de focinho arreganhado e baba branca molhando os lábios.

Raiva.

— Maldição – Ele se agachou e puxou o filho, tirando um pouco dos restos da roupa dele. Varreu os arredores com os olhos e os encarou. – Podem ir dormir agora, molecada, está tudo certo. Era só mais um cachorro doente.

Rufus empurrou os filhos gentilmente, enquanto retirava o cartucho restante da arma. Seu coração parecia uma sequência de bateria, exatamente como a barulheira infernal que ouvira na guerra. *Deus... preciso de algo mais forte que café*, pensou.

— *HUUUUUFFF!*

Rufus parou.

Um arrepio trespassou sua espinha.

— Bernardo, Tomé! – Chamou-os. Os meninos estavam petrificados e tremiam, mesmo sem conseguir ver aquilo que os espreitava. – Subam e se tranquem com sua mãe. Agora!

Os dois correram, já soluçando de pavor.

Rufus buscou a munição no bolso da jaqueta e abriu o cano da espingarda, colocando-as.

Ele se virou.

Uma silhueta retorcida, pálida e magra debruçava-se sobre o cachorro morto. Rufus deu dois passos à frente e engatilhou a arma, deixando o estalo metálico ressoar na noite.

A criatura levantou o rosto o suficiente para Rufus vacilar e sentir

Rufus levantou a arma.

Os dois primeiros tiros atingiram de raspão os monstros, que tropeçaram no gramado. Ele recarregou a arma com mãos trêmulas, enquanto sussurros ininteligíveis saíam de seus lábios ressecados. Uma prece? Uma praga? Não sabia. Não tinha tempo para pensar. Explodiu a cabeça daquele que estava mais perto, dez passos adiante. O outro tiro atingiu o chão e levantou tufos de grama.

Rufus tropeçou para dentro de casa e trancou a porta, detendo-a também com a estante de sapatos que estava ao lado. Ele escorregou no piso de madeira e correu para as escadas. Sons abafados de batidas nas paredes de madeira surgiram. Cacarejos por todos os lados.

Tropeçou na subida das escadas e ouviu um som agudo de vidro estilhaçando. Rufus derrapou no assoalho de mogno e soltou um grito enfurecido, apoiando-se na arma como uma bengala e correndo para cima.

O corredor que levava ao quarto dos pequenos e ao seu estava escuro. A janela, no fim dele, fora partida em milhares de pedaços. Rufus ouviu gritos de pavor.

— Bernardo! — Chamou, notando a porta do quarto dos filhos escancarada.

Ao ouvir os estalos bestiais, correu.

Com passadas desesperadas, entrou no quarto, mas estancou e soltou um grito. Bernardo jazia na cama, com os olhos vazios. Da sua boca entreaberta, sangue escorria. O estômago estava aberto e dilacerado.

Ao lado da cama, uma das bestas estava curvada sobre o corpo da criança, emitindo sons de mastigação e grunhidos ferozes.

Rufus sentiu os olhos encharcaram com as lágrimas quentes. Um rubor subiu-lhe o corpo. Seus lábios tremeram, assim como as mãos e pernas. Ele tropeçou e caiu de joelhos no assoalho, fazendo o monstro sobressaltar de susto e gritar, pulando em cima da cama como uma aranha.

—M-morra, verme do inferno!

Ele enrijeceu os braços e levantou a mira. O monstro estalou e gritou, abrindo a fenda ensanguentada que era a sua boca. O primeiro tiro atravessou seu estômago e o jogou para trás. O monstro retomou a postura e abriu um sorriso sinistro. Rufus puxou o gatilho e liberou o segundo cartucho, que varreu a expressão infernal, deixando um toco ensanguentado no lugar da cabeça.

Rufus ofegou e virou o rosto, escondendo de seus olhos a imagem do

filho. Engoliu o choro e urrou de raiva, levantando-se e voltando para o corredor, empunhando a espingarda.

Parou na frente da porta de seu quarto e abriu a arma, enfiando dois cartuchos no cano duplo. Seus olhos petrificados derretiam em lágrimas, que rolavam pelo rosto e molhavam a barba. A respiração, tão irregular quanto as batidas de seu coração, vinha em tossidos. Os pulmões ardiavam.

Meteu a sola do pé na madeira grossa e arrombou a porta, fazendo lascas de madeira voar.

A cabeça de Tomé espreitava a borda do lençol. Sua expressão fria de medo estava congelada, os olhinhos vidrados no teto. Totalmente parado. Sem vida. À altura de suas pernas, os lençóis brancos e rasgados contrastavam com as manchas escarlates. Rufus ofegou e abriu a boca num lamento raivoso. Mais lágrimas jorraram e lhe embaçaram a vista.

A ponta da uma cabeça calva e lisa surgiu e aos poucos uma das criaturas se levantou, mantendo os grandes globos escuros fixos nele. Rufus apoiou-se na porta, desconcertado demais para manter-se de pé.

O bicho retorceu-se para cima, fazendo seu corpo dobrar e estalar. Media um metro e meio e possuía o corpo lambuzado de sangue. O demônio andou em sua direção, esticando as garras que pingavam.

Na guerra, Rufus lutara com sangue por todo corpo, sangue de amigos e inimigos que lhe encardiam a farda. O rifle pesava mais a cada tiro dado, a cada homem hostil eliminado. Ele poderia ter fugido, abandonado seu posto como tantos outros fizeram e dado as costas àquilo, mas não o fez. O instinto o levou em frente. Algo dentro dele que ansiava por sua casa tranquila, pelas manhãs ao lado de Helena, sentindo aquele seu perfume de essência de laranja alegrar o ar.

Rufus rugiu.

Com a ponta da arma, esmurrou o peito do demônio e virou-a, acertando-o com a coronha de madeira. A criatura desmantelou, com os longos braços remexendo e procurando incessantemente por apoio.

Antes mesmo da criatura atingir o chão, a espingarda disparou. O par de estampidos encheu o quarto, o cheiro de pólvora subiu de repente, infiltrando em suas narinas como uma cruel lembrança dos dias em conflito. A fumaça dos disparos se esvaiu e deu lugar à imagem destruída do monstro: a cabeça calva se dividira em duas e a anca esquerda e ossuda jazia triturada sobre o assoalho.

Rufus varreu o local com os olhos, evitando agora a imagem do seu

outro filho. Sem sinal de Helena, percebeu. Onde diabos havia se metido? Com mãos trêmulas, abriu a espingarda, colocou dois cartuchos no cano e voltou para o corredor.

Ao virar, seu ombro bateu em algo macio.

Seu nariz se contraiu com o cheiro.

Sangue. Na guerra, o cheiro de sangue substituía o tranquilo aroma do orvalho sobre a grama. Pesado e irritante, ele o acompanhara por quase dois anos, manchando-lhe a pele e as roupas como uma maldita lembrança dos amigos e inimigos eliminados.

Porém, havia algo a mais por trás daquele cheiro.

Voltara para casa com uma pequena sacola e várias cicatrizes. Fazia frio e chovia naquele dia, mas nada disso a impedia de esperá-lo por horas a fio na estação de trem, com aquele sorriso no rosto e os olhos molhados. Rufus se lembrou subitamente daquela sensação libertadora da paz, do morno aconchego de um abraço apaixonado...

Do cheiro de seu perfume de essência de laranja.

— *HUUUF!*

A PRINCESA SOMBRIA

ERIC DRAVEN

Havia na Transilvânia um castelo em ruínas habitado por uma jovem de indescritível beleza. Passava o dia todo adormecida, só despertava quando a lua se erguia no céu. Era conhecida por toda aldeia como “Ileana, a princesa sombria”. Logo surgiram boatos alegando que a garota era um vampiro. Temendo uma maldição que pudesse se alastrar a todos os outros membros da família, seu país decidiram partir, deixando somente um empregado para zelar por sua filha enquanto ela não despertasse.

Edward, o responsável pela função, começava as atividades do dia promovendo a limpeza do lugar. Depois saía para colher frutas e caçar coelhos selvagens para o desjejum da garota. Partia sempre antes do anoitecer, pois ninguém sabia ao certo o que ela fazia ao despertar. Desse modo, jamais poderia confirmar a lendária beleza da jovem que igualmente nunca conheceria seu protetor.

Certo dia, Edward achou ser necessária uma limpeza no quarto dela e decidiu adentrar em seus aposentos. Abriu a porta com delicadeza e mergulhou num ambiente mal iluminado, propício para um vampiro sobreviver. A garota permaneceu profundamente adormecida enquanto executava a faxina. Antes de sair, movido pela curiosidade decidiu olhar sua face. Aproximou-se da cama com cuidado e apesar da pouca claridade do local pode ver como era bela. Imediatamente, sentiu queimar em seu peito o fogo ardente da paixão. Contemplou sua beleza durante toda tarde sem perceber que o cair da noite se aproximava. Desesperou-se ao ver as pálpebras dela se abrindo.

Correu para fora do quarto em direção a porta. Em seu nervosismo, não conseguia encontrar as chaves. Viu a sombra da vampira projetada na parede pela luz dos castiçais. Ela estava totalmente desperta, descendo a escadaria que conduzia á sala onde se encontrava. Devia estar sedenta de sangue e ele, seria um delicioso banquete.

Por alguns instantes apenas se encararam em silêncio. Ela estava curiosa por finalmente conhecer seu benfeitor, ele, apavorado por estar diante da vampira. Nesse momento, pôde analisa –lá melhor . Ela nada tinha de assustadora. Pelo contrário, sua beleza incomensurável instigava as maiores paixões. Seus cabelos eram uma cascata escura que desciam até as costas, os olhos verdes cintilavam como esmeraldas. Os traços delicados contrastavam com uma pele pálida de quem nunca via a luz do sol .Teve certeza de estar diante da mais formosa mulher que havia visto em sua vida .

A jovem finalmente quebrou o silêncio:

— É você que mantém o castelo limpo e aquecido, e cuida para que eu sacie minha fome? A voz era doce como um trinado.

Edward confirmou com a cabeça, e se apresentou, totalmente encantado pela garota que se aproximou com passos suaves e repousou suas mãos macias e quentes em seu rosto enrubescido.

— Não sabe o quanto esperei por você meu amado. Todos os dias quando estou aprisionada nesse sono mágico sonho com você me salvando dessa maldição. O rapaz permanecia atônito com tamanha demonstração de ternura enquanto ela contava sua história:

— Meu nome é Ileana. Há anos fui vítima de um feitiço lançado por uma bruxa que cobiçava o nobre cavaleiro que era prometido a mim. Desde então, sou condenada a passar todos os dias morta para o mundo enquanto a vida pulsa lá fora, só desperto quando as trevas deitam suas sombras sobre a terra. Todos me temem e me evitam, acreditando que sou um vampiro. Sabe que isso não é verdade .Caso o contrário , não me alimentaria das refeições que prepara para mim .

— Como posso te libertar dessa maldição? – perguntou Edward.

— É preciso que um homem de coração puro tenha coragem de adentrar nos domínios da bruxa e enfrentá-la trazendo consigo sua cabeça. Não posso permitir que empreenda tamanha jornada por alguém a quem mal conhece.

— Apesar de conhecê – la há pouco, desejo livrá-la desse tormento para que possa dividir comigo o néctar da sua existência. – disse o rapaz irreduzível em seu ímpeto de executar a missão.

Ileana segurou levemente seu braço e o advertiu dos riscos da empreitada. Conversaram durante toda a noite, e não perceberam quando a aurora anunciou a chegada de um novo amanhecer. Antes que pudessem juntar os lábios e consumir um beijo, a lua colocou seu véu, a jovem cerrou os olhos e dormiu novamente. Logo após repousar sua amada sobre a cama, Edward partiu rumo ao reino da bruxa.

Ela habitava a floresta escura onde não havia distinção entre dia e noite, pois ali as árvores eram tão altas e a vegetação tão espessa que nenhum raio de sol penetrava em seus domínios. As árvores retorcidas e ressequidas conferiam um aspecto lúgubre ao lugar. Edward entrou na floresta cuidadosamente com seu cavalo, pois uma espessa neblina cobria o terreno acidentado. Sentiu o sangue enregelar ao ouvir o grasnado sinistro dos corvos pousados sobre as copas das árvores. Nesse momento de desatenção percebeu ter entrado num profundo lamaçal.

O cavalo tentava sair a todo custo. Quanto mais tentava, mais afundava. Em seu desespero, Edward tentou içá-lo com ajuda de uma corda, mas suas forças começaram a sucumbir devido ao cansaço. Já estava sem fôlego quando viu o pobre animal ser lentamente soterrado pela areia movediça. Soltou um grito agoniado pelo ocorrido. Por fim, recuperou a coragem para prosseguir.

Depois de uma caminhada sem maiores incidentes, finalmente encontrou a cabana da bruxa. Pretendia voltar imediatamente para os braços de Ileana, por isso decidiu completar logo a tarefa. Brandiu sua espada e rumou até a cabana. Em seu leito, Ileana despertou pela manhã. Sorriu ao abrir a janela do quarto e ver o sol brilhando fulgurante no céu. Sabia que seu amado havia conseguido. A bruxa estava morta e ela, livre da maldição.

Eufórica, se pôs a procurá-lo pelo castelo. Queria recompensar seu herói com beijos e carinhos. De repente, sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Sua atenção se voltou para um dos quartos de hóspedes onde avistou a cabeça da bruxa. A euforia foi então substituída pelo medo. Entrou lentamente no quarto e encontrou uma espada ensanguentada no chão e Edward deitado sobre a cama.

Encostou seus lábios em seus ouvidos e o chamou delicadamente, mas, continuou adormecido. Chamou seu nome inúmeras vezes, porém o rapaz continuava imóvel, indiferente a seu chamado. Ileana caiu de joelhos à beira da cama, com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Acabara de descobrir que a morte da bruxa a livrara da maldição, mas a transferira para o amado. Desde

então, a lenda dos amantes vampiros é contada por toda a aldeia.

DESTINO DE SANGUE

AMANDA BISTAFA

O celular despertou às 18 horas. Luara acordou num sobressalto, livrando-se do pesadelo e suando como se tivesse participado de uma maratona. Enxugou o suor da testa enquanto bocejava preguiçosamente. Tinha uma hora para tomar banho e se aprontar para a aula.

A garota tinha 17 anos e frequentava o último ano do Ensino Médio em Jundiaí, interior de São Paulo. Também tinha um emprego de seis horas no turno da noite em um hospital. Luara desejava se formar em enfermagem e era apaixonada pela futura profissão, principalmente pelo cheiro de sangue – pelas escaras, pelas veias pulsantes que coloriam as peles pálidas e morenas. Não entendia o motivo pelo qual o sangue a atraía tanto.

Na verdade, desconfiava. Sempre estranhou o comportamento de sua mãe, que a impedia de sair de casa durante o dia e a convenceu a trabalhar à noite, embora odiasse a ideia dela querer ser enfermeira e trabalhar em um hospital. Desconfiava também da pele pálida como cera que os integrantes da família possuíam e a falta de apetite de todos no jantar – aliás, parecia que só Luara comia naquela casa. Sem contar o tal segredo de família que seria revelado em seu aniversário de 18 anos, dali a seis meses, e a tal transformação que sua mãe tanto dizia. Quando questionava, a resposta era sempre a mesma: ela “se transformaria em uma mulher adulta e independente”. Mas, lá no fundo, Luara achava que era em outra coisa que se transformaria... Em algo muito mais obscuro.

Às 19:15h, a garota já estava pronta e caminhando até a escola, a apenas algumas quadras de sua casa. Gostava de estudar à noite, pois podia sentir o

frescor do vento em seus cabelos negros e compridos e gostava da brisa batendo em sua pele. Além disso, também gostava das ruas menos movimentadas, frequentadas pelos estudantes do período noturno.

A garota era esforçada, mas às vezes a aula não lhe despertava o menor interesse. Física e matemática eram as matérias que menos gostava; geralmente desenhava algo no caderno ao invés de copiar os milhares de números sem sentido que o professor escrevia na lousa. Naquele dia, porém, havia outro motivo para dispersar a atenção da adolescente: Rian, o garoto novo.

Alto, musculoso, cabelos negros espetados em um moicano, tatuagem no braço, barba por fazer... Luara suspirou. Era simplesmente o seu tipo. Enquanto o professor apresentava o novo aluno para a classe, a garota remexia uma mecha de cabelo com nervosismo. “Será que estou despenteada? Deveria ter vindo com outra roupa hoje, um decote, um salto alto talvez”. Mordiscou a ponta do lápis bem no momento em que Rian lhe direcionou o olhar. “Ai meu Deus, ele me viu!” Mas rapidamente o garoto voltou a percorrer os olhos pelos outros alunos. Parecia tímido, porém havia algo de misterioso em seus profundos olhos azuis.

Para a sorte e euforia da garota, Rian sentou-se na carteira ao seu lado. Luara sorriu e acenou. “Meu Deus, pareço desesperada!” Desviou o olhar e pegou seu caderno com agilidade, virando a página rabiscada e fingindo copiar os exercícios da lousa. Alice ria baixinho. A melhor amiga de Luara, sentada na carteira de trás, já tinha sacado tudo.

A hora do intervalo foi a oportunidade perfeita para Luara se socializar com Rian.

— Hey! Quer pegar a merenda com a gente? — perguntou.

— Claro! — Rian sorriu.

Os três garotos pegaram o final da enorme fila para a merenda, que nesse dia seria, para a sorte de todos, pão com salsicha.

— Você é daqui mesmo? — ela procurou saber, cada vez mais curiosa.

— Ah não, me mudei há pouco. Minha família não mora muito tempo na mesma cidade. Já passei por umas quinze, e nem me pergunte o porquê. Também não sei — disse Rian, com um sorriso de derreter corações.

E de fato derreteu o de Luara. Até pegarem o lanche, os garotos já haviam falado sobre quase tudo, trocado números de celular e contato das redes sociais. O garoto parecia retribuir reciprocamente o encanto de Luara. Alice estava um pouco enciumada pela falta de atenção da amiga com ela,

mas no fundo estava feliz. Luara precisava mesmo de um namorado.

Rian vinha de uma família nômade. Eles se mudavam frequentemente, por isso o garoto não tinha muitos amigos, tampouco namorada. O motivo de tanta andança, fato ainda oculto para Rian, era que sua família fugia para não ser descoberta, pois fazia várias vítimas. Eram lobisomens violentos e impulsivos. Já haviam desistido de controlar o impulso e se entregavam ao instinto assassino todas as noites de lua cheia. Rian estava a seis meses de sua transformação, e seus pais não faziam a menor ideia de como dariam a notícia.

O modo como Luara e Rian se apaixonaram foi a forma mais doce, inocente e pura possível. Totalmente oposta às suas essências cruéis de vampiro e lobisomem: sangrentos, diabólicos e, o pior, inimigos mortais.

Luara completou a maioridade, aceitando sua maldição e adaptando-se a condição vampírica muito rapidamente. Já possuía o fascínio pelo sangue, só precisou acostumar-se às novas presas, que às vezes aranhavam seus lábios, e adquirir lentes de contato castanhas para encobrir os olhos vermelhos. Optou por alimentar-se do sangue de animais, pois não lhe atraía a ideia de matar pessoas. Até poderia transformar alguns humanos em seus servos, mas não estava preparada pra tanto ainda.

Mas a vampira não contou sua verdadeira identidade ao namorado. Temia sua reação, se a julgaria um monstro... Ou uma mundana louca. Disfarçava ao máximo o cheiro de sangue com perfumes, loções corporais e balas de menta, mas parecia que o aroma ferroso sempre a acompanhava.

Rian estava a alguns dias de completar 18 anos quando começou a se sentir diferente, invadido por desejos obscuros... Sua família permanecia escondendo o segredo, imaginando que, se o filho não soubesse da existência de lobisomens, a maldição não o acometeria. Erro de principiante. Na noite de seu aniversário, com a lua cheia resplandecendo sobre a cidade, Rian foi tomado pelo impulso da maldição.

O banho de sangue ocorreu sob a luz prateada do luar, com vítimas aleatórias que, por falta de sorte, cruzaram o caminho de Rian naquela noite. Eram, em sua maioria, homens voltando do trabalho. Os corpos foram arranhados, mordidos e mutilados, seus sangues banhando as ruas. Rian acordou na manhã seguinte com o sol já alto no céu. Estava nu, coberto de

sangue e não se lembrava de absolutamente nada do que aconteceu.

Pânico, terror, desespero. Rian parecia acordar de um pesadelo e se ver ainda dentro dele. Sem fazer ideia do que havia ocorrido, sentiu medo, repulsa e nojo. Não sabia se era vítima da carnificina ou se era o causador. Banhou o rosto em lágrimas o percurso todo até sua casa, até finalmente encontrar seus pais e descobrir o verdadeiro motivo daquilo tudo.

“Sou a pior espécie de monstro” foi a primeira reação de Rian. “Posso gostar disso” foi a segunda. Instinto, herança ou personalidade, que seja. O garoto, agora tão distante daquele bem humorado rapaz do Ensino Médio, tornou-se um lobisomem da pior espécie. Não havia mais compaixão naqueles belos olhos azuis, apenas desejo por sangue.

Entretanto, seu amor por Luara ainda era muito forte. Por isso, resolveu revelar à namorada sua verdadeira identidade num certo dia nebuloso de inverno.

Eram 23 horas quando se encontraram no Jardim Botânico, um ponto turístico local. Na verdade, se encontraram em frente ao local já fechado. O ambiente ali era sossegado durante à noite e dispunha de um banquinho onde o casal sentou-se espaçosamente.

— Lu, meu amor... Há algo sobre mim que precisa saber... Por favor, não me entenda mal, nem se assuste — disse Rian.

Mas Luara já estava pálida - mais que o normal - e enrolava nervosamente uma mecha de cabelo com os dedos.

— O que foi, Rian? — perguntou, mordendo os lábios.

— Eu não sou humano... Eu sou um lobisomem. Virei um, na verdade, no meu aniversário de 18 anos. Não sou como pensa... Há algo que me corrompe todas as noites de lua cheia, e eu não fujo ao meu instinto...

A garota entrou em choque, porém não pelo motivo que Rian imaginou. Seus lábios exclamaram um “Oh meu...”, mas não conseguiu terminar a frase. Não conseguia pronunciar a palavra Deus, a língua enrolou-se na boca.

— Você não pode... Não pode ser! — exclamou, aos prantos.

O garoto envolveu a namorada nos braços. “Calma...”

— Eu sou uma vampira! — berrou Luara.

— *O que?!*

— Somos inimigos mortais... E imortais... Desde o primórdio dos dias. Se nossas famílias virem juntos, nos matarão! — sentenciou a moça.

— Não vamos deixar! Vamos fugir... Vamos juntar nossas forças! Longe daqui, ninguém jamais desconfiará! — retrucou o garoto.

Luara assentiu. Mordiscou os lábios mais uma vez enquanto revirava os olhos.

— Precisamos pegar nossos pertences e partir o quanto antes. Temos que tomar cuidado com o sol também e... — outra questão atingiu os pensamentos da adolescente. — Como está seu instinto? As transformações em lobisomens costumam ser mais difíceis que para vampiros...

— Estou tentando me controlar, mas não posso negar meus instintos selvagens.

O casal partiu naquela mesma noite, mas sequer suspeitavam de que suas famílias descobririam muito rápido seu segredo e que os clãs seriam acionados o quanto antes. Também não faziam ideia de que começaria uma verdadeira perseguição sangrenta no mesmo dia da decisão dos jovens amantes. Para seus antecessores, uma união amorosa entre as duas espécies era não só proibido, como também uma ameaça aos demais seres do submundo. Era um ato inadmissível, passível de punição com morte.

Luara e Rian caminhavam pela estrada de terra sob um céu escuro e sem estrelas. O vento uivante congelaria os ossos de simples mundanos, mas o casal sequer era atingido pelo frio. A apreensão tomava conta da garota, ao passo que Rian seguia confiante.

— Eu te protegerei contra todos se for preciso, Lu, sabe disso.

A garota apenas assentiu, mas o pânico a fazia desacreditar nas palavras do namorado. Sentia que seriam encontrados em breve. Seu medo exalava um odor forte facilmente percebido pelos vampiros, e quanto mais pensava nisso, mais se desesperava.

Rian aguçou os ouvidos para escutar melhor algo que se aproximava.

— Há alguém por perto...

Mal terminou a frase quando um grupo numeroso de vampiros avançou sob o casal, surgindo praticamente do nada. Velozes demais para serem visto, deslizavam pelas trevas com roupas pretas e presas que reluziam sob a lua.

— Pai! — exclamou Luara, num sobressalto.

Mas o homem corpulento já lutava contra Rian. O garoto, agora transformado em lobisomem, rosnava enquanto a saliva escorria num fio viscoso. Rian era mais forte que o vampiro, mas não podia competir com um bando deles. A luta foi uma confusão: sangue esguichava, tufo de pelo

voavam, saliva e sangue se misturavam em meio aos rosnados e gritos.

Rian se desvencilhava com sucesso contra as investidas dos inimigos, quando foi derrubado e rendido por cerca de oito vampiros. Os vampiros fecharam um círculo ao seu redor, enquanto o pai de Luara se aproximava com uma adaga de prata reluzente. Seus olhos faiscavam. Rian debatia-se com os dentes expostos numa expressão de fúria.

No momento em que a adaga seria cravada no coração do jovem lupino, Luara lançou-se num salto habilidoso sobre o namorado, recebendo o golpe. Sem tempo para pensar, a garota cravou as presas no pescoço do amado. “Se tornará igual a mim” pensava com convicção. “Passará pela transformação e não terá mais motivos para o Clã nos perseguir”.

Todos olharam espantados enquanto Luara inchava com o sangue de Rian. A garota virou-se, com sangue escorrendo dos lábios ao pescoço, e vociferou entredentes “saiam!”. Os vampiros recuaram, não podiam intervir na caça de outro membro do Clã. Seu pai lançou-lhe um olhar mortífero antes de desaparecer nas sombras.

Com lágrimas escorrendo sob a face gelada, Luara se desculpava baixinho “me perdoa, amor, me perdoa”, segurando em seus braços o corpo flácido do namorado, agora transformado em humano novamente. Sozinha sob a noite fria, cavou a cova de seu amado com as mãos, descascando as unhas esmaltadas em *pink*, e o enterrou na cova rasa.

A espera pelo amanhecer foi dolorosa, as horas pareciam infundáveis. Quando a aurora finalmente chegou, Luara já havia cansado de se lamentar. Encolhida ao lado da cova, viu os primeiros movimentos do renascimento de Rian como vampiro. Já havia caçado um cervo para sua primeira refeição vampírica. Esperançosa, dispôs o animal morto ao lado da cova e escondeu-se sob as árvores.

Entretanto, o que perfurou a cova e surgiu ao primeiro raio de luz da manhã não era um vampiro, nem um lobisomem, tampouco um humano. Era uma criatura monstruosa, jamais vista ou descrita nas antigas lendas do submundo. O que havia causado a mutação era um mistério. A criatura tinha a força dos lobisomens, a agilidade dos vampiros, as presas afiadas e reluzentes e a pele coberta por pelos espessos. Era grande, robusto e com olhos vermelhos demoníacos. Devorou o cervo em segundos, estraçalhando a carne com os dentes e lambendo o sangue salpicado sob o solo. Com visão e audição extremamente aguçadas, localizou rapidamente a frágil vampira.

Luara observava tudo incrédula e petrificada, sentindo-se vazia e

desesperada. Havia criado um monstro e matado seu amado para sempre. Sentiu que sua vida imortal havia chegado ao fim. Foi um erro o que fez, mas jamais aceitaria que matassem Rian. Seu olhar cruzou com o da criatura, que se aproximava com cautela. Por um instante, a garota pensou ter visto um sinal de reconhecimento em seus olhos, porém logo a impressão se desfez e a criatura avançou num salto.

A vampira foi reduzida a cinzas após seu corpo ter sido destroçado. Não havia mais traços do antigo Rian na criatura, apenas a personificação do mal andando livremente pelas ruas de Jundiaí...

SOB O DESERTO E O SANGUE

MICHELLE PEREIRA

I.

O céu está vermelho e há duas luas agourando o deserto desolado. Os demônios se amontoam atrás das ruínas e penduram-se nos galhos secos das árvores sem vida. Seus gritos são estridentes e assustadores. Porém, isso não me abala. Continuo caminhando. Pés sangrando através dos buracos nos sapatos, lábios rachados pelo calor e a garganta em carne viva.

A Luz pede para que eu não desista. Estou quase chegando.

E o quase nunca chega.

II.

Lembro-me de que eu era padre, mas isso parece ter ocorrido há um século. Minhas memórias são todas confusas e cheias de névoa.

Celebrava missas todos os domingos para uma população miserável de uma cidadezinha de interior cujo nome não lembro. A igreja era tão miserável quanto a cidade. Chegava a ser desprezível. O teto estava ruindo, os bancos de madeira despedaçando-se e as paredes exalavam odor de carne podre. Mas, acho que eu era feliz lá. Ou não? Não consigo lembrar.

Minha cabeça dói. Aperto o crânio com as duas mãos e forço-me a aguentar a nova crise de dor. Provavelmente é o cansaço, contudo não posso parar. Preciso continuar andando. Preciso chegar aos Portões de Luz antes que eles se fechem.

Mais uma besta grita e seu berro ecoa dentro do meu cérebro. As ondas

de som alongam-se e parecem intermináveis. Cubro os ouvidos com as mãos.

Uma besta aproxima-se de mim. Sua língua comprida rasteja no ar ao seu redor, ela poderia ter um metro e meio de comprimento e ainda acho que seria pouco. A besta não tem olhos, sua face é costurada grotescamente. Seu corpo é semelhante ao de um ser humano, porém ela anda sobre os quatro membros. A pele é de um tom amarelo que me lembra doença e morte, e é cheia de cicatrizes horríveis e chagas abertas.

— Afasta-te de mim, fera dos infernos, em nome de Deus!

A besta grunhiu de uma forma estranha, como se estivesse rindo, e os cantos de sua boca pútrida se levantaram para cima. Contudo, ela retornou às ruínas.

— Continue a caminhada, padre. Não se deixe abalar. – a voz doce e melodiosa falava em minha mente.

III.

Encaro a lua maior e depois sua companheira menor. As luas estavam se retirando para dar lugar ao sol. O céu deixava a tonalidade rubra de sangue seco e ganhava matizes de vermelho aberto, que lembrava sangue fresco. O sol, um esplendor de laranja e amarelo, seis vezes maior que o sol da Terra, apontava no horizonte. E com ele o calor retornava.

O suor escorria pelo meu rosto e fazia arder as feridas. A batina, rasgada depois de uma queda, deixava parte do peito descoberta e a pele queimava no calor do sol. Os dedos dos meus pés estavam cheios de bolhas e feridas ensanguentadas. Internamente, me perguntei se conseguiria caminhar depois que toda a carne se descolasse dos dedos e restassem apenas ossos.

— Persista, padre. – a voz incentivou.

E persisti.

IV.

O sol a pino me fazia delirar.

Imaginava cobras passeando sob meus pés. Elas sibilavam, enroscavam-se em minhas canelas, balançavam seus chocalhos. Os demônios riam, com seus rugidos bestiais, de meu desespero. Tentei me manter calmo e ignorei as visões. Não havia nada em baixo de meus pés a não ser areia. Nada!

— Ajude-me, Luz! Ajude-me! – implorei.

— Prossiga, padre. – foi a única resposta.

Queria gritar que não aguentava mais, voltar atrás, ou simplesmente parar, esperar e morrer. Mas precisava salvar minha alma. Era necessário. A Luz me disse isso. Eu precisava atravessar os Portões de Luz e então estaria no Paraíso. São e salvo.

Essa provação não era nada.

Tropecei e já não tinha forças para me manter equilibrado. Deixei o corpo cair sobre o tapete de areia macia e quente. A sensação era de estar deitado sobre brasas fumegantes. As feridas ardiavam, queimavam, ferviam meu sangue. Eu já não possuía condição física alguma de me levantar.

Uma lembrança aflorou em minha mente, longínqua e enevoada. Risos e alegria. Estou rindo, estou feliz. Estou em um quarto com alguém. E a memória foge.

— Levante, padre. – a voz incentiva.

— Não consigo. – sussurro.

— Levante-se! Siga em frente!

— Não posso.

— Levante-se! – o grito é forte.

Então me levanto. Continuo a caminhar impetuosamente. Nada mais importa, apenas os Portões.

Os demônios uivam. Batem galhos secos nas paredes das ruínas, atiram pedras em mim sem conseguir me acertar.

— A Luz me protege! – grito para eles – Vocês não beberão do sangue de um filho de Deus!

As bestas rugem.

Olho para trás, as feras lambem o rastro de sangue que deixei no caminho. Observo meus pés. Um dos dedos está negro e coagulado. Isso não é importante.

Uma gota de suor escorre até meus lábios rachados e sinto o sal arder em um corte. Não consigo mais! A dor está me paralisando.

E vejo uma luz no horizonte. Ela é forte e brilhante. Os Portões! Encontrei os Portões da Luz!

Corro. Desengonçado e vacilante, mas corro. A agonia está perto do fim.

Tropeço em uma pedra e caio novamente. Meu joelho sangra e há uma estaca de metal cravada em minha coxa. O sangue flui como a correnteza de um rio.

Não posso, não posso parar! Ponho-me de pé com o que resta de minhas forças. A luz está se tornando mais estreita. Os Portões estão se fechando!

Corro mancando, arrastando a perna machucada.

Os demônios berram. Os gritos são ensurdecedores. Penetram em minha mente e desfiam meus pensamentos. Preciso correr. Essa é a única ordem em meu cérebro e a única ordem que meu corpo obedece.

As bestas se juntam sobre o rio de sangue que deixo na areia. Deliciam-se e adoram meu sangue.

— Malditos sejam! – praguejei.

Os Portões da Luz estão próximos. E a fenda está cada vez menor.

São enormes, os portões. Feitos de madeira branca esculpida e adornados com ferro fundido. Penso que sua altura pode ser comparada a um prédio de cinco andares.

— Apresse-se, padre! – a voz sussurra.

— Estou chegando, Luz! Aguarde-me!

As feras riem.

A luz é ofuscante, não consigo ver mais nada a minha frente, mas sei que a fresta dos Portões me permitirá passar. Eu preciso passar. Sou merecedor, passei pela provação. Passei pelo purgatório.

Minha mão deixa uma marca escarlate da madeira alva. O portão é quente. Se comparado ao calor do deserto, pode ser multiplicado por mil. Minha palma se enche de bolhas e sangra.

— Eu estou aqui, Pai! – grito quando atravesso a porta – Estou aqui! Eu consegui!

V.

E então minhas memórias retornam.

Sim, eu era padre.

Sim, eu celebrava a missa em uma cidade de miseráveis.

Sim, eu era feliz.

Sim, minha felicidade era apoiada em estupros.

Era isso que eu fazia. Estuprava as meninas da cidade. Às vezes, dava algum trocado para elas; outras não. E eu celebrava a missa para suas mães e sorria para elas, como se nada acontecesse atrás da igreja.

Sim, eu era um canalha sujo.

Sim, eu mereci meu fim. Uma bala na cabeça e um corpo atirado em uma vala.

Sim, eu merecia passar por essa provação. Eu não era e não sou um

homem de Deus. Sou um monstro em busca de arrependimento, mas não me arrependi. Eu não me lembrava do que havia feito, então meu calvário não valeu nada. O sangue, as bolhas, as feridas. Nada.

E não foi surpresa que, atrás dos Portões da Luz, um demônio me aguardasse.

Fiquei paralisado diante da besta, a maior que já vira. Um ser humanoide, coberto de pelos brancos, com garras e focinho como um lobo albino. Seus olhos demoníacos tinham uma tonalidade ora vermelha, ora púrpura; e seus dentes – sim, daqueles dentes eu me recordaria por toda minha existência – eram brancos como neve. Ele rugiu e o som transpassou meus ossos e vibrou em minha alma.

— Bem-vindo, você que se autodenomina filho de Deus! Bem-vindo! Bem-vindo ao Inferno!

A CAÇADA DE ESTER

IVAN Y. SIKORSKI

— Bosta.

Enur cuspiu o sangue no solo pútrido do Pântano Arkadum. Aos seus pés, jaziam três trolls parrudos e mortos pela sua lâmina Nenímia, A Branca. Os três padeceram com certa facilidade, pois mesmo o mais duro casco torna-se manteiga frente à sua espada.

Com seus olhos felinos e amarelos como ouro, viu o topo da casa endiabrada onde a bruxa vivia, com telhados quebrados e bagunçados e uma torre tão torta quanto um ramo podre. O cheiro que emanava dali era sinistro, como se todo o ambiente estivesse dentro de uma tumba guardada há centenas de anos. No ar, pairavam resquícios de gritos vindos da moradia.

Enur embainhou Nenímia nas costas e começou a caminhar. As botas amassavam as folhas enegrecidas no chão e afundavam no solo pantanoso. Ele desviou de aranhas púrpuras e grandes como um melão. Dentro do bosque, árvores de contornos cinzentos e troncos sinuosos curvavam-se em sua direção, como se fossem velhas corcundas. O crepúsculo descia àquela hora, porém ali no submundo, na terra dos sujos e exilados, era sempre escuro.

Enur fora contratado por Gustasson da Nortandia, um nobre que ocupava a vigésima oitava posição nas famílias de sucessão ao trono de Darcabor, para matar Ester, a bruxa que havia sequestrado quatorze crianças da região. Após receber um razoável patrocínio e recolher depoimentos dos raros sobreviventes e daqueles que viram a nefasta mulher em suas andanças, comprou um garanhão de boa qualidade e rumou para o portão de Olkaur, a

terra sem luz, submundo do planeta Ananuir.

Com a cautela de um predador que se aproxima da presa, Enur adentrou ainda mais a floresta amaldiçoada. Aos arredores, era possível escutar cacarejos, o barulho dos animais noturnos se rastejando pelo solo e o leve timbre do chocalho de uma serpente. Ele sabia que muitas das coisas ali eram meras ilusões, pois, a cada passo, sentia atravessar mantos invisíveis de encantos e alucinações, fatais para um mero humano – mas não para ele, um elfo da floresta descendente do deus Anan, criador da superfície e da luz do sol.

De repente, mais gritos vieram da casa.

As vozes eram agudas como as de crianças. Uma risada gélida cortou os ares e um último berro de dor pairou, arrepiando a sua nuca. Enur cerrou os punhos com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Era uma ilusão, tinha que ser. As crianças tinham sido sequestradas há mais de dois meses...

Quando menos esperou, silêncio novamente.

Cinquenta passos à frente, a casa erguia-se em meio a uma clareira, torta e decrepita, com tábuas escarpadas alojadas como espinhos. Nas inúmeras janelas quebradas, sombras estáticas o encaravam. Ele vacilou na passada. Quatro criaturas permaneciam imóveis como totens, trajadas com mantos negros e desfiados e com capuzes que cobriam os rostos.

— Bruxa! – o elfo gritou, e sua voz ecoou no vazio do bosque. – Eu vim para aplicar justiça! Apareça e não seja covarde de usar seus truques contra um adversário munido somente de espada!

Outra risada atravessou a clareira, vinda da casa.

De repente, as janelas bateram contra os batentes. Como se fossem folhas empurradas pela brisa, os encapuzados pairaram em sua direção, estendendo suas sombras no solo. Eles ergueram as palmas das mãos abertas e, por detrás dos capuzes, murmuraram em uníssono, parecendo conclamar um encanto ou recitar um chamado. O ritmo de suas vozes vazias era enlouquecedor.

Ele deu um passo para trás.

Atrás de si, o ar pareceu vibrar. O elfo segurou a respiração e arregalou os olhos.

Suas mãos agarraram o cabo de Nenímia e a puxaram, desembainhando-a. O risco do fio metálico contra aço da bainha rasgou o ar e ele virou-se, deparando com as oito fadas que partiam num silencioso ataque às suas

costas. Golpeou, meneando a espada em cortes diagonais. Pingos de suor verteram de seu queixo.

As oito fadas caíram no gramado ressecado, os pequenos corpos mutilados tremendo em espasmos, o sangue azul e viscoso jorrando dos membros. Seu aspecto monstruoso – asas membranosas, garras e dentes afiados, narizes aduncos e corpos atrofiados – revelavam sua ascendência. Fadas malfeitoras de Olkaur. Carnívoras. Caçadoras silenciosas e esguias... mas não o bastante.

— Já passei por muitos oponentes – gritou novamente Enur, com raiva, – para ter que matar algumas fadas agora. Saia da casa, bruxa! – ele abaixou o tom de voz para quase um sussurro – Ou eu irei até você.

A resposta era esperada: silêncio.

O canto de seus lábios se contraiu num sorriso.

Com a espada em punho, Enur adentrou o pátio em direção às criaturas.

Ele atacou primeiro a da esquerda com dois golpes verticais, que desviou com um movimento de ombros. Enur rosnou de raiva e golpeou novamente, de baixo para cima, mas mudou a direção na última hora e levantou a lâmina. A finta rápida confundiu o espectro e decepou seu braço esquerdo na altura do cotovelo.

O encapuzado rugiu e se afastou, praguejando outra praga para Enur.

— *Você não pode me matar, mercenário!* – gritou a bruxa. Sua voz retumbou nos ouvidos de Enur. – *Sou Ester, criada em Olkaur...*

Os espectros se aproximaram novamente enquanto sua mestra discursava. Enur brandiu a Nenímia, observando os filetes negros e azuis de sangue deslizar pelas ranhuras do aço fosco. Nenímia o entendia. Era direta e sua conversa era objetiva, suas palavras... *afiadas*. Nenímia era morte e isso era tudo que ele precisava. Com um urro selvagem, atacou as criaturas, desenhando um golpe horizontal. O aço atravessou as camadas de proteção encantadas e cortou carne e ossos num único movimento.

Direta e objetiva.

As quatro cabeças rolaram pelo chão, espalhando seu sangue venenoso.

O mercenário olhou ao redor.

— Que tal pular a conversa furada? Eu sei onde você foi criada, bruxa.

Uma gargalhada debochada ecoou.

As vidraças da casa explodiram e, de lá, seis criaturas voaram e pousaram no gramado. Seus rostos repletos de cicatrizes, os lábios de um azul de podridão e suas quatro grandes presas caninas se precipitando para

fora da boca fizeram Enur dar um mais passo para trás. As roupas maltrapilhas e sujas grudavam-se aos corpos febris e doentes por sangue. Os seis vampiros levantaram-se e correram em sua direção.

De longa distância, o primeiro pulou e acertou Enur no ombro, fazendo-o cambalear. O mercenário jogou o vampiro para trás e rolou para cima dele, estocando a espada em seu coração.

Era uma criança.

Enur via claramente a marca da transformação inchada num calombo e necrosada no pequeno pescoço. Ele pigarreou e tropeçou para trás, se dando conta da aproximação dos outros pequenos vampiros. Todos trajados com roupas surradas, mãos esfoladas e ensanguentadas, garras deformadas e orelhas rasgadas. Rostos que um dia foram inocentes. Simples crianças, como a que jazia aos seus pés, assassinada.

Chega!

Os pequenos vampiros o cercaram. Enur os encarou; seus pequenos olhos negros o fitando com um desejo macabro, as presas projetadas pingando uma baba viscosa.

O primeiro – uma menina com seus onze anos, vestida com um vestido bordado e de escassos cabelos louros – avançou em suas pernas. Enur gritou e atingiu a nuca da criatura com o punho de Nenímia; com outro impulso rápido, cravou a lâmina no coração dela. Às suas costas, outros dois já estavam em pleno pulo, de bocas arreganhadas e voltadas para seu pescoço. Enur brandiu a espada e desferiu um golpe diagonal, sem se virar. Os vampiros colidiram com sua armadura e caíram, agitados pelo golpe e pela raiva, e se afastaram rastejando. Com os pés, o mercenário afastou aquele que se lançava em seu peito e o outro que tentava atingir suas pernas.

Ele virou o rosto. Os dois primeiros estavam a poucos passos dele.

Ele golpeou o ar e virou a lâmina, numa finta pesada e rápida. Nenímia alimentou-se de novo, decependo-os em outro golpe único. Seus corpos magricelas tombaram contra o outro e deslizaram para a morte.

De supetão, percebeu um movimento.

Sem se virar, Enur esticou o braço esquerdo e agarrou um dos vampiros, erguendo-o, sentindo a pele pegajosa da criatura se desprender da carne. A criança morta se debateu, arranhando seu antebraço com as garras.

Ele franziu o cenho pela dor, mas ignorou-a. O último vampiro ainda o espreitava. O pequeno ensaiava um ataque, dobrando os joelhos. Como uma aranha, jogou-se no ar, arreganhando presas e garras. Enur levantou a espada

num movimento rápido. A lâmina perfurou a omoplata da criatura, que arfou e tossiu sangue e baba antes de cair no chão. Morto.

Enur apertou os dedos na pele do último dos vampiros e aproximou-o de seu rosto. Sentiu seu hálito azedo, viu os furúnculos corroerem a pele mulata de suas bochechas. Os olhos enegrecidos o visavam com uma ânsia animal. Não era apenas fome, mas ódio, raiva, vontade de matar.

Não, aquele não era mais um menino.

Nenímia deslizou como ferro quente em manteiga, perfurando seu coração.

— *Não!* – gritou a bruxa, poucos metros atrás. Enur se assustou e virou...

Uma estaca de madeira atravessou seu quadril.

Seus joelhos se dobraram, impelidos pelo repentino golpe. Pontos vermelhos e verdes pairaram em sua visão, um formigamento espalhou-se por seu corpo. Dor. Pura dor. Ele arfou, buscando ar.

Ester cravou as unhas em seu queixo e puxou-o para perto de si. Metade dela era o que sobrara de uma frágil menina que acabara de se tornar mulher, de olhos claros e cabelos cor de prata; a outra era a face de um demônio com a pele necrosada e enrugada, as pálpebras rasgadas evidenciavam ainda mais seu olho escarlate e arregalado, que o fitava com intensidade, como um felino sinistro. Os cabelos eram irregulares e cor de ferrugem; caroços cresciam no couro cabeludo e em seus lábios podres.

— Você matou meus menininhos, matou sim! – a bruxa levantou a cabeça e notou o jardim. – Minhas senhorinhas também, oh sim! Por Anan e Reu, você é um monstro!

— Você é muito pior – disse Enur, rangendo os dentes de dor e raiva.

Ester largou-o e Enur caiu de peito. A bruxa tomou distância e riu uma última vez antes que seus ossos começassem a quebrar e se remexer no corpo. Entre gorgolejos e gritos, presas tortas e pontudas cresceram nas gengivas. Sua mandíbula projetou-se quase vinte centímetros e seu semblante se tornou sombrio. Ela ergueu as mãos e rugiu para o céu, então levitou.

Um redemoinho se formou ao redor deles.

— Eu tenho poder, seu fraco! – Ester espalmou a mão e as garras, fechando-as com força. Enur gritou quando sentiu seu corpo estalar e sua clavícula quebrar. O vento se intensificou. – *Eu sou o poder!* – Com uma garra, ela desenhou uma estrela no ar e Enur sentiu o desenho queimar seu

peito.

O som do vento pareceu um interminável rugido de um touro bravo. Árvores se partiam e juntavam-se ao fenômeno. Enur contraiu o corpo e grudou o queixo no peito.

Ester se precipitou e parou há um palmo de seu rosto. Sua bocarra era uma fenda cheia de cacos afiados, que formavam um sorriso horrendo naquela face deformada. Seu vestido cinzento parecia rodopiar em seu corpo e seus cabelos eram como fumaça. Ela cheirava à morte e à mentira. Assassina. Ele rangeu os dentes de raiva.

— Quando você retornar, elfo, farei questão de lhe transformar num monstro muito pior do que eu.

A dor foi pior que dez mil espadas atravessadas em seu pescoço. O veneno pareceu dissolver seus músculos e seus órgãos. Enur gritou enquanto a mandíbula vampiresca sugava seu sangue. Num espasmo, sua mão se fechou sobre o cabo de Nenímia, no chão ao seu lado.

— Não – sussurrou friamente.

Nenímia atravessou a carne, o coração e os ossos da bruxa, que gritou lamuriosamente de dor.

O redemoinho sumiu e a casa desabou. Urros ecoaram nos pântanos e trovões estouraram como um chicote nos céus do submundo.

Sentia o veneno invadir todos os seus membros e ludibriar seus sentidos. Os cheiros se intensificaram, o sangue não parecia mais tão proibido... na verdade, até saboroso. Dor, dor e dor. Ele engoliu um grito. Os olhos varreram o quintal apodrecido, notando em todos aqueles corpos ali, só pra ele. Seu pescoço se contraiu de repente e os ossos estalaram. A mandíbula se projetou para frente. As presas cresceram, empurrando os outros dentes na gengiva, quebrando ossos e cartilagens.

Era um monstro. Um deles.

— Não retornarei.

Enur forçou o cabo e sentiu seu corpo receber Nenímia.

A espada atravessou-lhe o coração como um beijo frio e rubro.

O ONIGUMERA

B.G.S. CASTRO

Era um final de tarde do mês de outono, deveria ser um dia comum, mas não. Murmúrios circulavam por todo o vilarejo; havia medo no rosto das pessoas. Moradores diziam que colocaram barras nas janelas e portas, enquanto outros falavam que haviam feito várias armadilhas ao redor da casa. Essa situação toda foi causada por uma figura sinistra que perambulava pelos arredores do cemitério. Ninguém sabia o que era ao certo, as informações obtidas eram que os túmulos haviam sido profanados. Todos os dias, um era aberto e o corpo que ali descansava desaparecia. Uma mensagem foi enviada para o império, mas, por ser um pequeno vilarejo, pouco foi feito. Apenas cinco homens apareceram para reforçar a guarda, os próprios soldados tinham muito medo. Nada poderia ser feito, apenas deixar o tempo passar e o medo dominar. Era um tempo de poucos heróis, de poucas esperanças.

Meu nome é Brokk. Naquela época, eu era um jovem rapaz, magro, estatura média, cabelos negros e curtos, sem barba e olhos castanhos. Trabalhava como faz-tudo: onde houvesse uma moeda, eu estaria lá. Minha vida nem sempre foi aqui, mas, por motivos distintos, fui obrigado a viver nesse lugar conhecido como Vilarejo Águas Brandas. Por não ser do local e para não ser confundido com ladrão, ou um vagabundo, resolvi ajudar os moradores com pequenas tarefas. Em troca dos meus esforços, recebia qualquer tipo de ajuda. O que deveria ser apenas um meio de conquistar a confiança do povo passou a ser meu ganha-pão.

Ao terminar um pequeno serviço na choupana de uma velha senhora que vivia na entrada da cidade, recebi um pagamento gordo, um bom almoço e

um delicioso chá da tarde. Voltei satisfeito para casa, mas isso não foi capaz de afastar aquela sensação ruim: saber que as noites não eram mais as mesmas.

O medo começou treze dias atrás, quando o primeiro túmulo foi profanado. Muitas perguntas foram feitas, mas nenhuma respondia o que levava alguém a violar um sepulcro. Bruxaria? Talvez. Ninguém sabia ao certo, mas na segunda noite, com segurança reforçada, as peças começaram a se encaixar. Os guardas relataram que uma criatura estava abrindo os túmulos e que sua velocidade e força não eram desse mundo. O povo começou a se preocupar e os guardas não ousavam se aproximar. O pânico surgiu na noite seguinte quando, após um grito, uma jovem foi encontrada morta com marcas terríveis no corpo. A paz já não podia ser apreciada nesse recanto do mundo.

Eu não conseguia aceitar esse fato. Como pode haver tanto medo e não existir nenhuma coragem? Não sabia mais o que pensar quando percebi um pobre ser na praça; todo encapado e sujo, seu rosto não era visível. Ao lado da mão pedinte, havia um pedaço de madeira com um escrito feito de carvão: *“Você pode fazer a diferença”*.

Aquela mensagem me fez ver que eu estava agindo como aquele povo. Vivia a reclamar, sem notar que eu era idêntico a eles. Foi então que a coragem surgiu e resolvi enfrentar o mal que ali reinava. Antes de seguir meu rumo, percebi que deveria agradecer aquela pessoa que estava no momento certo e na hora certa de me dar a luz que faltava, porém o indivíduo havia sumido. Eu poderia achar até mesmo que isso era uma demonstração de que estava louco, mas preferi considerar um sinal. Nunca fui de me demorar em pensamentos. Em passos largos e rápidos, fui até minha casa.

Quando eu era bem mais novo, em meus preparativos para sair da casa de minha família, fui agraciado com presentes de meu velho pai. Ele deu alguns de seus equipamentos de guerreiro, que foram adquiridos em seu tempo de juventude: uma malha feita com várias escamas de prata; uma espada curta, que pertenceu a um príncipe; e por último, mas não menos importante, um pequeno saco de pólvora que, se usado corretamente, pode causar grandes estragos. Utilizei o tempo que tinha para fazer todos os preparativos necessários, tendo em vista o tamanho desafio que estava por vir. Quando tudo estava em seu devido lugar, resolvi sentar em uma cadeira e esperar o momento de partir.

Sem sombra de dúvida, era uma grande noite. O silêncio que pairava sobre o vilarejo era assustador. Quando nem mesmo os animais se

pronunciavam mais, soube que era a hora. Levantei-me da cadeira e fui ao encontro da escuridão.

Durante o percurso, não avistei ninguém. Eu já estava perto do cemitério, quando senti um grande calafrio e uma névoa repentinamente surgiu. O medo começou a me dominar e pensei em desistir, mas fui forte e segui.

Chegando ao cemitério, observei o grande portão de ferro. Em cada ponta, havia estátuas que representavam as divindades do Mundo Superior. Desde os tempos antigos, acredita-se na existência de três mundos: o Mundo Superior, em que vivem as divindades; o Mundo Terreno, onde em que vivemos; e o Submundo, onde está a escuridão. Além do portal e das estátuas, havia também uma grade bem extensa que percorria todo cemitério. Media em torno dois metros, e sua parte superior era cheia de pontas, que imitavam lanças.

A névoa ficava mais densa e ofuscava ainda mais a visão. Apesar de continuar me tremendo, entrei no cemitério. Tentei evitar fazer barulho, não queria correr risco de perceberem minha presença e ser pego desprevenido.

Analisei o que pude, mas ansiedade se esvaiu. Ouvi um barulho, que no primeiro momento não identifiquei exatamente o que era, mas depois ficou bem claro: som de ossos sendo quebrados e devorados. Se a sensação já era ruim, passou a ser insuportável. Não dava para saber o que fazer, era como estar na frente da morte e não ter nenhuma escolha. Resolvi seguir o som e, aos poucos, fui avistando um vulto. Caminhei em passos silenciosos, procurando não ser barulhento.

Cheguei a um ponto em que já era possível ver a criatura. Me escondi atrás de uma lápide e observei melhor o monstro. Parecia um humano, embora não fosse de fato: deveria ter em torno de dois metros; suas mãos eram grandes, com dedos finos e unhas enormes; magro, com pele cinzenta; cabelos negros; trajado por trapos sujos. O barulho dos ossos sendo triturados me incomodava cada vez mais. Quando percebi, a criatura parou de mastigar e passou a olhar para lua. Não dava para saber o porquê dessa situação, o fato era que não havia a menor possibilidade de um confronto direto.

Talvez se eu convencesse os guardas a me ajudarem... Mas minha série de dúvidas me levou ao caminho errado. Nesse momento, pisei sem querer em pequenos galhos que fizeram um ruído, o suficiente para que a fera olhasse para baixo.

Meu corpo se transformou em pedra. Aquela face... Era apenas pele e

osso, dentes afiados e terríveis olhos vermelhos e sombrios, me encarando. Na minha cabeça, eu só pensava que minha hora havia chegado. Senti o calor do corpo sumir rapidamente. Por um instante, fechei os olhos, mas ao abrir, dei de cara com aqueles olhos colados em mim. Minha respiração parou. Percebi que o braço direito da besta estava se movimentando e o golpe não demorou a vir.

Fui arremessado a uma grande distância, o que me tirou do transe. Ainda assim, não era o suficiente. Enquanto tentava me levantar, senti uma grande pancada no meu peito, o que me fez ser lançado novamente para bem longe. A garra perfurou meu peito, mesmo com a proteção. A criatura estava vindo ao meu encontro calmamente, quando um raio caiu ao meu lado, fazendo o mato queimar. Peguei a pólvora que eu tinha guardado comigo e joguei no rosto da besta. Ela começou a se debater, e aproveitei seu momento de dor para usar o galho em chamas que estava ao meu lado e jogá-lo em seu rosto. Era minha única chance.

Enquanto a monstruosidade tentava voltar a enxergar, aproveitei para lhe cortar a cabeça. O tempo parou no momento em que a cabeça se desgrudou do corpo e rolou aos meus pés. Não me demorei e comecei a vasculhar o corpo da criatura para coferir o que ele de fato era. Uma marca me chamou a atenção.

Tratei logo de enterrar o corpo na cova que ele tinha profanado e fui embora. Durante muito tempo, as pessoas se perguntaram qual destino da criatura, mas resolvi manter em segredo o que aconteceu por um motivo: a marca no corpo do monstro significava uma coisa. Ele era um monstro do Submundo e, como tal, era íntimo da morte. Isso significa que ele voltaria pra me caçar. Cedo ou tarde, mas não encontraria a mesma pessoa. Da próxima vez, eu estaria pronto para enfrentá-lo.

O ANJO E O LEVIATÃ

MARTHA RICAS

Prólogo

Chovia torrencialmente sobre todo o obscuro feudo. Era a hora do pôr-do-sol e as aves já se recolhiam anunciando a noite que chegava. As mulheres carregavam para dentro as crianças, seus pertences e pequenos animais domésticos. Os homens, exaustos do trabalho chegavam carregando fardos ou ferramentas, batiam portas ou guardavam cavalos.

A chuva deixava tudo ainda mais cinzento, sujo e tristonho. Aquelas pessoas já não pareciam ter em si a qualquer chama vívida ou alegria pela dádiva de mais um dia na terra. Elas apenas abriam seus olhos pela manhã, encaravam mais um dia de provações e davam-se por satisfeitas se o terminassem vivas – ainda mais se tivessem sobre suas mesas algo para comer. A existência no feudo governado pela família de Lorde Julian Straufus era miserável para aqueles que eram de baixo nascimento, o que compreendia a maioria massiva da população. Poucos já haviam contemplado seu rosto, apesar de saber-se que era um homem ainda jovem e que logo assumiria o governo de Thornwall.

Havia, no entanto, algo novo, um elemento inesperado prestes a recair sobre aquele povo e sobre o próprio Julian, que nem mesmo todo seu dinheiro e poder seriam capazes de deter. Algo se movimentava nas trevas, mas viria ardendo do céu, trazendo morte e destruição. Muitos já haviam cantado, escrito e retratado sua figura, porém até aqui sempre com toques lendários ou míticos. Gostaria que fosse verdade, gostaria que a ambição de Julian não o tivesse levado longe demais. Assim, eu não teria que estar aqui,

assim não haveria tanto sangue e tanto fogo espalhado sobre a terra.

Meu nome é Ashira, e essa é uma história de cavaleiros e canções, damas e castelos, monstros e heróis. Contudo, embora pareça, eu não vim para fazer parte de um conto de fadas: eu sou uma querubim em uma missão e ela inclui salvar e matar.

1. Herdades

Quando nasci, era bastante esperado e desejado. Posso dizer que minha chegada foi festejada: um primogênito homem, para um lorde já de meia-idade e com uma esposa enfermiça, era quase um milagre. Logo, como criança miraculosa que era, recebi todos os desejos que me apeteciam: objetos brilhantes, comidas saborosas, colos selecionados, pessoas com as quais brincava da forma que desejava. Aquilo me era bastante natural. Tudo no mundo pertencia de forma inata e merecida a Julian Straufus. Aliás, poucos poderiam mencionar meu nome. Eu deveria ser chamado de Príncipe Julian pela plebe, pelos suseranos, caso lhes fosse concedida a honra de estar perante mim.

Certa vez, uma das crianças criadas da casa deixou cair um balde de água suja sobre os meus pés enquanto eu deixava meus aposentos. Eu deveria ter cerca de uns sete anos de idade. A menina deveria ter se assustado quando abriu a porta de forma abrupta e derrubado o balde que não deveria estar leve; porém, não tive misericórdia ao sentir meus pés e pernas encharcados: chutei seu rosto enquanto ela se curvava ao chão, tentando desculpar-se e arrumar a bagunça que fizera. Vi quando o sangue começou a escorrer de seu nariz e as lágrimas correram de seus olhos, mas ela nada disse. Apenas usou uma das mãos para tapar o sangramento e, com a mão livre, recolheu os utensílios de limpeza espalhados e o balde jogados pelo piso.

Antes de sair, completamente humilhada, fez uma reverência muda e ressentida. Dava para ver o cenho de sua testa franzido pela dor física e emocional que lhe causara. Enquanto a garota que sequer conhecia o nome se retirava, olhei para o chão: água suja espalhada sobre pedra rústica irregular e escura, agora salpicada por gotas de sangue. Seria esse meu legado? Sangue, dor e imundície? Como futuro herdeiro, era nisso que eu pensava o tempo inteiro. E era isso o que me falavam o tempo inteiro: meus pais, o conselho, todos os que tinham permissão de se aproximar e até mesmo os murmúrios que ouvia sem querer.

Não mentirei, jamais tive um espírito selvagem como o de meu pai. Ele era um caçador, media quase dois metros de altura e sua voz poderia ser ouvida em meio a uma multidão de mil homens. Meu pai raptara minha mãe do castelo do meu avô e a obrigara a se casar com ele. Não poderiam existir figuras mais opostas. Ele, com seus cabelos ruivos, revoltos, cacheados até a cintura, que se confundiam com uma barba igualmente rebelde; ombros largos como uma montanha; andar pesado e truculento, assim como as palavras sem qualquer refinamento. Seus amigos eram como seus irmãos de armas, e com eles dava altas gargalhadas regadas a bebida. Minha mãe o odiava por isso.

Mamãe tinha cabelos longos, finos e negros como a noite, seus olhos eram da cor do ébano, e tinham um formato de amêndoa. Não se parecia com nenhuma das damas da corte. Eu a achava muito mais bonita do que todas elas. As mãos eram finas e delicadas, e ela gostava de tecer belas tapeçarias. Do castelo onde morava, ainda trazia sua coroa, um fino halo prateado que rodeava sua cabeça.

Porém, a amargura corroera seu coração. O ódio e o rancor que tinha por meu pai a fizeram abandonar tudo aquilo que amava: aos poucos não tocava mais sua lira, não lia mais seus preciosos livros, não tecia. Transformou-se em um fantasma, sentada todos os dias próxima à janela de sua torre que dava para o norte. Eu gostava de ir até lá ler para ela, tentar tirá-la daquele torpor. Raramente, podia ouvi-la dar uma ligeira risada, mas logo cessava. Ela ficou obcecada em fazer preces ou algo assim e, aos poucos, deixou nosso mundo para trás. Conforme fui crescendo, minhas obrigações como príncipe fizeram com que minhas visitas ficassem cada vez mais escassas. Até aquele dia.

Eu já tinha dezoito anos. Lembro-me de vestir minha armadura de prata, aquela que gostava de exibir quando meu pai ia se pronunciar na praça para o povo. O elmo reluzente mostrava apenas parte de meu rosto enigmático. Ainda estava no castelo, me preparando para sair. Recostado à uma estaca de madeira, eu cortejava uma dama qualquer, uma insignificante que logo descartaria como todas. Ela ria futilmente como sempre faziam, as desmioladas. Quando faziam isso, eu sorria de volta, com um estranho desejo de estrangular suas jugulares. Contudo, naquele momento, fez-se um silêncio estarrecedor: não ouvia mais nada, tudo ficou mudo, nada emitia qualquer som.

Sem compreender o motivo, olhei para a torre de minha mãe. Ela estava na janela, como sempre. Seus cabelos exibiam faixas brancas, mas seu rosto

ainda era belo como sempre fora. Vestia uma túnica leve branca que esvoaça com o vento forte que batia contra a torre. Minha mãe sorriu quando viu que eu a olhava. Seus olhos estavam vermelhos, jorrando uma profusão de lágrimas. Tremendo muito, ela colocou um pé no parapeito da janela, segurando com uma mão em sua lateral.

— Mãe! O que está fazendo?! – Gritei, com toda a força para o alto. As pessoas ao meu redor nem pareceram perceber.

Ela prosseguiu, subindo agora o outro pé. Iria pular, e eu não poderia fazer nada. Meu Deus, que aquilo tudo fosse um sonho. Uma punição. Juraria visitá-la todos os dias da minha vida, mas que fosse apenas um pesadelo. Ela não poderia fazer aquilo comigo.

Mas, fez. Abrindo os braços para a morte e sorrindo como se finalmente estivesse liberta de uma prisão, minha mãe saltou para a eternidade. E somente eu pude ver.

Saí em uma corrida insana, empurrando e derrubando tudo o que havia pela frente, para onde seu corpo poderia ter caído.

Chegando lá, para minha surpresa, não havia nada ali. Apenas uma faixa de tecido branca com inscrições em uma língua desconhecida marcadas em vermelho. Peguei aquele tecido e apertei forte. Eu não a esqueceria.

Enrolei o tecido em volta do pescoço, enxuguei o rosto e segui para a praça. Meu pai queria um príncipe, pois agora ele teria um marcado de rubro.

2. Onde está o seu coração

Ainda debaixo de chuva, andava pela floresta procurando por rastros, indícios daquilo do que eu caçava, mas que também andava caçando nas redondezas. O cheiro de enxofre era inegável. Saía das narinas dessas criaturas demoníacas e impregnava quilômetros e quilômetros adiante. Só eram surpreendidos por sua presença aqueles que andavam muito desatentos. Vi algumas pegadas pequenas ao passar perto de um lago: crianças. Isso me preocupava demais. Crianças eram presas fáceis, embora não os saciassem, porém eram barulhentas e costumavam irritá-los. *Céus, não permitam que nenhuma tenha sido levada, orei.*

Ali, em meio as árvores e a relva escura, eu não precisava ocultar minhas asas. Com aquele clima, dificilmente alguém sairia para buscar água, pescar, caçar ou buscar lenha. Amarrei o pesado casaco com que me cobria na cintura e liberei minhas asas das amarras ocultas que usávamos quando

estávamos em missão aqui na terra. Minhas asas não eram grandiosas como as de companheiros meus, como Salatiel, o grande e dourado anjo da sabedoria, ou de Chaya, a guerreira vermelha. Elas eram menores, porém tinham uma anatomia única que permitia um voo tão rápido, que nenhum deles jamais me alcançou quando disputamos no Céu. Gostava de ser rápida, pois quanto mais veloz fosse, mais cedo poderia deixar o campo de batalha. Não me agradava derramar sangue, mas detestava ainda mais ver sangue inocente sendo tomado.

Queria que meus companheiros estivessem comigo, porém essa seria minha missão. Eu teria de provar meu valor também como guerreira. Sempre fui conhecida por meus talentos diplomáticos, artísticos e curativos. Precisava mostrar que não havia sido um engano ter sido chamada como querubim. Eu *era* uma guerreira.

Minha espada reluzia junto a mim enquanto voava baixo, levantando folhas e galhos por onde passava. Ela era uma rapieira, uma espada longa e fina, forjada em metal rosado, cujo cabo se emaranhava em floreios e arabescos em volta da empunhadura, cravejada com turmalinas. Eu a amava como uma parte de mim, minha preciosa *Sarayah*. A espada sentia o mal que se precipitava sobre aquele local, assim como eu. Aqui e ali, podia ver focos de pequenos incêndios, alguns já extintos, deixando marcas negras estreladas pelo solo.

Finalmente, decidi pousar em uma clareira devastada próxima a uma costa rochosa, onde as ondas do mar batiam estrondosamente. O vento estava intenso também. Eu tinha de pisar com força para me manter junto ao chão, produzindo ruídos com minha armadura. A criatura estivera ali e estava à espreita. Queria ser encontrada e proporcionaria situações para que isso acontecesse em breve. Aliás, eu sabia que havia alguém marcado por ela por aquelas terras havia alguns anos. As bestas sempre marcavam um aliado, alguém com potencial para a prática do assassinato e do mal.

De repente, ouvi o som de cascos vindo em minha direção. Com rapidez, escondi minhas asas e empunhei minha espada para receber seja lá quem estivesse cavalgando ao meu encontro.

O corcel era enorme e musculoso, negro como a noite, com olhos amarelos que me fitaram de imediato. Não senti medo nele, logo seu cavaleiro não deveria ser maldoso, ao menos não com ele. Aquele que montava o cavalo tinha uma armadura de ferro acinzentada bastante castigada, com o desenho de uma águia azul estampando sua couraça. De

dentro do elmo, uma voz masculina e abafada falou:

— Quem é você, mulher? O que faz por essas bandas?

— Estou investigando a razão dos incêndios por essas terras, cavaleiro. Quem é você? – respondi, tentando não soar assustada, porém não arrogante.

— É mais uma lacaia de Julian, então. Não devo perder meu tempo aqui. – ele disse, com um desprezo quase palpável na voz e já virando o cavalo para ir embora.

— Espere! Pensei que *você* trabalhasse para ele. Não sou daqui. Meu nome é Ashira. – sentia que havia nele uma profunda raiva oriunda da tristeza e solidão, quis então ajudá-lo. Embainhei *Sarayah* em sinal de amizade e esperava que o rapaz fizesse o mesmo.

Ele parou a alguns metros de distância e levou alguns minutos em silêncio, apenas me observando. Parecia analisar se deveria confiar em mim. Por fim, retirou o elmo. Seus cabelos longos e castanhos se espalharam pelos ombros e costas. Ele tinha tristes olhos azuis e a barba estava há alguns dias sem ser feita. Era belo, porém carregava grandes feridas no coração.

— Sou Darryn, vivo nas montanhas ao Norte. Não pertenço ao feudo de Julian, mas precisamos pagar tributos a ele, embora não possamos permanecer em Thornwall, os pobres repulsivos das montanhas. Vim com a comitiva de minha família oferecer vassalagens, mas vi sinais estranhos na floresta e resolvi ficar para trás e investigar melhor. Já percebi que não fui o único a ter essa ideia – ele sorriu, me surpreendendo. Aquele homem parecia tão sisudo que um sorriso me parecia incompatível com suas feições. Foi inevitável não sorrir de volta. – Então, *Ashira*, como foi que chegou aqui sem montaria? Não é uma subida fácil, ainda mais para uma dama desacompanhada... – me perguntou Darryn.

Agora eu estava perdida. O que diria a ele? Como explicaria meu voo rasante até ali?

— Gosto de caminhar e, quando vejo, já estou nos lugares mais inóspitos. Mas tenho isso aqui para me acompanhar – falei, apontando para minha espada.

— Certo... Já vou indo. Quem sabe não a encontre por aí – ele virou o corcel, iniciando a subida pela outra lateral da encosta.

— É... Quem sabe – *Sarayah* me incomodava, quase machucando minha perna na bainha. Eu sabia que não deveria deixá-lo ir. – Darryn, espere. Como lhe disse, sou nova aqui, lembra-se? Será que poderia adiar sua volta para as montanhas por alguns dias? Não conheço nada, nem ninguém na

cidade. Sua ajuda seria bem-vinda e bem recompensada. – propus, esperançosa.

— Sobre quantos dias e quanto dinheiro estamos falando? – ele parou o cavalo e me olhou, apertando os olhos por causa do vento forte.

— Poucos dias e muito dinheiro – tentei utilizar toda a minha confiança e credibilidade nas minhas palavras. – Então, o que me diz?

— Suba no cavalo, moça, não vamos descer a montanha como nas suas longas caminhadas – ele disse, rindo novamente.

Senti que algo estava indo muito bem – de acordo com os planos, ao menos.

3. O Leviatã

“Poderás tirar com anzol o leviatã, ou ligarás a sua língua com uma corda? Podes pôr um anzol no seu nariz, ou com um gancho furar a sua queixada? Porventura multiplicará as súplicas para contigo, ou brandamente falará? Fará ele aliança contigo, ou o tomarás tu por servo para sempre? Eis que é vã a esperança de apanhá-lo; pois não será o homem derrubado só ao vê-lo? Ninguém há tão atrevido, que a despertá-lo se atreva; Quem entrará na sua couraça dobrada? Quem abrirá as portas do seu rosto? Pois ao redor dos seus dentes está o terror. As suas fortes escamas são o seu orgulho, cada uma fechada como com selo apertado. Uma à outra se chega tão perto, que nem o ar passa por entre elas. Uma às outras se ligam; tanto aderem entre si, que não se podem separar. Cada um dos seus espirros faz resplandecer a luz, e os seus olhos são como as pálpebras da alva. Da sua boca saem tochas; faíscas de fogo saltam dela. Das suas narinas procede fumaça, como de uma panela fervente, ou de uma grande caldeira. O seu hálito faz incender os carvões; e da sua boca sai chama. Levantando-se ele, tremem os valentes; Se alguém lhe tocar com a espada, essa não poderá penetrar, nem lança, dardo ou flecha. Ele considera o ferro como palha, e o cobre como pau podre. A seta o não fará fugir; as pedras das fundas se lhe tornam em restolho. As pedras atiradas são para ele como arestas, e ri-se do brandir da lança; Debaixo de si tem conchas pontiagudas; estende-se sobre coisas pontiagudas como na lama. As profundezas faz ferver, como uma panela; torna o mar como uma vasilha de unguento. Na terra não há coisa que se lhe possa comparar, pois foi feito para estar sem pavor. Ele vê tudo que é alto; é rei sobre todos os filhos da

soberba.”
Jó 41

Existe nas sombras da História uma criatura letal. Povos e civilizações a tem chamado por diferentes nomes. Sua essência maligna e destrutiva, entretanto, é somente uma. Nós, os anjos, o chamamos de Leviatã.

Marinheiros o temiam quando lançavam seus navios ao mar, pois ele devora tudo aquilo que atravessa seu caminho, seja nas águas profundas ou sobre a superfície. O problema era que o Leviatã era a mais antiga dentre as criaturas. Seu lar eram os mares, mas seu hálito era de fogo e ele possuía grandes garras, capazes de escalar. Em suas costas, havia escamas longas que, quando abertas, poderiam fazê-lo alçar voo.

Outra dificuldade que surgia no horizonte era a de que a comida no mar, próxima às terras de Julian, acabara e o Leviatã havia se erguido. Ele emergiu e se tornou aquilo que o povo daquela terra chamava de Dragão.

4. O halo de prata

Estava escuro, uma noite sem estrelas. As corujas e as criaturas noturnas eram as únicas que podiam expressar seu pesar. Carregar aquele corpo odioso não era fácil, não pelo seu peso, mas por ter que tocá-lo. Aquele ser repugnante, aquele que levava minha mãe e toda a luz que um dia tivera consigo. Sim, eu o matei. E não importavam os julgamentos, pois não poderia ser julgado. Agora seria rei e meus atos estariam acima de qualquer lei debaixo do céu. Que se levantassem conselhos, amigos, quem quer que fosse em favor daquele velho maldito, eu arrancaria suas cabeças e as deixaria de alimento aos corvos.

Ele seria enterrado sem honras, em um local ermo, onde ninguém pudesse lhe prestar homenagens. Assim como agiu com minha mãe: como se seu desaparecimento tivesse sido algo já esperado, que estivesse para acontecer em algum momento. Enquanto o arrastava, os dentes cerrados com ódio, dava alguns chutes no cadáver quando precisava recuperar o fôlego. E então, me lembrava da conversa que nos levou até ali:

Meu pai havia me chamado aos seus aposentos. Seus cabelos já estavam completamente brancos e já não eram tão rebeldes. Na verdade, começavam a rarear. Ele bebia vinho em sua taça predileta; uma em forma de crânio, banhada a ouro, cujos olhos eram ametistas. Sentava-se em sua alta cadeira

negra em formato ogival de frente para a lareira, sequer dando-se ao trabalho de olhar para mim.

— Mandou me chamar, senhor? – disse, em voz baixa, fazendo uma pequena reverência àquele a quem havia perdido completamente o respeito depois do que houve com minha mãe.

— Sim. É óbvio, caso contrário, você jamais entraria aqui, Julian. – ele falou com sua voz áspera de sempre. – Sente-se.

Sentei-me em uma cadeira do lado oposto ao seu e que era muito menor, fazendo seu ocupante ficar muito mais abaixo do que meu pai. O ego daquele homem não conhecia limites. Gostava de ser adorado, mas também de ser temido e escolhia o público e o local ideal para cada um deles.

Passaram-se minutos e mais minutos eternos, enquanto aquele ditador apenas balançava sua taça e nada dizia, fazendo-me de tolo diante de sua presença. Sua barba manchada de vinho tinto parecia estar maculada por sangue e, para mim, de certa forma, sempre estaria. Pelo sangue de alguém que me fora tão querido.

Depois de algum tempo, perdi minha paciência, levantei do meu ridículo assento e gritei:

— Diga-me logo o que deseja com essa audiência! Tenho meus afazeres e eles não incluem observá-lo beber seu vinho.

O velho olhou-me espantado por tamanha impertinência dirigida a alguém que se autodenominava tão benigno e generoso. Ele realmente acreditava ser um bom pai para mim, o que só poderia ser fruto de sua loucura.

— Julian, é tempo de você saber algumas coisas, pois logo chegará o momento de minha sucessão – falou da forma mais pausada que o ouvira falar na vida.

— Sim, senhor. Entretanto, também existe algo que faz tempo tento lhe falar, mas nunca tive a oportunidade – comecei, desatando o lenço já desgastado do pescoço para mostrar a ele, já que nunca conversávamos.

— Garoto, não é hora de sua boca abrir-se para absolutamente nada, ouviu bem? – ele socou o braço da cadeira, com o punho enorme cerrado. – Eu disse que falaria contigo e você somente ouvirá.

Já deveria saber. Não sei qual era o motivo de minha decepção. O que estava esperando? Algum momento comovente e sentimental entre pai e filho? Nem mesmo continha emoções suficientes em mim para isso. Eu também o odiava.

— Então, diga, velho. Diga o que tem a dizer e deixe-me sair de sua alcova malcheirosa – disse, entredentes, com uma cólera ardente, enrolando de volta meu cachecol misterioso.

— Cuidado com suas palavras, infante. Pode não estar aqui quando o sol fizer sua próxima aparição se continuar com tamanha altivez em minha frente – ele derrubou o restante de seu vinho aos meus pés e deu um sorriso vermelho que, para minha mim, jamais fora tão maligno. – Sabe-se há muito tempo do desaparecimento de alguém muito importante em nosso reino, você deve ter reparado. Aliás, foi um dos poucos que deu por falta *dela*. – ele se referiu a minha mãe com nojo, com uma repulsa que não poderia aceitar. Desembainhei minha espada para enfiá-la em sua garganta asquerosa quando, mesmo assim, o velho prosseguiu falando:

— Sua mãe, ela... ela se entregou... o halo... o halo de prata – balbuciou o velho, com a traqueia oprimida pela lâmina. Então, o soltei e ele relaxou o já corpulento e grande peso sobre a cadeira.

— Não terá outra chance de falar. É melhor parar com rodeios e com suas tentativas de me humilhar, não sou mais um garotinho assustado que viu a mãe saltar de uma torre – ameacei, com grande dificuldade para me conter e escutá-lo.

— Sim, Julian – ele disse, pegando um pano imundo e limpando o sangue que a ponta de minha espada tinha feito brotar de sua garganta. – Porém, nunca se perguntou o motivo de somente você, dentre todos que se preparavam para deixar o palácio, ter visto a rainha saltar para a morte daquela maneira? Não se questionou o quão estranho foi? A ausência de um corpo para enterrar? O fato de ninguém poder falar no assunto depois... Nada disso lhe alarmou, Julian? – meu pai perguntou, com os olhos risonhos e maliciosos.

Bati na mesa que estava diante de nós com tanta força que pensei ter arrebatado os nós dos dedos:

— EU ERA UMA CRIANÇA! UMA CRIANÇA! Privada de uma mãe! Eu mal podia vê-la! E, quando a via, percebia que ela estava morrendo dia-após-dia, tanto que não podia mais suportar subir aquelas escadas obscuras daquela torre maldita. Ninguém nunca me contou nada neste castelo de mentiras. E agora você me convoca aqui e me questiona como se eu fosse um tolo ignorante por não ter estranhado algumas peças faltantes em seu tabuleiro doentio? Você, seu velho louco, nem pretendia que eu abrisse minha boca quando passei por aquela porta! – falei com um sorriso beirando

a insanidade. – A não ser por ter apontado uma espada para sua garganta. Essa é a única língua que compreende. Pois bem, vamos conversar. Será a primeira vez. Quando ela sumiu, sim, fui o único a ver. Não havia corpo sobre o qual chorar quando ela se foi. Encontrei apenas esse tecido adornado com símbolos que não conheço a origem – estendi a mortalha misteriosa até a vista dele.

— Bem, meu filho, é tempo de nos prepararmos para que as lendas se tornem reais. Porém, é necessário que você as conheça primeiro. Não pode ser apenas um príncipe nessas terras, Julian. É necessário banhar sua espada no fogo para matar a escuridão. Levanta-se uma criatura das trevas, cujo mal leva as almas dos homens consigo ao Inferno – ele falava, mas já não olhava para mim, observava o fogo da lareira e era como se lembrasse de outros tempos.

— Está louco, pai? Do que está falando? Começo a achar que nossa família carrega algum mal da loucura em si. O senhor, mamãe e eu... todos com alucinações.

Ele se levantou num rompante que derrubou tudo: sua pesada cadeira caiu, a mesa com a ceia caiu sobre o fogo, os quadros nas paredes despencaram, sua enorme coroa foi parar do outro lado da sala. Meu pai agarrou-me pelos ombros como se meu peso fosse o de uma pluma:

— Garoto, as coisas do Céu e do Inferno parecem loucura para nós. Mas, as mais loucas criaturas que habitam o mundo são os homens, me ouviu bem? Nenhum animal mata outro pelo prazer do sofrimento, nenhuma outra criatura destrói o lugar onde mora, nenhum bicho voltou-se contra o Senhor. Agora, essa criatura, ela vem de algum outro lugar... e ela está subindo do mar – cuspiendo constatações sem sentido, ele era o retrato da decadência.

— Q-q que criatura, pai? – perguntei. Achava que ele estava louco, mas, quanto antes colaborasse com seu delírio, mais cedo sairia dali.

— Leviatã... Dragão. Ele vem subindo das encostas... Está abrindo as asas aos poucos e quando elas estiverem secas... Cairá sobre nós com fogo – suas pupilas estavam dilatadas e vidradas, as pequenas veias vermelhas brotando ao lado das íris azuis.

— Pai... Dragões são lendas para tolos. Acho que o senhor está doente de sua última caçada... – eu ia dizendo, enquanto o sentava e buscava algo para cobri-lo, quando ele me interrompeu.

— Abra aquele baú, Julian – disse, cobrindo os olhos com uma das mãos e apontando vacilante com a outra.

Havia um grande baú rústico em um lado mal iluminado da sala. Fui um tanto apreensivo até lá, pois não tinha ideia do que esperar. Me abaixei para abri-lo, não estava trancado. O cheiro exalado era de enxofre e de algo fumegando. Quando subi a tampa do, precisei ficar em pé para contemplar o conteúdo, já que meus olhos se recusavam a crer que fosse real.

No fundo, havia diversas ossadas acinzentadas, claramente carbonizadas há algum tempo e pertencentes a animais de pequeno e grande porte. Porém, posta quase em agonia sobre todas essas, chamuscada em vermelho e preto; com dentes, pele, ossos expostos, estava o que já fora um ser humano. Queimado, retorcido e com os buracos dos globos oculares transformados num abismo de dor.

Deixei a tampa cair fazendo um barulho enorme, compatível com meu choque. Ao me virar, encontrei o olhar de meu pai:

— Leviatã – ele disse.

— Dragão – respondi.

E nos sentamos para finalmente conversar.

Quando saí daquela sala, tinha sangue por toda minha armadura, um corpo para enterrar, um halo de prata para procurar e uma criatura para caçar.

Ah sim, e um reino que agora era meu.

5. *A canção do anjo*

Levamos quase um dia para descermos a montanha, algo que eu havia feito em minutos com minhas asas. Era frustrante ter que me reprimir e perder tão precioso tempo por causa das limitações humanas; entretanto, isso me permitiria conhecê-lo melhor e talvez ajudar meu futuro aliado. Não era tarefa fácil travar uma conversa com Darryn. Ele era calado e obstinado, diria que seu cavalo era mais simpático e receptivo comigo do que o homem que o montava.

Quando a noite começou a cobrir o céu, Darryn pareceu não se importar, mas vi um lago com algumas rochas bem posicionadas que poderiam oferecer proteção para que ele descansasse à noite.

— Ouça, Darryn! – precisei gritar para o galopante cavaleiro, que parecia ansioso por me descarregar em nosso destino o quanto antes. – Acho que devemos parar e descansar até termos luz!

— O que foi que disse? – ele gritou de volta, sem sequer virar-se para trás, galopando contra o vento gélido da noite.

Difícilmente eu ficava irritada, mas desprezo era algo ao qual eu não estava habituada e, para ser franca, não estava disposta a tolerar na atual situação: com um dragão ameaçando surgir sobre nossas cabeças a qualquer instante. Usando um pouco, uma quantidade ínfima de poder, toquei em seu ombro e o cavalo parou bruscamente jogando Darryn alguns metros a nossa frente. Claro que cuidei para que ele não se machucasse e segurei o riso com uma chocada expressão de surpresa.

Darryn levantou-se o mais rápido que pôde, limpando a terra das roupas e praguejando como nunca. Veio com más intenções em direção ao cavalo, mas eu virei as rédeas do animal e o conduzi ao lago, deixando que bebesse água. Quando me voltei para procurar por meu companheiro rabugento, ele juntava lenha para uma fogueira. Melhor assim.

Fiz o melhor que pude para que pudéssemos nos assentar confortavelmente ao redor da fogueira. No entanto, sentia um arrepio, uma presença pairando, rondando aquelas terras. Não sei bem se o mal que eu procurava limitava-se a criatura. Havia algum humano praticando alguma maldade naquela noite. Alguém tinha abandonado de vez em seu coração qualquer intento de bondade e abraçado a ganância com desespero. E eu temia já saber de quem se tratava.

Quando Darryn acendeu o fogo, notou algo estranho em meu semblante, mas nada disse. Sentou-se em silêncio ao redor do pequeno círculo de fogo que tínhamos construído e retirou de uma de suas sacolas um instrumento rudimentar. Era comprido e eu certamente já tinha visto algo semelhante com algum dos serafins, os anjos responsáveis pela música nos Céus. Não esperava nada belo, e o que o cavaleiro fez em seguida em muito me surpreendeu, pois ele levou o objeto aos lábios e o soprou, combinando com movimentos suaves de suas mãos calejadas que tapavam e descobriam pequenas aberturas por todo o comprimento do instrumento. E dele, um som belíssimo se fez.

Embora eu seja uma querubim, uma guerreira por natureza, não compreendo bem o motivo, mas a música tem uma relação direta com o meu ser. Quando Darryn tocou, meus olhos se fecharam e imediatamente minha voz acompanhou sua melodia. Não me importei que ele me ouvisse cantar na língua angélica. Entretanto, após algum tempo tocando juntos, abri meus olhos e vi que seu rosto estava entrecortado por lágrimas que faziam um caminho límpido em seu rosto devastado pela exploração na floresta selvagem e chuvosa. Quando olhei para baixo, minhas mãos tinham pequenas

pequenos depósitos de água nos baixos relevos das palmas. Eu também chorava.

— *Amém* – encerrei com minha última nota e última palavra aquela nossa canção soturna e confessional.

Ele largou a flauta, secou o rosto como foi possível e olhou para os arredores, para o céu e por fim para mim, dizendo:

— *Amém* – levantou-se e foi se lavar no lago, mas seu andar não era mais altivo e apressado. Ele estava cabisbaixo e pensativo, lembrava mais um cavaleiro andante do que um mercenário agora. Eu só esperava estar lhe fazendo bem e não mal. De mal, já estávamos cercados por todos os lados ali.

Esperei por um bom tempo que retornasse, mas ele apenas sentou-se à beira do lago e não parecia dar sinais de que se moveria. Teria de atravessar as pontes até ele se quisesse alguma aproximação.

— Darryn... você está bem? – perguntei, com a voz baixa para não assustá-lo. Ele olhava seu reflexo no lago e minha imagem apareceu ao lado da sua, o que o fez sorrir.

— Sim, *milady*. Estou bem. Sua canção, ela apenas me perturbou mais do que pretendia permitir. Não me leve a mal, tens a voz mais bela que já pude ouvir, porém as coisas sobre as quais cantou... era como se conhecesse todo o meu coração, minha alma e até minha mente – seu sorriso foi morrendo conforme dizia suas constatações em voz alta.

— É tão ruim assim? – perguntei, sentando-me ao seu lado, brincando com alguns dentes-de-leão que cresciam ali perto.

— Como assim, senhorita? Já disse que foi uma bela canção... – ele pareceu não compreender minha pergunta.

— Não é o que quero saber. O que pergunto é: seria tão ruim assim o que se passa em seu coração, o que você pensa ou como é vossa alma? Por que mantém tudo tão escondido? – tentei parecer o mais natural e leve quanto me era possível, porém era inevitável não tocar em suas feridas para que pudesse curá-las. Ainda assim, sabia que talvez parte de Darryn sempre permanecesse marcada por seu passado e por aquilo que logo enfrentaríamos.

— Nada digno de nota, minha senhora. Agora, se me dá licença, devo me recolher – ele guardou a flauta, erguendo-se abruptamente.

— Não, não vá. Ao menos, não pelo que eu disse. Está uma bela noite. Talvez demoremos muito a vermos outra como essa – a lua cheia se refletia sobre o lago e brilhava forte, ofuscando as estrelas mais próximas. O barulho do vento soprando as folhas misturava-se com o dos animais noturnos saindo

para suas caçadas na floresta, mas eu ainda ouvia os passos: do homem arrastando sua vítima e da criatura que se esgueirava em seu esconderijo.

A harmonia dificilmente era real no mundo dos homens. Aqui tudo não passava de uma mera ilusão, como se todo lugar para onde se olhasse estivesse encoberto por um véu: pronto para ser puxado e desnortear o pobre espectador.

Ilusão. Seria isso o que os tornava maus? Quando os humanos eram tomados por essa pequena e perigosa ideia, a de que tudo não passava de engano, efemeridade e mentira, eles passavam a agir como se somente o dia presente importasse. Como se somente eles próprios importassem. *Ilusão...*

— O que quer dizer com *ilusão, milady?* – Darryn perguntou, de pé a alguns passos de mim.

— Perdoe-me, Darryn. Caí em meus próprios devaneios, veja como sou distraída. Escute-me com atenção enquanto ainda temos tempo, cavaleiro: não importa de onde veio, os horrores que tenham feito aos seus familiares e seu povo, nada disso o diminui. São somente marcas que o fazem compreender os mais fracos e que o impedirão de fazer o mesmo com os menos necessitados.

Ele pareceu confuso e começando a questionar minha sanidade. Então, algo gigantesco, voando baixo e emitindo um som gutural monstruoso surgiu. Era *ele*. Darryn se abaixou e apontou com os olhos arregalados:

— *Dragão!* – e então, saiu correndo em direção ao também apavorado cavalo. Fiquei surpresa em vê-lo tão assustado. Esperava mais de um homem tão taciturno quanto ele, mas se tem algo que se aprende com os homens é que não podemos ter nada por certo abaixo do céu.

Com o rapaz afastado, porém ainda à vista, não me senti segura para liberar minhas asas, porém não iria permanecer desarmada. Chamei *Sarayah* e a empunhei, esperando o voo de retorno da criatura. Esperava que o monstro quisesse me desafiar antes de usar suas chamas, ou seria meu fim.

Pude ver a magnitude de suas asas abertas quando ele subiu alto e pôs-se frente à grande lua. Suas escamas brancas reluziram na noite que agora começava a se fechar em uma neblina maligna. Os olhos dele eram vermelho-sangue, como aquilo que o dragão sempre almejava. A sua cabeça era coroada por chifres pontiagudos e prateados, também o eram suas garras e as pontas afiadas que saíam de sua cauda. Cravado bem no meio de seu peito, o dragão trazia como algum tipo de adorno ou medalhão, um halo de prata. *Seu ponto fraco*, pensei. Com certeza, o dragão fora ferido ali e tentava proteger a

área.

Depois de se apresentar a mim, a criatura veio em minha direção. Sua boca estava aberta num tipo de sorriso e sua língua fina de serpente escapava por dentre os dentes afiados. Do fundo da garganta do animal, veio um som que somente um querubim poderia entender: *anjo*.

Dragões não eram seres viventes comuns: eles tinham uma ligação com o Inferno e, ao sentirem o cheiro de qualquer anjo, não importando de qual tipo fosse, seu apetite por sangue dobrava. Era por isso que aquele dragão ainda não havia caído sobre o feudo de Julian: ele estava me rondando primeiro. Anjos eram muito mais raros do que humanos. Mas, não seria presa dele. Estava ali justamente para matá-lo.

O voo que fez para vir ao meu encontro foi bem mais rápido e violento que o anterior. Levantou boa parte da água do lago e derrubou várias árvores também. Como eu precisava ficar no chão, minha visão ficou prejudicada. Apenas segurava a espada e orava para ter uma boa oportunidade para golpeá-lo.

Contudo, ela não aconteceria. Quando ele já estava muito perto, eu estava encharcada e coberta de folhas. Podia sentir a criatura rindo de mim. O Leviatã murmurou um nome: *Apolyon*. Aquele era seu nome. Um nome de demônio. Pertinente.

Pensei em meus amigos no Céu. Desejei a eles boas batalhas, eu ficaria de fora por um bom tempo. Fechei os olhos e me preparei para o dragão.

6. Sangue e heróis

Tinha terminado de enterrar o resquício do meu crime. Minha mente ainda estava borrada com tudo o que aconteceu e com a velocidade com que acontecera. O que importava era que estava feito e não havia volta. Pelo menos, a noite havia contribuído até o momento que eu precisava para cobrir o cadáver de terra. O céu estava límpido e a lua brilhava.

Porém, agora, precisava retornar ao meu castelo incógnito e a floresta estava escura e nebulosa. Seria bom se a vila estivesse assim, contudo aqui, tornava-se um cenário perigoso. Tive de tomar o dobro de cautela e empunhar bem a espada ao dar cada passo. Nunca se sabe o que pode estar à espreita. Meu pai que o diga. Aquele velho pagou com sua vida de crimes ocultos e por me esconder a mais importante das verdades: o que acontecera com minha mãe.

Quando chegou o momento de me revelar a tão esperada verdade, ele olhava para o fogo, as labaredas dançando por sua face sulcada pelo tempo e por sua longa barba.

— Aquela mulher... trouxe a maldição para essas terras, Julian – o velho disse, com os olhos vidrados sem emoção. Era como se contasse que mais um carregamento de lenha havia chegado. Diferente do monstro, sua falecida esposa não tinha tanta importância para ele. – Desde que coloquei meus olhos nela, nas regiões longínquas do reino onde ela morava, algo se apoderou de minha mente. Fiquei fora de mim, tanto que cometi esse ato vil e covarde de raptá-la. Poderia me casar com a dama que desejasse, Julian. Jamais precisaria recorrer ao rebaixamento de sair correndo como um cão escorraçado com uma mulher nos braços. – ele falava entredentes agora.

— Já considerou a hipótese de que estivesse apaixonado por ela? Ao menos já lhe contaram alguma vez o que é o amor? – perguntei, indignado pela maneira como falava dela.

— Amor! – o senhor de Thornwall bufou, revirando os olhos. - Diga-me você, Julian! Já o encontrou alguma vez? Sempre vejo alguma mulher rondando-o ou saindo de seus aposentos. Certamente, o amor habita seu coração em abundância – ele gargalhou e tomou mais vinho, me reduzindo a um mero tolo como costumava fazer.

— Conheci o amor de minha mãe. E quando você a abandonou lá em cima, tentei ajudá-la, mas não sabia o que deveria fazer... – parei ao me lembrar dela, as roupas esvoaçando ao vento, os braços estendidos, seu corpo fraco despencando daquela torre amaldiçoada.

— Você nunca conheceu uma mãe. Aquilo que estava na torre nada mais era do que uma casca vazia e oca do que já fora uma mulher – aquilo me fez levantar, pronto a atacá-lo por mais esse insulto, porém ele fez sinal para que me sentasse e obedeci. – Como disse, sua mãe veio de um povo que habitava as montanhas. Todos muito silenciosos e com longos cabelos negros. No topo de uma cordilheira de montanhas, estava o palácio do rei daquela gente e sua mãe era a filha dele, a princesa do Clã das Montanhas Brancas. Eu era um jovem em busca de ouro e conquistas, mas, quando cheguei naquele lugar numa noite fria, refreei meu temperamento e fiquei impressionado com a disciplina que emanava da cidadela. Eles mal nos olhavam e trocavam menos que ruídos conosco, porém nos forneceram hospitalidade.

“Entretanto, quando fui me encontrar com o rei na manhã seguinte a

nossa chegada, sentada à sua esquerda, estava ela, sua mãe. Ryuna não tirou os olhos de mim sequer por um instante, o que acharia lisonjeiro se não fosse a forte sensação que acompanhava sua mirada. Eu sentia sua voz chamando meu nome, mesmo sem que o tivesse mencionado a ninguém. O pai dela parecia angustiado e incomodado com a nossa presença ali e com o poder que a filha exercia sobre todos. O rei do Clã das Montanhas era um homem alto e esguio, com um rosto fino e olhos felinos. Naquele momento, ele parecia resignado e triste. E desde aquela época, sua mãe já ostentava o maldito halo de prata”.

— Quando ela caiu, o halo se perdeu. Eu não pude encontrá-lo, apenas o tecido marcado... – falei debilmente, sem que meu pai desse qualquer atenção.

— Contudo, um inferno caiu sobre mim. Não conseguia ir embora, não podia me aproximar dela, meus homens não suportavam mais ficar naquele lugar gélido sem pilhar ou batalhar e eu não tinha ideia do que fazer. Sabia que não poderia lutar ali, sabia que se partisse não teria um minuto de paz com aquela voz em minha cabeça, sabia que algo de ruim se apossaria de mim e pouco importava o que fizesse.

“Então, decidi trazê-la comigo – ele engoliu e encheu outra taça para si. - O que a filha do pretenso rei parecia já saber ou esperar. Quando cheguei aos seus aposentos, suas damas de companhia estavam prostradas e choravam. Ryuna me aguardava com trajes de viajante e com seus pertences embalados. Todo o palácio estava mortalmente quieto enquanto eu partia levando sua princesa. Parecia tudo parte de um grande plano. Só que a parte mais prejudicada e participante não sabia de sua existência. Eu não estava raciocinando, era puro instinto, precisava dela e, ao mesmo tempo, não suportava mais aquele chamado constante em minha cabeça. Até a noite parecia envergonhada e escondeu a lua e as estrelas. O céu era um manto negro, opaco e nebuloso.

“Durante a partida, sua mãe segurava-se a mim na garupa da montaria e vi como suas mãos eram finas, porém as unhas eram prateadas. Ela era exótica e estranha, tudo nela me soava diferente. E a estava levando para minha casa: o centro do meu poder, o local onde estavam guardados os meus segredos, onde a fonte do meu poderio estava concentrada. Sentia que minha sanidade se esvaía a cada quilômetro vencido na fuga noturna, e meus homens sussurravam o mesmo entre si. Mas, eles pagariam o preço por me traírem. Eles, sim, ainda não haviam enlouquecido.

“Quando por fim, depois de quase um mês de viagem, chegamos a Thornwall, ao atravessarmos os portais da cidade, poderia jurar que vi um reluzir no halo de sua mãe. Ela soltou-se de mim e desceu do cavalo. Passou a correr como uma ensandecida pelas ruas. Queria tocar as pessoas, cheirar as flores, pegar as mercadorias dos vendedores em suas barracas. Foi a primeira de muitas vezes em que tive que lhe ensinar bons modos. Peguei sua longa trança e puxei com força, trazendo-a de volta à realidade. “*Controle-se, mulher!*”. Perdi a conta de quanto tive que lhe dizer isso durante meu infeliz casamento.

“Tentei fazer dela uma dama de respeito, chamei diversas governantas para tal, porém sua mãe parecia habitar um mundo diferente do resto de nós. Portanto, o único meio de não ser envergonhado dentro de meu próprio castelo foi dizer que ela de fato era doente e mandá-la para a torre. Ainda assim, Ryuna exercia um tipo de força sobre o feudo. Desde que chegou, os ataques e conflitos diminuíram, o que me obrigou a buscar por lutas ainda mais longe, sendo esse o motivo de minhas longas campanhas e caçadas de que você certamente se lembra. Não pude treiná-lo como deveria, Julian. Você tornou-se tão fraco por ter convivido com ela e não comigo. Me arrependo de ter cedido aos poderes dela e não o ter levado junto durante as batalhas e invasões. Hoje, você seria um homem feito.

“O fato é que sua mãe tinha alguma espécie de dom de premonição. Ela sabia de coisas que ainda estavam por vir. Ryuna sempre soube que, um dia, eu chegaria e a tiraria de seu povo. Ela também possuía um dom que na nossa língua pode ser chamado de *atalaia*, ou seja, podia ver criaturas de outro mundo, monstros ou demônios, o que quer que sejam. Mas, para o Clã das Montanhas Brancas, o que interessava era o fato de que Ryuna poderia se comunicar com *elas*. Com os dragões. Deram a ela o halo de prata e, com a idade certa, ela seria mandada para o pico mais alto das cordilheiras e se ofereceria como um sacrifício ao líder dos dragões na região, selando a paz por um tempo. Contudo, ninguém me consultou quanto a fazer parte da quebra desse acordo e a conclusão é que um dos dragões seguiu Ryuna até aqui. O povo livrou-se dela e do líder dos dragões, o que deve ter desarticulado o bando na região. Porém, ao vir à Thornwall, o monstro descansou, se alimentando no mar por anos. Até agora. Parece que ele se cansou de comer peixes por alguma razão.”

— Isso é ótimo, velho. Entretanto, não explica o motivo pelo qual ela morreu. Ou melhor, desapareceu diante dos meus olhos – era muito para

assimilar, porém ainda pouco para o quanto necessitava após anos e anos na mais completa escuridão.

— Não sei lhe dizer. Por não saber como lhe explicar, achei melhor que todos se calassem a respeito. De que adianta ficar especulando sobre algo de que nada se sabe? E foi bom para todos voltar à velha rotina, com os velhos acordos selados com sangue e vassalagem. Sempre odiei esses idiotas que creem em magia ou no sobrenatural. Estávamos livres, assim como você, filho. Não precisava mais fazer aquelas visitas para uma mãe cadavérica que nunca pôde lhe oferecer nada – o rei falava e mexia a boca odiosa, espalhando vinho pela barba e pelo chão, como um cachorro que late coisas insignificantes. Ainda assim, ele estava falando de toda a minha vida e de minha mãe.

— Você sabe onde ela está? – perguntei, tentando manter a derradeira dose de calma mesmo com todo o corpo tremendo.

— Dizem que o dragão carrega um halo de prata... quem sabe ela não está em sua barriga? – e ele explodiu em uma gargalhada, segurando seu próprio abdômen flácido ao rir daquela quem me dera à luz.

Sua risada congelou, assim como suas pupilas, quando o trespassei com minha espada. *Já peguei minhas herdades, pai. Seu tempo de maldades aqui na terra já está findado. Agora é chegada minha hora de buscar por respostas, riquezas e glória.*

Depois de enterrá-lo, eu estava de volta ao castelo. Porém, pensei ter ouvido uma canção. Era uma melodia triste e ela ecoava sem parar em minha mente. Não consegui dormir naquela noite. Fiquei recostado no balcão do meu quarto contemplando a lua. Então, vi o dragão.

Ele sobrevoou a floresta e abriu suas gigantescas asas sobre a lua cheia. Era magnífico. E eu estava ali, protegido por muros e desarmado. Que tolo. Não mais. Iria agir. E não esperaria pelo amanhecer.

Quando me preparava para o impacto, ouvi um barulho de metal batendo. Abri os olhos. Darryn havia ido buscar sua aljava de flechas na sela do cavalo e agora empunhava seu arco contra o dragão. Uma pena que tenha tentado acertá-lo nos olhos, mas conseguiu fazê-lo desviar-se de mim, o que já era uma vantagem.

Eu tinha um cinto com pequenas adagas envenenadas. Odiava usá-las. Chaya, minha amiga e brava guerreira querubim, dizia que veneno era arma de covardes. Mas, eu estava presa ao chão pela presença de Darryn e precisava derrubar Apolyon.

— Darryn! O halo de prata é o ponto fraco dele! Mire no halo de prata! – gritei, orando para que pudesse me ouvir de onde estava.

— Certo! Cuidado, aí vem ele! – Darryn alertou, franzindo o cenho e preparando o próximo tiro.

Apolyon veio voando baixo dessa vez, fazendo um rasante pela água do lago. Ele tentaria me arrancar do chão. Ótimo, seria mais fácil cravar as adagas nele assim. Vi seus olhos arderem de ódio infernal por mim, mas não desviei meu olhar nem por um minuto, apenas me mantive em contato com o Céu. Era a hora. As flechas de Darryn passavam por mim com zunidos, levantando meu cabelo, e era como se o tempo estivesse parado. Eu segurava as adagas entre os dedos com tanta força que os nós dos ossos se tornavam brancos. Podia ver cada gotícula de água e o brilho da noite refletido nela. Era assim que os humanos se sentiam quando estavam prestes a morrer?

Então o dragão pousou em terra. Senti seu hálito quente e pútrido. Ele se ergueu, querendo mostrar-me todo seu esplendor e abrindo os braços curtos em relação ao grande corpo, mas com garras afiadas prateadas com as quais pretendia me erguer e despedaçar. Eu não daria tempo suficiente para que a criatura fizesse aquilo. Não era a mais forte e talvez não tivesse a mais brilhante sabedoria ancestral, mas era rápida. Com um giro, atirei, circundando o halo de prata no peito do dragão com as adagas envenenadas. Chamei *Sarayah* e, aproveitando seu atordoamento, finquei a espada no estômago, fazendo jorrar seu sangue negro.

Apolyon começou a urrar e emitir sons terríveis na língua do Inferno. Darryn continuou a massacrar com suas setas o círculo do halo de prata, fazendo-o sangrar ali também. Ele por fim caiu, derrotado e vomitando sangue. O corpo imenso media quase toda a circunferência do lago.

— Agora, servo de Lúcifer, criatura das trevas, vou lhe enviar para a prisão reservada para aqueles que espalham a morte e a destruição como você, Apolyon. Eu o sentencio pela espada – ergui *Sarayah* para lhe cortar a cabeça quando senti a chegada de alguém, aquele mesmo alguém que estivera na floresta antes.

— Espere! – um rapaz muito belo e alto, trajando uma armadura negra com o brasão de Thornwall no peito, gritou, desembainhando a espada.

— Desculpe-me, mas não posso esperar. Temos que dar um fim nessa criatura, elas se curam rapidamente e...

— Cale-se, mulher! – interrompeu-me, com o olhar injetado. - Esse halo de prata me pertence. Eu o quero de volta, além do direito de reclamar essa criatura. Vou matá-la eu mesmo diante de todos em Thornwall – Julian era seu nome, agora eu sabia. O príncipe sombrio falou, e agora eu via claros sinais de loucura em sua voz e olhos. Seus cabelos negros e longos estavam embaraçados e caíam sobre o rosto, que estava sujo de sangue e terra. Ele havia matado mesmo seu pai. Que tristeza.

— Não deve falar assim com uma dama, seu fidalgote. Foi ela quem interveio para salvar a todos enquanto você e seu pai se embebedavam no castelo. Agora que o dragão está quase morto, vem reclamar a glória para si? É sempre assim, não há mesmo justiça no mundo para aqueles que não nascem banhados no ouro. Saia, ou eu mesmo ponho uma flecha em sua cara bêbada, seja você quem for – Darryn disse, apontando diretamente para Julian.

— Caso não tenham percebido, não temos tempo para isso agora. Se o dragão se erguer novamente, ninguém conseguirá detê-lo. Afaste-se, Julian. Já derramou muito sangue hoje, não acha? – olhei para ele, não em desafio, mas antes com a profunda comoção que ele deveria estar sentindo pelo que havia feito.

Ele me encarou surpreso por alguns instantes. Aquilo não fazia parte de seus planos e, aparentemente, nada saía vivo depois de atrapalhar o que havia planejado ou desejava.

— Eu, eu tomarei o que me é de direito, mesmo que saia sozinho daqui! – seu olhar tornou-se obscuro e o brilho da espada pesada de guerra que ele ergueu contra mim cintilou na escuridão da noite e daquela alma que se afundava cada vez mais na iniquidade de seus atos.

— Que assim seja, então. Lamento por suas escolhas, garoto. Darryn, por favor, preciso que você se retire das redondezas do lago – pedi, a cautela permeando a voz.

— O quê?! Está me enxotando como um cão? Não vou deixar uma mulher lutar com o crápula que expulsou os pobres para as montanhas e nos tem roubado a vida inteira, enquanto fujo como um covarde – a reação indignada dele já era esperada. Não pensei nem por um instante que ele bateria em retirada ao meu pedido. Homens tem seu ego e orgulho em alta conta. Uma pena, pois tive que aplicar uma medida desesperada: fingindo

dar-lhe um abraço compreensivo, dei um golpe de pressão em seu ombro que o deixaria inconsciente por um bom tempo. Ele caiu desacordado, mas o último olhar que me deu era de descrença.

— Vejo que estou lidando com uma mercenária aqui. Também quer a glória de matar o dragão somente para si, mulher? – Julian riu, aguardando ironicamente seu oponente, já que eu ainda estava entre ele e seu alvo.

— Não sou nem uma coisa, nem outra, garoto. E você também não. Sei que não se sente muito consigo mesmo. Já faz algum tempo, não é mesmo, Julian? Uma raiva incontrolável, pensamentos de vingança constantes, de ganância, algo o impulsionando a conquistar e a querer mais, dizendo que você merece mais, vozes que sussurram nas sombras. Tudo isso o tem atormentado.

— Já lhe disse para calar a boca, bruxa! Saia da minha frente, ou vou parti-la em pedaços! – ele rosnou, vindo com fúria em minha direção. A pior falha de alguém é empunhar uma espada com raiva, é o mesmo que usar uma venda nos olhos durante o combate. Um simples movimento e lhe dei uma rasteira. Julian não caiu, pois havia algo a mais com ele. Um demônio.

— Pode se mostrar, estamos a sós agora. Eu começo – era um alívio soltar minhas asas novamente. Primeiro as menores inferiores e depois as superiores. Nós, querubins, temos dois pares de asas, diferentes dos serafins, com suas seis. O brilho emanado delas fez com que o corpo de Julian se retorcesse de uma maneira estranha. Mas aquele não era meu maior problema: de longe, fitei um olho vermelho me encarando. O dragão estava despertando.

— Argh! O que está acontecendo? Ah! Minha cabeça... – ele derrubou a espada, caindo no chão, puxando os cabelos.

— O que está acontecendo, Julian, é que os demônios que atormentam sua família há gerações finalmente encontraram um anjo em seu caminho. Sua mãe era uma atalaia, além de uma profetisa. Por isso, a marcaram com o halo de prata. Ela sabia quando os dragões viriam e sabia como pensavam. O rapto do seu pai já era esperado por ela, mas ela suportou tudo. Ryuna preferiu se isolar na torre e ser privada muitas vezes até de alimento. Por levar uma vida de contemplação e de oração, ela foi levada ao Céus. Você já deve ter ouvido muitas lendas e histórias de pessoas assim. Sua mãe não se suicidou, foi liberta por sua ligação com o Trono Celestial. Mas, os demônios que a perseguiram queriam seu troféu, como o querem agora. Estou aqui também para colocar um fim no legado de violência e injustiça que vocês têm

deixado nessa terra. *Matarei dois coelhos de uma só vez*, como vocês humanos dizem.

— Se eu deixar que faça isso, antes de quebrar suas asas – agora não era mais ele quem falava comigo. A voz jovem e arrogante de Julian tinha dado lugar a uma outra, de timbre grave e rouco.

— Muito bem. Não sou conhecida pela boa oratória. Vamos ser ágeis o quanto possível com isso – avancei sobre ele, coloquei minha mão sobre o peito de Julian, puxei a forma asquerosa do demônio para fora e o atirei ao solo. Infelizmente, ele não era pequeno. Era mais alto e forte, embora tivesse feições quase humanas, talvez pelo tempo em que estivera habitando entre os Straufus – Como se chama, emissário de Lúcifer? – indaguei, procurando confrontá-lo.

— Sou Azazel. Acha que com sua pequena força me retiraria dali? Me deixei tirar para brincar com você, querubim. Faz tempo que não encontro um desafio real. Atormentar a atalaia possuindo o filho dela aos poucos foi meu presente particular aos Céus, espero que o tenham apreciado – ele tinha dentes afiados e uma pele escamosa como a de um lagarto.

— Não desejo matança, demônio. Sabe que se Apolyon se reerguer, será o fim de seu reinado também. Então, por que não me deixa dar um fim nele de uma vez por todas? – tentei apelar para a ganância de Azazel.

— Me unirei a ele com prazer. Acha que me importo com esse punhado de tijolos e carne? Que tudo seja reduzido às cinzas. Nosso propósito é tão somente a morte e a destruição. E nada me dará mais alegria do que começar manchando essa terra com sangue querubim, mesmo que seja uma querubim patética como você, *Ashira*. Me subestimam enviando alguém tão fraco para me procurar. E foi Apolyon quem me chamou aqui, ele marcou esse menino com o tecido que vem carregando há anos – ele cuspiu, demonstrando todo seu desprezo por mim.

— Veremos, então. *Sarayah* – falei, chamando a mim minha preciosa dádiva de guerra.

A espada brilhou com a força celestial. Com a presença de dois demônios poderosos, estávamos em clara desvantagem. Recitando minhas orações, resolvi que atacaria primeiro. Não me daria ao luxo de esperar mais. Golpeei os flancos do demônio, que precisava elevar muito a guarda devido a espada pesada que carregava. Sangue negro jorrou de suas feridas, mas ele não parecia dar sinais de que iria ceder.

— Muito bem, parece uma criança com uma faca de manteiga, anjo.

Vou gostar de cortar você – então, Azazel correu em minha direção como um touro furioso, jogando-me contra uma árvore e derrubando-a. Senti algo dentro de mim sendo quebrado e o demônio fincou a espada em meu ombro.

Levantei voo antes que meu oponente pudesse me ferir ainda mais. No alto, usei toda minha concentração e energia para me impulsionar para descer com toda força e velocidade sobre ele. Empunhei a espada para cravá-la no ponto certo.

Azazel ainda estava de costas onde havia me derrubado sobre a árvore quando eu caí com espada em seu coração. Havia alertado o insolente quanto a minha agilidade. O demônio urrou e tentava me pegar com suas garras, mas a dor e *Sarayah* o impediam. Depois de alguns instantes, ele caiu apagado na terra barrenta no leito do lago.

Eu mal tive tempo de me recuperar, pois Apolyon já se remexia causando ondulações na água escura, suja por seu sangue maligno. Limpei *Sarayah* na terra e segui rumo ao dragão. O halo de prata reluzia no céu noturno. Aquela marca já causara muita destruição. Não mais, eu não permitiria.

Corri até o dragão e que os Céus estivessem comigo. Seria o fim do Leviatã e o seu poderio. Quando cheguei perto de sua boca, ele levantou a cabeça, jogando água e terra sobre mim. Porém, dessa vez eu não precisava me conter. Poderia atacá-lo com tudo o que tinha.

— Apolyon! – gritei, enquanto o monstro ensandecido balançava a cabeça descontrolado pela dor dos ferimentos. Com um voo rápido, cravei a espada entre seus olhos, forçando-o a ir abaixo novamente. O impacto que seu corpo causou reverberou por toda a floresta novamente. Entretanto, eu não perderia tempo. Não me agradava a violência daquela tarefa, mas, se ela se fazia necessária, eu seria a ferramenta celeste a executá-la.

Seus urros selvagens e demoníacos ressoavam ódio, fome e indignação. Por certo, ninguém viria da parte de Lúcifer para ajudá-lo. As criaturas do escuro não lidavam bem com o fracasso ou frustração. Tornavam-se bestas ainda mais implacáveis e insanas. Com o crânio rachado e sangrando, os olhos cobertos pelo próprio fluido negro, o Leviatã investiu contra mim, tendo seu tamanho gigantesco como vantagem. Ele mal conseguia me ver, apenas procurava não morrer sem antes dar cabo do anjo que se atreveu a cruzar seu caminho. Utilizei minha presteza para escapar de suas patadas, das reviradas de sua cauda coberta de espinhos e de sua boca horrenda.

Seus pés batiam no solo com tanta violência que eu começava a temer

pela floresta e, conseqüentemente, pela cidade. O chão se abria em fendas profundas onde o monstro descontava seu desapontamento por não ter êxito em minha destruição. Vê-lo daquela maneira não me trazia nenhum prazer, contudo. De certa forma, até me compadeci da pobre fera. Não o deixaria sofrer mais com a vergonha e os ferimentos.

Com rapidez, decepei a criatura e, tão logo o fiz, seu corpo começou a evanescer. O Inferno reclamava para si mais um dos seus servos derrotados.

Baixei ao chão com um baque seco. Estava exausta e suja. Quando dei por mim, uma lágrima teimosa permanecia inerte em uma das maçãs do meu rosto.

— *Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa do juízo* – lembrei-me das Escrituras e suas palavras sábias me confortaram.

Sarayah brilhava erraticamente, também ansiando por seu descanso, assim como sua portadora. Coloquei-a na bainha, agradecendo por mais uma batalha ao meu lado.

Estava consumado. Ashira, a *Canção Cortante*, havia cumprido mais uma missão em nome dos Céus.

7. Gênesis

Acordei com a dor do golpe de Ashira ainda pulsando em meu ombro. Não havia mais sinal do dragão e Julian Straufus jazia desacordado aos seus pés. Apesar de aparentemente ter enfrentado batalhas com ambos, Ashira ainda parecia uma pintura irretocável, com os cabelos que pareciam estar em chamas e olhos cor de mel. Quando ela lhe olhava, seus olhos emitiam um brilho tão doce que poderia derreter o coração mais duro e frio do mundo. Aquela donzela poderia convencer qualquer um de qualquer coisa, porém ainda manejava uma espada.

Não entendo como pude ser rude com ela quando a conheci e como Julian pôde erguer uma arma contra Ashira simplesmente por glória. Ela não pertencia a essas terras e ainda assim tentava nos ajudar; ele sempre esteve aqui e pouco se importou com o destino de Thornwall ou de qualquer outra pessoa além do seu próprio.

Ainda divagava enquanto tentava me levantar, quando ela percebeu que eu já havia acordado:

— Darryn! Por favor, me perdoe por tê-lo ferido! Era preciso. Agora o

perigo já passou – falou, enquanto corria em minha direção.

Minha salvadora sorriu e explicou que matara o dragão. Disse também que agora eu teria uma nova missão: trazer meu povo de volta das montanhas para Thornwall. Eu disse a ela que os Straufus não permitiriam, mas Ashira me disse para ter fé e fazer o que pedira. E, oposta a uma estrela cadente, ela subiu ao céu num turbilhão de luz. Eu pensei ter ouvido a música que cantamos ao nos conhecer quando ela partiu.

E assim foi. Naquela mesma noite, Julian pegou seu tão almejado halo de prata. Entretanto, o peso de seus crimes e de sua família foram demais para sua mente. Ele jamais regressou à Thornwall. Dizem que é possível vê-lo vagando pelas montanhas, murmurando com o halo sempre em mãos. Seus cabelos, barba e unhas cresceram e ele se alimenta da relva, como um animal. Ninguém o tomaria pelo príncipe que um dia fora.

Quanto a mim, tenho liderado a cidade desde então. Minha família pode contar com um teto sobre sua cabeça e com pão na mesa todas as noites, assim como muitas outras banidas pelos tiranos senhores feudais há gerações. A maioria das crianças nunca havia descido dos picos inóspitos que habitávamos e brincam com alegria pelas ruas planas e seguras da agora acolhedora cidade. Ainda temos membros da antiga família, seus conselheiros e outros gananciosos que procuram o poder para nos oprimir, porém aprendemos com o passado a não nos curvar diante do ouro e da guerra.

Os portões estão sempre abertos, e jamais nos esquecemos de que os Céus nos libertaram de jugos que iam muito além da tirania humana e sobre os quais sempre deveríamos estar em vigilância.

SERIEIA NEGRA

JOSY SANTOS

Leon estava bebendo em um bar com seus subordinados. Haviam atracado no porto de Chipre mais cedo naquele dia e agora, já no fim da tarde, poderiam aproveitar sua merecida pausa.

Era um homem alto e forte – dificilmente alguém o importunava em um bar. Apenas um olhar para sua silhueta, e seu rosto marcado pelo tempo no mar já afastava a maioria dos encrenqueiros. Aquele rosto dizia: *se quiser problemas, já encontrou.*

Mas o que não sabiam era que, na verdade, ele tinha um grande coração. Quando menino, o pequeno Leon crescera em uma praia, com seus pais e sua irmã, até o dia em que a Peste Negra os levou embora. Tentou trabalhar em outro local, distante dos mares, porém o mar sempre o chamou de volta. Hoje era capitão de seu próprio navio, o “Graça das Estrelas”. A lembrança da morte de seus pais e de sua irmãzinha, contudo, sempre o seguiria como um fantasma.

Estava se lembrando de tudo o que conquistara em sua vida, quando prestou atenção ao que Jake, seu imediato, estava falando:

— Disseram que o Porto não tem recebido navios e mercadores desde que o navio negro chegou. Parece que não são piratas, mas coisa boa também não são.

— Navio Negro? Não havia nenhum navio quando atracamos – Leon comentou.

— Ele chegou ao anoitecer, senhor. Dizem que ele tem aparecido todas as noites na última quinzena, como se estivessem procurando algo... Ou

alguém.

Jake tomou sua cerveja de um único gole, para disfarçar o arrepio. Leon ergueu-se da mesa e tentou ir até a janela para ver o tal navio. Mal deu um passo quando dois homens, com o dobro do seu tamanho, entraram no local.

Os dois, um negro e um indígena, olharam apenas uma vez pelo salão e seguiram na direção de Leon. Por sua vez, o capitão já fechou as mãos em punhos, preparado para brigar se fosse necessário. Suas luvas eram famosas pelos detalhes de metal que normalmente deixavam cicatrizes em seus oponentes.

— Capitão Alvarez? – indagou o mais alto.

— E quem quer saber? – disse Leon, fuzilando a dupla com os olhos.

— Venha conosco – disse o homem, apertando o braço do capitão.

Não devia ter tentado. Com a mão oposta, Leon tentou nocautear o homem. Seu oponente, além de aparentar não ter sentido nada, apertou ainda mais seu braço. Naquele mesmo momento, o seu parceiro, aproveitando o atordoamento de Leon devido ao golpe não ter dado certo, segurou seu outro braço.

Mas eles não contavam com o fato de que Leon não estava sozinho – toda a sua tripulação estava ali de folga! E todos partiram para cima da dupla, a fim de salvar seu capitão.

O indígena largou então o braço de Leon e, com uma destreza impressionante, bloqueou os golpes dos dois primeiros homens que o atacaram. Mal terminou de bloquear aqueles dois, acertou a próxima dupla com socos rápidos, que imediatamente os nocautearam.

Leon tentou ajudar seus companheiros, porém o negro o imobilizou com uma chave de braço. Ele tentou se debater para ajudar seus homens, mas foi em vão. Parecia que seu inimigo tinha uma força sobre humana!

A luta não foi longa. Em cinco minutos, já havia dez homens seriamente feridos caídos no chão, e nenhum foi capaz de sequer arranhar a dupla desconhecida. Por fim, incapaz de ver seus homens sendo massacrados, Leon disse:

— Basta! Levem-me para onde quiserem! Não sei o que lhes fiz, mas deixem meus homens em paz!

A dupla prontamente largou os tripulantes e saiu com o capitão abatido, que não percebia o calçamento e as pedras gastas mal iluminados pelos postes, enquanto caminhava, cabisbaixo, em direção ao porto.

Não muito surpreso, reparou que estava sendo conduzido ao famoso

Navio, em cujo casco estava gravado o nome em letras douradas: “Sereia Negra”. Marinheiros se apinhavam nas vergas e junto às amuradas, em suas funções de trabalho.

Ao subir a bordo, notou pela primeira vez o estranho silêncio que tomava o porto e a embarcação. Parecia que estava numa sepultura. A tripulação era composta dos tipos mais estranhos de pessoas, e aparentemente todos estavam doentes – eram incrivelmente pálidos à luz do luar. Mal pisou no convés quando ouviu seu raptor gritar:

— Levantar âncora!

— Como assim levantar âncora? Vão me raptar? Quem contratou vocês? Quem é o inimigo que quer minha cabeça?

O pensamento de deixar seus subordinados, seu navio e sua terra encheu seu coração de medo pela primeira vez em muitos anos, ainda que seu semblante só aparentasse raiva contra aquele a quem se dirigia. Enquanto isto, Leon avistava as velas brancas sendo içadas com rapidez.

— Nossa capitã deseja vê-lo, pergunte a ela – o negro saiu então andando na provável direção da cabine principal.

Intrigado, Leon o seguiu. Uma capitã, ele disse. Nunca havia conhecido uma mulher nos mares.

O homem abriu a porta da cabine e Leon entrou. Um cheiro de perfume de lírios invadiu seus sentidos. Em uma bela cadeira de espaldar alto e detalhes dourados, uma garota de no máximo treze anos estava sentada como uma rainha. Seus cabelos eram negros como o casco do navio, e seus olhos eram de um castanho tão profundo e assustador como as águas em dias de tempestades. Aturdido, Leon mal notou quando o homem fechou a porta, deixando-o a sós com ela.

Sentiu um calafrio pelo seu corpo. A garota que o olhava lembrava muito a sua irmã. O olhar sereno e o corpo magro o faziam se lembrar daquela menina que corria na praia, que brincava com boneca e a qual ele não conseguira salvar. Enquanto uma lágrima solitária escorria de seu olho, a garota se lançou sobre seu pescoço com um pulo felino, lhe dando o beijo fatal que o levaria para as sombras.

Leon acordou na mesma cabine, ainda no chão. Sentia-se extremamente fraco. A jovem capitã lhe estendeu uma taça rubra.

— Tome, é meu sangue. Se você o beber, ficará bem e viverá para

sempre, como eu e todos do navio.

— Por quê? Por que eu? — questionou, enquanto olhava a taça claramente cheia de sangue escuro.

— Preciso de um comandante de confiança. O último me traiu, e não posso perder tempo para partir. Ouvi dizer que você é o melhor desta parte do país, portanto vou levá-lo, ou você também pode morrer e o jogaremos no mar. Mas já lhe advirto que mandarei meus homens matarem toda a tripulação do seu antigo navio se não aceitar.

Ela sorria ao dizer isso, agora novamente sentada em sua cadeira. Como uma menina mimada, ela fazia tudo o que quisesse e retalharia quem lhe contrariasse. Era um monstro, mas, naquele momento, quando olhou para ela, Leon viu outra coisa.

Ele viu uma menina sozinha, que precisava de um aliado que cuidasse dela. Bebeu a taça de um único gole.

— Qual é o seu nome?

— Lucélia Orkwood.

Ela se levantou e, com um sorriso satisfeito nos lábios, apertou a mão de seu mais novo comandante. O “Sereia Negra” cortava as águas majestosamente enquanto se distanciava do porto sob o luar.

NOITE SEM LUA

AKOBEN

De todas as noites que se passaram, essa era a mais estranha desde que o Morro dos Bolgias foi transformado na maior favela do Rio de Janeiro. Os fogos eram intensos, o pessoal estava trabalhando intensamente. Os laranjinhas iam e viam junto com os mais velhos, todos armados de escopeta, fuzis e granadas. Parecia uma zona de guerra, mas era apenas mais uma favela desse país de merda.

Um país que reproduzia vermes e podridão, desde as capitais até as vielas do interior. Sempre davam um jeito de envenenar algum movimento social e acabar com as chances de educação daqueles que tentavam levantar do poço. Alguns morriam afogados com musgo saindo por todos os orifícios. Claro, há quem consiga sobreviver, porém à base de concessões morais. Era como fechar os olhos e lavar as mãos no sangue daqueles que se sacrificavam todas as noites na favela.

— Meu filho, um dia você sai daqui – uma voz trêmula se arrastava pelas paredes apertadas de um dos barracos. — E se eu não conseguir andar, me deixe aqui, mas vá para bem longe.

Era uma senhora sentada em uma cadeira velha. Sua feição não escondia as dores da fome, e seus dedos inchados eram como uma ampuheta que contavam os dias restantes para sair dessa vida.

— Vovó, não vou para lugar algum sem a senhora – um jovem descamisado estava sentado em uma poltrona, de frente a uma TV de 30 polegadas. Era fácil fazer prestações e se afundar mais em dívidas por aqui.

Ele assistia a uma novela famosa. Era um mundo dos sonhos dentro

daquela tela: homens e mulheres tinham dinheiro e poder, escolhiam carros e levavam amigos para jantares.

— Você vai sim, Tomás. Você não pode ficar aqui que nem eu, envelhecendo como um fungo nesse buraco de morro. Daqui a pouco, pode morrer jovem igual aquele seu amigo, o Tiguinho Maloca.

O jovem passou as mãos no seu cabelo, estava seco e duro. Ele mal conseguiu fazer os *dreads* naquele dia. Pensou em como o discurso de sua vó antagonizava com a cena que via na TV. Entre esses dois mundos, ficava o som das balas entre a malandragem e os alemães. Era difícil manter o sono em momentos como aquele – o medo era de ser pego por uma bala perdida e não acordar mais. Sua avó Joana não resistiu e seus olhos tombaram de forma bem pesada.

Na outra ponta do morro, Théo participava de um rito. Os tambores do candomblé sincronizavam com a chegada de novos guerreiros, batizados no terreiro:

“Ogum feche teu corpo para os inimigos, que as balas esquivem, que o mal que lhe infligirem volte em dobro”.

A mãe de santo era uma mulher grande, com aparência entre quarenta e cinquenta anos. Ela usava uma roupa branca com bastante renda, colares enormes com cores da matriz africana e uma pintura facial que lembrava uma onça.

O êxtase era intensificado pelo som do combate, a polícia começava a subir o morro com suas sirenes invadindo o batuque. Este continuou dando ritmo para as palavras da Mãe Luanda.

Da janela do seu barraco, Tomás observava o maior e mais belo eclipse de sua vida.

— Isso não é bom agouro, meu filho. Feche a janela e venha rezar – sua avó abria os olhos e, com um terço entre os dedos calejados, começava sua oração.

— Que é isso, vó! É só um eclipse.

— Um dia, meu filho, seus olhos vão ter tanta experiência quanto os meus e eles vão te mostrar o que há por trás de cada sombra.

Curiosamente, uma ventania surgiu cantando pelos telhados. Ela gelou os ombros daquele jovem, e ele sentiu que boa coisa não vinha.

A polícia não estava subindo o morro atoa – há alguns dias, um tenente havia sido morto em retaliação à prisão do chefe da boca, Théo. A cena do crime foi aterrorizante; dentro do carro, as vísceras do tenente Bruno Caster estavam sobre seu peito, mas nenhuma gota de sangue foi encontrado. Suas veias foram drenadas. Outras secreções pelos bancos delataram o sexo que havia acontecido antes da morte.

Na cadeia, uma rebelião também causou a morte de muitos presos, degolados, espancados e esfaqueados. Os corpos foram usados para tapar o buraco que serviu de fuga para Théo. Ele era arrogante, sua fé era conhecida em todos os outros morros da cidade. Contam que ele fez um grande pacto e que tem vários seres do submundo trabalhando para manter seu reinado. Os outros traficantes temem encontrar com o chefe, pagam algum tributo de vez em quando para afastar seu mau olhar.

Alguém que coloca tanto medo no coração dos homens, não pode ter no seu. Quando fugiu, Théo foi direto para sua mansão na favela, ao lado do terreiro. Dizem que ali ninguém consegue entrar sem uma ordem dos demônios.

— Vamos ver se esses demônios têm mais poder do que uma bala – Tenente Derick dos Anjos estava à frente da investida policial. Ele era um investigador experiente que já havia enfrentado coisas mais sombrias do que as histórias sobre o traficante. Encontrou pistas na cena do crime que poderiam levar ao assassino e desmantelar toda sua rede de conexões até chegar a Théo.

O tenente tinha cabelos curtos emoldurando um cavanhaque bem feito.

A entrada da favela era estreita e estava bloqueada por barreiras de pneus improvisados. Atearam fogo por toda parte, mas os veículos policiais não titubeavam e seguiam em frente.

Alguns conglomerados de barracos pareciam prédios, estavam empilhados sobre ladeiras, criando paredes enormes.

— Isso aqui não vai cair, tenente? — um policial perguntou.

— Vai não. A casa já caiu pra esse bando – Derick respondeu com ironia.

Tiros surgiam por todos os lados. Os blindados foram na frente. Nos becos escuros, a ventania soprava de uma forma sinistra. Sombras confundiam a visão dos policiais. Em determinado momento, foi possível ouvir os tambores que tocavam no terreiro.

— Está fácil. Os tambores vão indicar o caminho, tenente.

— Ou nos enganar sobre ele. Precisamos dividir as tropas e seguir com paciência.

Ele estava certo. Théo estava no terreiro, mas o som parecia estar do outro lado da favela.

— Exú vai afastar de nós aqueles homens, vai fazer nossos tambores tocarem onde eles menos esperam e, quando chegarem perto da música, ela vai começar a ecoar noutro lugar – a mãe Luanda estava em transe, e ninguém sabia o que desceu. Mas seus olhos brancos e sua risada eram indícios do sobrenatural.

O traficante pegou alguns homens, entrou em um jipe e saiu armado com lanternas. O eclipse havia deixado um breu total pela favela.

Tomás enfim ouviu sua avó e fechou a janela. O vento frio entrava e congelava sua alma.

— O que é isso, vó? – ele escutou algo do lado de fora.

— Urubus. Essa noite está cheirando a morte e não será bom ficar acordado.

Os minutos se passaram e o jovem foi se deitar, mas antes ele fez um chá que compartilhou carinhosamente com a velha senhora. Certo de que ela estava com os pés quentes e descansava sobre um travesseiro macio, conferiu os trincos e foi dormir. Com as mãos, ele tocou o chão abaixo de sua cama até os dedos alcançarem sua escopeta.

Aqui na favela temos sempre que estar preparados. Ele sabia que se algo acontecesse, teria de puxar aquele gatilho, então rezava para as coisas darem certo.

Uma lambida passou entre os vãos dos seus dedos.

— Presto, é você amigo?

Seu cãozinho havia acordado. Era um vira-lata bem esperto. O nome foi inspiração do desenho Caverna do Dragão, que Tomás curti quando jovem. O animal estava agitado aquela noite.

— Vai dormir, anda. Ou vai dizer que está com medo dessas balas que a gente escuta quase toda noite?

Eles adormeceram, mas os urubus continuaram cercando o seu barraco.

Os sonhos de Tomás eram turvos. Sonhava como seria viver na cidade, como um empresário. Teria alguns empregados e passaria um tempo escolhendo o tênis Nike para combinar com o Red Bull. Sentia que alguém o

acompanhava, entretanto era angustiante não enxergar quem era.

A angústia cresceu e foi transformando o sonho em pesadelo. No meio de uma sala de estar luxuosa, um carro atravessou as paredes. Era um conversível e, em seu banco de motorista, havia um homem morto com as vísceras sobre o peito. Tomás se afastou, então trombou naquele que o seguia desde o começo.

Era um homem de beleza inefável. Sua pele negra parecia ouro, seus olhos castanhos tinham o tom de mel. Havia tanta luz ao seu redor que ofuscava quase toda sua visão. Ele segurava um orbe de luz e erguia a outra mão como se quisesse que a tocasse.

— ODO MAD OOANOAN! – o homem ordenou e, de alguma forma, o rapaz compreendeu o sentido daquelas palavras.

Tomás abriu os olhos e a porta de sua casa estava se fechando. Sua avó parecia correr por ela; de longe, sua silhueta não parecia normal.

— Vovó, o que houve? Volte!

Na frente de sua cama, uma luz como do orbe dos seus sonhos flutuava ao centro.

— O que você quer comigo? Saia daqui!

Ele atirou sobre a luz um copo que ficava ao lado da cama e que se despedaçou na parede. O cão acordou latindo alto. O rapaz então se dirigiu até onde sua avó Joana dormia no barraco e comprovou que ela não estava lá. Sentiu um perfume forte, doce como ela não usava.

Quando saiu pelo barraco, foi parado pela polícia que subia o moro.

— Perdeu, perdeu!

Homens bem armados desceram de uma caminhonete e o jogaram bruscamente de cara no chão.

— Eu não fiz nada, senhor! – Tomás protestou.

— Só queremos conversar – Tenente Derick andou sobre suas costas e foi entrando em seu barraco. — Coloquem ele sentado por aí.

— Rapaz, estamos procurando um assassino. Ele dilacerou o corpo de um dos nossos companheiros policiais. Você sabe de alguma coisa?

— Não senhor, não sei do que está falando – seus olhos procuravam não encarar o PM.

— Alguém mais mora aqui com você?

— Só minha avó, senhor.

— Você sabe que não gostamos de mentiras, não é?

— Sei sim, senhor, só minha avó mora aqui.

— E onde ela está nesse momento?

— Não sei, senhor, ela saiu.

— Que ironia, não é rapaz?

Derick andou e reparou no cheiro que estava no ar. Essência de maracujá. Não era um perfume raro, apenas quando o processo de fabricação era artesanal.

— Tomás, é esse seu nome, não é? – Derick leu em uma conta da internet que estava empilhada sobre a mesa. — Encontramos na cena do crime algumas gotas dessa essência de maracujá, essa mesma que está exalando aqui da tua casa.

— Tenente! – um dos homens da polícia interrompeu a conversa, trazendo um porta retrato. — Ele não está mentindo, avistamos essa senhora sair da casa quando estávamos chegando. Deve estar por aí ainda.

— Vamos levar este jovem com a gente. Joguem no camburão.

De maneira rude, os homens jogaram Tomás, sem camisa, de samba canção e com bastante frio, na parte de trás do veículo e começaram a ronda.

As ruas estreitas ficavam difíceis para qualquer um naquela noite sem lua. A batalha dos PMs contra os bandidos não descansava; algumas vezes, o carro com Tenente Dos Anjos era abordado por moleques.

— Distribuam balas para essas crianças – os homens brincavam com a situação.

Quando o caminho ficou mais difícil, uma subida ficou entre o carro e Joana. A senhora apareceu parada no beco.

— Vovó!

— Senhora, fique onde está! Vamos levá-la para a casa e conversaremos um pouco.

Ela sorriu e os homens começaram a gritar. De dentro da gaiola do carro, o neto não entendeu nada. Então lembrou as palavras em seu sonho: “*odo mad ooanoan*”

— Abra seus olhos – repetiu.

Então pode ver sua avó rasgando toda sua pele. Asas como de morcego gigantes começaram a crescer em suas costas, era grotesco. Seus olhos e sua face se deslocavam enquanto sua postura encurvada alternava, esticando sua pele.

— Sucubu, eu sabia – Dos Anjos não se espantou, mas seus homens se

preparavam para correr. — Vocês também fazem parte do pacto com Théo.

O monstro saltou em direção ao carro policial, estourou as janelas de trás e puxou Tomás com suas garras.

— O que é isso, vovó?

— Eu avisei que a noite seria muito mais sombria do que o normal. Você não caiu no meu feitiço, deveria estar adormecido.

As pistolas entraram no jogo, assim como os rifles. Todos atiravam para matar, ninguém queria brincar naquele momento. A Sucubo abriu a capa e olhou fixamente para alguns homens, que ficaram hipnotizados.

— Vocês querem meu corpo e posso satisfazer os desejos mais ocultos nessas mentes sujas. Sejam meus e terão tudo o que desejam de mim.

Os soldados começaram a atirar nos próprios colegas. Alguns usaram suas facas e cravaram nos pescoços, muito sangue jorrou.

Théo estava no alto do morro com sua tropa pessoal. Observava tudo e via que, apesar de suas orações, nem Exu nem Ogum conseguiam proteger os bandidos das forças policiais, eram homens demais. Esperava que sua serva sucubu chegasse para concretizar sua oferenda de sangue no terreiro – ele oferecia o coração do seu inimigo em troca de mais poder. Como traficante, sabia que todo prazer tinha seu preço, e o preço dessa vitória seria um inimigo maior e mais poderoso.

Desde jovem, quando procurou Luanda a primeira vez, oferecendo sua vida em troca de dinheiro, ele estava ciente das consequências de suas escolhas. Por isso, andava sempre armado e trabalhava para construir um império ao seu redor. Tinha tudo o que queria, todas as prostitutas que a favela oferecia, mas não tinha coração... Quando se envolvia com alguém, algum destino trágico afastava quem estava por perto. Quase sempre era a morte. Talvez por isso, ele odiasse quem podia amar livremente.

Contrariando as palavras da mãe Luanda, resolveu ir pessoalmente buscar o prêmio, arrancando a força do peito de Derick dos Anjos.

— Devagar com o andor, meu filho – a velha macumbeira avisou pela última vez.

— Vou descer até aquele coxinha e arrancar aquilo com meus próprios dedos. *Vambora*, ralé, deixem de ser frouxos! – deu tapas nas cabeças de deus subordinados e disparou rumo ao seu destino.

Ali no beco, a sucubu envolvia vários homens em seu encanto, menos

Derick, o tenente.

— Não vou cair em seus feitiços sórdidos.

— Vovó, pare, vamos fugir – o jovem assustado tentava sair daquela cena tenebrosa, as algemas foram retiradas pela coisa que chamava de avó.

— Seu moleque ingênuo, deveria ter deixado apodrecer naquele camburão! Eu sou um demônio, quero ver a alma desses mortais queimando! Não fique no meu caminho.

Os tiros aumentaram. Tomás correu para um barraco que encontrou no beco, entrou e ficou atrás de uma caixa. Parecia um buraco, mas serviu como proteção. A sucubu foi atingida por algum tipo de bomba de gás, e um novo batalhão estava subindo.

— Tenente, está por aí? - homens vinham gritando.

— Chegaram em boa hora, precisamos de reforços.

A fumaça entorpeceu mais ainda a visão de todos. Apenas o rabo escamoso do monstro podia ser visto rapidamente atravessando as sombras, acompanhadas de gritos daqueles que ela atingia.

— Contra o que estamos lutando, tenente?

— É uma sucubu. Se trombarem com sua face, acertem bem no meio dos olhos.

— Não é apenas uma sucubu, é a *minha* sucubu. Quem chegar perto vai pra cidade do pé junto, *sacô?* – a voz de Théo chegava anunciando mais tiros. Seu pessoal estava preparado, armado até os dentes.

O beco começou a feder sangue; o chão ficou úmido em uma mistura de lama e glóbulos vermelhos. Apenas a luz de algumas estrelas iluminavam a favela, mas, naquele lugar pequeno e coberto de barracos, só havia espaço para trevas.

Tomás foi atingido por um tiro de raspão. Doeu muito, e até parou de pensar sobre sua avó. Tinha perdido o monstro de vista. Ele sempre ouviu histórias sobre os demônios, mas nunca teve contato com um.

— Filhos da puta! – outro tiro acertou o rapaz, dessa vez no abdômen.

Vou morrer nesse poço de merda, igual a maioria dos pretos pobres. Realmente, nem todo mundo tem boas chances na vida, mas ele já viu vários amigos morrerem em conflito e sempre pensou que, se ficasse fora do caminho, não iria dormir com formiga na boca. Aquele momento soou como uma das músicas dos Racionais:

*“[...]Uns juntando inimigo, outros juntando dinheiro
Sempre tem um pra testar sua fé, mas tá ligado
Sempre tem um corre a mais pra fazer...”*

E o corre daquele crioulo iria surpreender todo mundo que estava no beco. Lembrou-se do homem iluminado em seu sonho, enquanto seu sangue escorria pelo buraco causado pela bala. Dizem que, entre a vida e a morte, a gente encontra a verdade, e a dele estava naquela frase. Poderia não ter sentido pra muita gente, mas teria para um anjo.

São palavras da linguagem de Adão, antes da origem de qualquer alfabeto humano. Significavam “abra os seus olhos”. Tomás era um anjo. Nada melhor do que ser um anjo para se esconder dos demônios, que um dia já foram anjos também. Além do mais, até no lixão nasce flor.

Logo a vida humana se foi e a angelical surgiu. Tomás se levantou de onde estava escondido. Todos começaram a olhar de forma assustada para ele. Era uma ironia, o mundo conhecia a maioria dos demônios, mas nunca havia botado os olhos em um anjo. Ele não tinha asas, não que pudessem ser vistas, porém sua aura esbanjava uma luz que tocava a alma dos que estavam ali.

A sucubu se aproximou e tentou seduzir o anjo para testar seus poderes. Ela fixou seu olhar e elaborou frases na língua das serpentes, dizendo para o rapaz dormir em seus braços.

— Desculpe, vovó, sei que foi uma boa pessoa pra mim, mas sua alma pertence ao inferno.

Ela mudou seu rosto para parecer como a inofensiva e velha Joana. Fez um olhar cansado, como nos dias em que ficava costurando suas meias. Com uma das mãos sobre a avó, o rapaz foi vagarosamente libertando sua alma, transformando em sombras que eclodiram até desaparecer.

Sua presença influenciou os outros que estavam ali. Muitos fugiram, entre bandidos e policiais. Correram como o diabo corre da cruz. Théo e Derick ficaram estáticos, aprisionados por uma energia que não podiam explicar. Caíram em choro e deixaram o ódio escorrer pelas lágrimas. Essa foi uma das poucas vezes que a polícia desceu o morro com o dono da boca vivo, sem nenhum arranhão.

O anjo subiu ao pico do morro e observou o final do confronto por onde passava. O tempo da morte havia acabado junto com o eclipse.

— Você sabe que a sombra vai tentar acabar com você.

— Vão tentar.

A conversa era com o ser de luz dos seus sonhos. Uma dominação, uma classe angelical elevada, bem mais perto de Deus do que os anjos que vêm a Terra.

— O inferno não perdoa, você vai precisar se esconder aqui na favela. Como fará?

— Vou arranjar um trabalho entre eles. O olho do furacão é o melhor lugar para se esconder dos estragos. Se a guerra é o caminho para acabar com o mal, “*Liga eu, liga nós, onde preciso for; No paraíso ou no dia do juízo pastor*” – Tomás praticamente cantou essa última frase.

— O que foi isso, Tomás?

— Nada não, é um lance de uma galera chamada Racionais.

— Eles parecem um pouco sábios.

— Quem viveu entre os homens sabe que eles têm lá os seus méritos.

SONHOS DE ALMAS SOMBRIAS

ANA CAROLINA JALLES

O calor era insuportável. O céu estava cheio de nuvens, mas estava assim nos últimos dias e não havia sinal de chuva.

Era sempre quente em Bauru, então sua população devia estar acostumada. Porém, a presença constante de ares-condicionados os deixara mal-acostumados. Era o caso de Cí ao menos. Com calor e entediada em casa, estava dividida entre os ares-condicionados, um luxo reservado aos quartos, e o computador, um prazer instalado na sala. A decisão era difícil. Refrescar-se ou ficar no computador?

Foi quando o pássaro pousou no quintal.

Não devia ser um feito incomum. Afinal, a árvore que ficava ali com seus frutos atraía os mais variados tipos de aves: desde os bem-te-vis que nunca se cansavam de cantar até os pardais sem graça. Mas esse era diferente.

Se seu quintal fosse considerado um reino, a visita se tratava de um Rei. Mas ela só percebeu que havia algo estranho quando Pax, o velho basset da família, começou a latir sem parar.

Deixando a questão do computador e do ar-condicionado de lado, Cí foi até o quintal, estranhando o comportamento de Pax. Estando sozinha – já que os pais estavam trabalhando, e ela estava de férias –, era um ruim ouvir barulhos anormais, e o cão era sempre silencioso.

Abriu a porta que levava ao quintal e descobriu que a causa dos latidos de Pax era a ave desconhecida pousada na grama.

Cí nunca tinha visto nada igual em seus dezessete anos. Ao olhar apenas para seu corpo, parecia um pássaro comum, mas a cauda logo o distinguia;

era duas vezes maior do que a sua altura e decorada com manchas brancas.

Mas o mais impressionante eram os olhos. Pareciam lagos do próprio inferno.

Se ainda restava alguma dúvida sobre a soberania da ave, esta sumiu quando o animal levantou voo. Com as asas e a cauda abertas, parecia dizer que o quintal era seu.

Cí esperou que a ave pousasse no topo da árvore antes de colocar Pax para dentro, fazendo-o se calar.

O resto da tarde passou entre o frescor do quarto, o computador na sala e as ocasionais interrupções de Pax, que latia alto. Cí não voltou para o quintal, mas podia ver pela janela a ave ainda na árvore, a cauda comprida balançando e os olhos vermelhos fixos na sua figura.

Estou imaginando coisas, tentou se convencer, apesar de um calafrio percorrer seu corpo toda vez que olhava a ave.

Mesmo quando seus pais chegaram do trabalho e todos foram para cama, Cí não conseguiu se livrar da sensação ruim. Resolveu que não contaria nada para os pais, com medo de soar louca aos ouvidos incrédulos deles.

A inquietação, porém, a consumia.

Sem conseguir dormir, ela se levantou da cama, dizendo para si mesma que tomaria um copo de água.

Claro, ela não precisava parar na sala. E, claro, ela também não precisava ir até a janela que mostrava o quintal e a grande árvore.

Talvez esperasse ver a ave que lhe causara tanto desconforto, mesmo sabendo que não conseguiria durante a noite. Mas não esperava ver o que viu.

Havia um gato no quintal.

Tal como a visão do pássaro durante o dia, Cí não se perturbaria se o gato não tivesse exatamente os mesmos olhos vermelhos, brilhando como duas lanternas, mergulhados em fogo.

E olhando intensamente para ela.

Assustada, ela voltou para o quarto, bateu a porta, deitou na cama e fechou os olhos. Não queria ver mais nada.

Cí não soube como adormeceu tão rápido, então, em um primeiro momento, não percebeu que aquilo era um sonho.

Ela ainda estava deitada na cama. Os dedos apertavam o lençol macio, o som do ar-condicionado servia como trilha sonora e a única luz vinha dos números marcando 18°C.

E havia um cheiro forte de flor no ar.

A única coisa que diferia o sonho da realidade era o homem parado na porta do quarto. A adolescente achava que a fechara, mas no sonho estava aberta.

Tudo parecia imerso em confusão. O homem usava uma capa escura, e Cí tinha a sensação de que seu corpo não era sólido, mas o rosto era bem nítido. A pele era de um moreno suave, e os lábios entreabertos exibiam um sorriso carregado de ironia. Tal como a ave e o gato antes, seus olhos não eram comuns. Não por serem vermelhos e intensos, mas sim porque não havia distinção entre pupila, íris e esclera; tudo era da mesma cor negra.

Em mãos ele tinha uma flor roxa: uma onze-horas.

— Você será minha? – o homem perguntou com um sorriso em seus lábios enquanto o mundo de Cí rodava.

Imagens confusas se seguiram. Uma cobra gigante, o doce som de flautas tocadas por mãos invisíveis, um morcego descendo sobre ela. Todas essas sensações a atingiam enquanto era vigiada por olhos sempre abertos no escuro.

Acordou suando. Mesmo com o ar-condicionado, o quarto estava quente, mas não era só por isso que ela suava.

O pássaro estranho cantava no quintal.

O que tinha acontecido? E quem era aquele homem? Tudo era tão confuso...

Fora só um sonho. Estava tudo bem.

Esperava que a sensação de desconforto passasse com o tempo, porém não foi o que aconteceu. Ao contrário, sentia-se cada vez mais estranha.

Nos dias seguintes, as coisas não foram muito diferentes. Suas manhãs eram perturbadas pela visão do pássaro, e suas noites pelo gato – ambos com seus olhos de sangue. Seus sonhos eram invadidos pelo homem misterioso. Começou a levar Pax para dormir com ela, na esperança de ter um protetor.

Temia estar enlouquecendo.

Pelo menos descobriu o nome da ave que estava sempre em seu quintal. Era conhecida popularmente como alma-de-gato, e as opiniões sobre ela divergiam. Seu vizinho dizia que era um sinal de riqueza. Já sua avó dizia que o alma-de-gato indicava morte.

Cí pesquisou sobre a ave, sem muito sucesso. A semelhança dos olhos da ave e do gato a levavam a crer que eram o mesmo bicho transmutado.

Só descobriu o nome do homem em seus sonhos na sexta noite em que

sonhou com ele. Tudo começou do mesmo jeito. Estava em seu quarto, mas dessa vez o homem estava tão perto que sentia sua respiração.

Segurava duas onze-horas ao invés de uma. Cí olhou para ele fixamente. Não sabia o que ele era. Talvez um deus, um demônio; certamente não era um homem. Sabia disso não apenas por seus olhos completamente escuros e inumanos, e sim porque algo nele emanava poder e perigo.

— Aposto que está se perguntando o que está acontecendo – ele falou, sempre sorridente. – E eu me pergunto se é corajosa o bastante.

Cí não respondeu. Agora que o homem parecia disposto a lhe explicar o que estava acontecendo, não o interromperia.

— Desci para seu mundo atrás de uma esposa para o Sol. Conforme eu buscava e encontrava as mais diversas garotas, perguntava-me por que o Sol devia ter uma esposa. Assim, comecei a reunir garotas para me servir. Meus escravos em forma de animais escolhem aquelas que são boas o bastante para mim, e um deles a escolheu. Será que você é corajosa o bastante para aceitar seu destino?

A cabeça dela começou a doer. O que ele queria? Que destino a esperava?

Quem era aquele homem?

— Quando acordar, vai encontrar a ave morta. Deve enterrá-la, e uma planta nascerá no local. Use suas folhas para ferver um chá e o beba. Assim, vai se tornar uma das minhas sacerdotisas. É hora de deixar uma flor – ele olhou para as onze-horas em suas mãos – e colher outra.

Cí continuou olhando para ele. O homem virou-se de costas, e ela teve vontade de perguntar mil coisas, mas nada saiu de sua boca.

— Ah – ele disse, voltando-se para ela e abrindo o sorriso – Meu nome é Jurupari.

E tudo começou a ceder. Ela tentou se agarrar às cobertas, a qualquer coisa, porém caiu do mesmo jeito, cada vez mais fundo...

Até que acordou com um baque.

Naquela manhã, diferente das outras, o alma-de-gato não cantava, e em seu lugar estavam os latidos de Pax arranhando a porta. Lembrou o que o homem em seus sonhos lhe dissera, e correu para o quintal atrás de Pax.

O cão parou perto de um monte marrom no chão, e ela viu que se tratava do pássaro morto.

Podia ter deixado a ave ali, mas resolveu testar seus sonhos. Quando a mãe chegou ao final da tarde, encontrou Cí toda suja por ter enterrado a ave.

Nos dias que se seguiram, a adolescente não sabia o que pensar. Seu sonho havia se tornado realidade e o pássaro estava morto, contudo devia estar imaginando toda aquela história. A ave e o gato não eram o mesmo bicho como pensava. Jurupari era apenas um sonho.

Claro que plantas não brotam de corpos mortos!

Estava errada. E, com as folhas do raminho crescido no lugar onde enterrara o alma-de-gato, Cí fez um chá. Não sabia dizer por que a seguir aquelas instruções, mas havia alguma coisa que a incentivava.

Naquela noite, antes dos pais irem dormir, deu boa noite para eles. Não fazia ideia do que aconteceria quando bebesse o chá que preparara, porém estava decidida.

Olhou pela janela uma última vez, percebendo que o gato não voltara naquela noite, assim como não fizera nas noites depois da morte do alma-de-gato. Deitou-se por fim, deixando o chá ao lado de sua cama, esperando que esfriasse. Afinal, o clima ainda era quente demais - ou foi a desculpa que usou para prolongar o momento.

Pax dormia aos seus pés e ela se sentia segura.

Era meia-noite quando Cí tomou coragem para beber o chá já frio em sua mesa de cabeceira. O cão acordou de repente. Olhou para ela e lambeu seu pé, ansioso. Mas Cí estava decidida. Respirou fundo, inalando o cheiro adocicado da bebida, e tomou tudo em um gole.

Pax começou a latir, apesar de Cí não se sentir diferente. Levou um susto quando olhou para o próprio braço e percebeu que evanesca.

O terror tomou conta dela e um bolo se formou em sua garganta enquanto via todo o corpo tornar-se invisível. Algo queimava dentro de si, uma dor crescia em seu peito. Pax latia enlouquecido, e foram seus latidos que atraíram a atenção dos pais. A menina nunca chegou a gritar. Quando chegou ao quarto, o casal não pode mais ver Cí. Em seu lugar, havia apenas a xícara sobre a cama e uma onze-horas na mesa de cabeceira. Nunca souberam o que aconteceu, apesar de terem procurado pela filha e acionado a polícia, desesperados.

A questão é que houve uma chuva forte naquele dia, depois de quase um mês de seca. E, mesmo que ninguém mais soubesse, outra sombra invisível uniu-se à noite: uma sacerdotisa para o demônio conhecido por Jurupari, o Senhor Sombrio.

IRMÃS

BRUNO BIANCHI

Entrei em casa sentindo o molho de chaves chacoalhando em minha mão. Eu sabia que deveria ter me livrado de algumas ali, principalmente aquelas da antiga casa. No espaço de cinco segundos entre abrir a porta e encontrar o interruptor, pensei em tudo o que eu deveria ter deixado para trás nos últimos meses. Tinha o antigo escritório, a antiga loja dela, a antiga caixa de lembranças que ela me obrigava a ter e a antiga casa. Um molho de chaves de antiguidades, de uma vida que não era mais a minha.

Eu estava tonto. Provavelmente bebi um pouco mais do que deveria na casa de Daniele, mas não tinha muita escolha. Ela acabou de perder o filho mais velho e temia pela vida do caçula. Era o terceiro desaparecimento no último mês. Daniele precisava de uma boa taça de vinho e eu precisava de uma dose de Jack. No fim, acabou sendo um terço da garrafa. Para alguém que acabou de completar 40 anos, eu ainda aguentava bem o álcool.

O interruptor fez um som alto naquele ambiente morto e a luz iluminou a sala. Não demorei para me ajustar à claridade porque não havia. Eu me enrolei por muito tempo para trocar a luz da sala e agora mal conseguia enxergar o que havia do outro lado do cômodo. Eu merecia. Aquela lâmpada fora problemática desde o início, mais uma antiguidade que eu deveria ter me livrado há muito tempo.

— Papai? — Disse uma voz na semiescuridão e eu conseguia agora discernir uma figura do outro lado da sala, perto da poltrona de couro que comprara quando me mudei. Meu coração parou por dois segundos e, quando voltou a bater, estava saltando como se Keith Moon tivesse voltado dos

mortos para um último solo no meu peito.

— Estou aqui, querida. – Minha voz saiu arrastada, mas talvez ela não tivesse percebido. Seis anos ainda era uma idade bastante ingênua. Só que ela poderia não ter só seis anos. – Por que você não está na cama?

— Tive um pesadelo e você sumiu. Pode dormir comigo hoje?

Meu coração acelerou e eu tive dificuldade para não gaguejar enquanto falava.

— Não acho que seja uma b-b-boa ideia, q-q-querida.

Ela ficou calada por alguns segundos. Provavelmente tinha sentido o nervosismo na minha voz. Naquela luz, quase não era possível ver o contorno de seu corpo. Apenas uma coisa pequena, com cabelos castanhos que desciam até o ombro. Seu rosto era um mistério na escuridão da sala e eu rezei para que ela não conseguisse ver o medo no meu.

— Você pode ao menos me colocar pra dormir e contar uma história? – Havia muita maturidade em sua voz, quase uma *cobrança*. Eu sabia que se ela pedisse de novo para eu dormir com ela, acabaria cedendo. Se ela olhasse nos meus olhos e me pedisse com sua voz doce, eu iria e acabaria com minha vida.

Antes de responder, ela se aproximou alguns passos e finalmente consegui ver seu rosto. Os olhos verdes me encaravam com misto de curiosidade e imploravam para eu aceitar. Ela sorria e era o sorriso mais doce que eu já vira. Ela andava como minha filha e sorria como minha filha, até mesmo falava como minha filha. Era como se fosse uma gêmea, somente uma irmã tentando copiar a outra.

— Por favor? – Insistiu ela ainda sorrindo.

— Vou pensar. Tenho que resolver algumas coisas antes aqui embaixo. Vai subindo e eu já vou te dar boa noite.

Por apenas um segundo, senti que vi quem ela realmente era, *o que* ela por trás daquele rosto quente e frágil. O sorriso escancarado chegava quase até os olhos e por um instante pareceram presas. Eu não sabia o quanto daquilo era real e o quanto era efeito do uísque. Instintivamente, procurei a aliança na mão e senti apenas sua ausência. Fazia quase um ano que ela não estava mais lá, mas eu ainda recorria a ela quando estava com medo.

Engoli em seco quando ela se aproximou um pouco mais, com olhos esbugalhados e inocentes. Me agachei com dificuldade, sentindo as pernas travadas estalarem e, por impulso, quase toquei seu rosto. Não porque eu queria, mas porque *ela* queria. Recuei e eu tinha certeza: ela sabia no que eu

estava pensando, por mais impossível que aquilo pudesse ser.

Ela sorriu em completo silêncio, como se brincasse com meu nervosismo, e assentiu, subindo as escadas para o seu quarto. Fechei os olhos e me concentrei na minha respiração.

O copo de Jack balançava na minha mão. Talvez eu devesse me preocupar com sempre ter uma garrafa por perto, mas ninguém julgaria o pai de uma criança que estava bebendo – pelo menos, não naquela cidade.

O primeiro desaparecimento aconteceu em 4 de junho, cinco meses atrás. Foi um pouco depois que me mudei para cá. O garoto foi encontrado duas semanas depois, com hematomas nos braços, ombros e pescoço. Os hematomas não eram arroxeados, mas sim azuis, como se aquela parte do corpo tivesse congelado.

Naquele mesmo mês, mais duas crianças desapareceram. No segundo mês, cinco, e assim por diante. O filho mais velho de Daniele era o vigésimo segundo. Todas as crianças estavam na faixa dos três aos onze anos. A maioria tinha sido encontrada cerca de duas semanas depois, com os mesmos hematomas. Somente duas crianças, um garoto e uma garota, tinham desaparecido para sempre.

As pessoas acreditavam inicialmente que era um mendigo ou talvez um morador novo. Claro que fui suspeito por um bom tempo, mas logo ganhei a confiança deles. Em uma cidade pequena, é difícil não simpatizar com um viúvo de quarenta anos e uma bela filha de seis, com o sorriso e os olhos da mãe. Quando os corpos começaram a aparecer, a polícia intensificou as buscas e bateu em todas as portas que podia, mas ninguém foi preso. Não por muito tempo: os desaparecimentos e as mortes nunca paravam.

Depois do terceiro mês, passei a notar algo de diferente na minha filha. Para ser mais preciso, comecei a perceber que ela estava comendo menos, *muito menos*, embora mantivesse o mesmo peso. Mentira, ela havia engordado dois quilos nos últimos meses.

Foi só no último mês que comecei a minha própria investigação. Não é muito o que um fotógrafo pode fazer, mas trabalhei o suficiente com jornais e *freelancers* para saber onde e o que pesquisar na internet. E a beleza de ser um viúvo com apenas quarenta anos é que você passa a pesar mais as pequenas coincidências.

Tlahuelpuchi. Essa foi a palavra que mais apareceu nas minhas buscas, mas não a única. Os mexicanos do estado de Tlaxcala tinham várias histórias

a respeito de uma criatura semelhante a um vampiro que se alimentava principalmente de crianças e que conseguia mudar de forma. Os sinais de ataque de um *Tlahuelpuchi* eram hematomas principalmente na região superior do corpo.

O segundo nome que mais apareceu foi *Soucouyant* ou *Loogaroo*, famosos na região do Caribe. São retratados principalmente como senhoras velhas, mas podem assumir muitas formas. São criaturas sugadoras de sangue, que deixam marcas azuladas no corpo da vítima. O mais assustador dos *Soucouyant* é que as vítimas que eles não matam podem ser transformadas em *Soucouyant*, muito semelhante a um vampiro, o que poderia explicar o aumento nos desaparecimentos. Quando o *Soucouyant* mata sua vítima, ela pode assumir sua forma.

Ela pode assumir inclusive a forma de uma criança.

— Papai, você vai demorar muito?

Fechei os olhos e me concentrei no copo de uísque em minhas mãos. Sua voz era a de uma criança, da minha filha, e muitas vezes cedi àquele pedido e fui para sua cama, acordado e esmagado naquela cama minúscula enquanto ela dormia em meus braços. Isso acontecia cada vez com mais frequência depois que sua mãe falecera.

Meu medo é lembrar que sempre que eu acordava, sentia sua respiração próxima ao meu pescoço.

— Já vou, querida. — Minha voz tinha recuperado um pouco o meu tom habitual, embora continuasse arrastada por causa do álcool. Eu queria ficar a sós com meus pensamentos e achei que conseguiria isso voltando para casa depois da meia noite. Não esperava que ela pudesse estar acordada.

Implorei para que ela não insistisse. Eu tinha certeza de que se ela insistisse, eu cederia porque, apesar de tudo, ela ainda era a minha filha e sabia como me coagir, com seus olhos, com sua voz.

Nenhum som veio do andar de cima, mas eu sabia que ela estava lá, me esperando. Balancei o copo em minha mão, sabendo que esta deveria ser minha última dose, ou então poderia considerar que estava com um problema. Se eu acabasse, teria de subir e teria de dar boa noite para minha filha.

Perguntei-me se havia alguma marca nos braços dela nos últimos meses. Qualquer tipo de hematoma. Não tinha certeza, mas fazia frio e ela usava camisas de manga comprida e gola alta.

Lá fora, a chuva começava. A cidade inteira dormia, com exceção de

alguns guardas que ficavam andando de moto pelo bairro, tomando conta de cada um de nós. Eles estavam seguros de que o perigo residia nas ruas, e não nas casas. Senti um calafrio percorrendo meu corpo e rezei para que o Jack me mantivesse aquecido na noite gélida.

Considerarei estar ficando louco. Talvez isso fosse uma descrição mais acurada do que estava acontecendo. Talvez eu estivesse bebendo demais.

Terminada a dose, larguei o copo vazio na mesa de centro e apaguei as luzes. A escuridão me abraçou como uma mãe abraçaria um filho. Os degraus rangiam debaixo dos meus pés, e eu conseguia visualizar todas as fotos de minha filha e de minha esposa penduradas ao meu lado. Todas elas tiradas por mim, retratos de uma vida antiga, com pessoas que não estavam mais ali. Mais antiguidades.

Cheguei no topo da escada e me assustei com o suor frio que escorria pelo meu corpo. O quarto dela estava ao meu lado, e eu sabia que ela estava acordada ainda. Fui em sua direção e repeti para mim mesmo que só ficaria na porta e diria boa noite. Desejei que ela só respondesse e não insistisse para que eu ficasse para uma história.

Meus passos ecoavam no corredor enquanto eu me aproximava e percebi que estava prestes a chorar. Ó Deus, eu estava quase em sua porta e mal conseguia me manter em pé. Nem mesmo a parede parecia um apoio seguro naquele instante.

Deus me ajude, espero conseguir só dizer boa noite.

MONSTRO DO ESPELHO

CAIAN MARQUES

Você já me viu. Eu não tenho uma forma só e posso estar em qualquer lugar que tenha humanos. Existem mais da minha raça por aí, todos iguais a você.

Eu me escondo no esgoto. Me rastejo para que não me vejam, pois tenho uma aparência que assusta os pequenos. Reino: Demônios; espécie:... Não sei bem o que sou neste aspecto. Mas me deram um nome genérico. Monstro! Me chamo assim, mas queria um sobrenome, pois todos que rastejam comigo também se chamam Monstro.

Estou aqui há muito tempo, desde a queda daquela luz que vocês cultuam. E daí em diante todos querem me pisar.

Certa vez, ergui a tampa do esgoto e fui caminhar. Era noite. Vocês ficam calados demais quando é noite; logo, a voz estranha de quadrúpedes soa quando eu passo. “Au-au!”, foi assim que um pequenino chamou um desses seres quando eu me escondia dele. Mas nesta noite está tudo bem. Eles estão atrás de ferros verticais tentando transpassá-los. Engraçado é que eu consigo transpassá-los e eles não, iguais a você.

Atrás destes ferros, havia uma luz vinda de uma portinha quadrada. Aliás, janela. Chamam de janela, se bem me recordo. Nesta casa não tinha *au-au*, então eu entrei. Havia um pequenino maior que muitos que eu já vi, com um controle na mão e olhando para uma caixa que tinha pessoas dentro, carros correndo... O menino não tirava os olhos da caixa e nem o controle das mãos. Talvez seja uma ótima oportunidade para que eu ganhe um sobrenome. Fui para uma parte da casa onde não tinha presença de madeira e transpassei uma parede. Odeio madeiras! Mas a casa do pequenino é muito bonita. Tem,

apesar da má escolha do material, um monte de coisas de madeira grudadas na parede, porcelanas com comida dentro e umas estruturas de ferro que os pais dos pequeninos usam para sentar. Existem quadros de pessoas pendurados, pessoas iguais a você.

Fui até o pequenino, mas, ao contrário do que eu achava que iria acontecer, ele tirou a luz e saiu correndo. Será que me viu? Devo então concordar que sou feio? Eu só quero um sobrenome! Nada mais do que um sobrenome! Monstro de alguma coisa... Só a porcaria de um sobrenome! Então eu subi as escadas. Numa coisa grande de madeira que eles chamam de porta, estava um quadro com a foto deste menino. Um belo menino americano! Ele estava fazendo um barulho estranho numa salinha branca que fica dentro de seu quarto. Barulho de água, parecendo uma pequena cachoeira. Porém, uma hora o barulho parou e, apesar de eu querer meu sobrenome, também temia ser visto. Entrei debaixo de uma coisa de madeira em que ele se deitou logo após. Independente de ser madeira, não poderia sair agora. Estou com medo dele! Ele tirou a luz daquela salinha e veio correndo para a cama. Outro monstro aqui? Será que foi visto? Será que é você?

O pequenino deitou sobre a coisa de madeira! A madeira desceu um pouco, só que não posso sair daqui. Ele não pode me ver! Porém, agora, lá em baixo de onde o pequenino correu a primeira vez, ouvi novamente um barulho de madeira. É muita madeira numa casa só. Que monstro está lá? Deve ser um que eu conheço e que é bem desastrado. Caiu junto comigo para cá. Chamo-o de monstro e é o único que sabe sobre a minha busca por um sobrenome. Mas não, era um humano. O pequenino o chama de pai. Este pai se aproximou de onde eu estava. Ele é diferente do pequenino. É dividido em duas cores e tem os pés de borracha. A voz dele é assustadora, ao contrário da voz do pequenino, que é bela. Acho que são iguais a você.

— Pai, a cama! – Disse o pequenino.

Comecei a olhar para saber onde era a cama, até que o pai se curvou para ver onde eu estava. Eu não sabia que a cama ficava sob esse negócio de madeira.

Então rolei para o lado e me cobri com um pano que escorria da tal cama. Após o pai se erguer lentamente, fui para um lugar também de madeira, com vários quadrados de abrir e fechar. Acho que aqui não tem cama.

— Nada de mais, filho! – Disse o pai, dando-lhe um beijo.

Me impressiono com o tamanho do pai. Ele é maior que o pequenino e

eu, juntos.

— E o guarda-roupas, pai?

O guarda-roupa? Que é guarda-roupa? Por que o pequenino fala como substantivo algo que é uma ação, um verbo? Guardar a roupa é o correto... Bem, não importa. O pai está vindo em minha direção. Puxa um destes quadrados de madeira, fazendo entrar luz no lugar que eu estou. Ele fechou e puxou outra que estava no lado, fazendo a luz ficar mais próxima. Na outra vez, puxou uma que estava bem do meu lado. Pulei para onde estavam as fechadas. Quero me esconder, igual a você quando fica com medo.

— Veja, filho, nada no guarda-roupa! – Falou o pai olhando para o filho.

Nessa hora, pulei dali e fugi para a salinha em que o pequenino estava desperdiçando água. Daqui dá para ver melhor o pai e o pequenino. O pai, que tem duas cores e uma cabeça igual a do pequenino, mal observa o olhar deste. Está ansioso com alguma coisa.

— Escovou os dentes? – O pai perguntou, olhando para o relógio e pondo a mão em frente da boca depois de abri-la.

O pequenino enfim veio correndo na minha direção depois de tanto tirar as luzes e fugir. Eu não sabia o que fazer. Na parede, sobre uma bacia grande de porcelana estava um espelho. Lá é um lugar legal, dizem. Então lá eu pulei. Não há diferença alguma, são as mesmas coisas do outro lado. Mas quando o menino de supetão entrou na frente do espelho do lado de lá, involuntariamente comecei a fazer as coisas que ele fazia.

Ele colocou um negocio na boca e eu também. Saiu espuma. Isso que é escovar os dentes? Eu queria perguntar para ele qual é o meu sobrenome, porém eu só conseguia fazer o que ele fazia. Que angústia! Foi então que, por causa dele, taquei água em minha própria boca. Mal sabe ele que isso arde tanto quanto lhe arderia um ácido. E não posso chorar, pois ele não está chorando. Dói demais! E vi também o menino tirar uma coisa da boca. Um dente! Isso também doeu!

— Pai, caiu um dente! – Disse ele, e eu também.

Droga, por que falei?! Eu não quero falar com o pai! Quero só me livrar da dor e ter um sobrenome.

— Deixa aí e venha deitar logo, se não o monstro vai pegar você!

Pegá-lo? Por que eu o pegaria?

O pequenino saiu sem me dar o sobrenome. Por que ele tem tanto medo de mim? Será que ele sobreviveria sem um sobrenome? Será que ele suportaria? E por que ter medo de mim?!

Questiono-me, porém as respostas jamais virão, visto que fiquei preso no espelho. Isso me irrita de tal maneira que a minha espera será só para que este se quebre. Dizem que quando um espelho se quebra, o que está dentro sai. E prometo que passarei sete anos atormentando a vida deste pequenino quando quebrar este vidro, pois não me deu um sobrenome, atenção ou sequer me deixou falar. Ele só olhou para mim com aquela escova nos dentes e não quis me ouvir. Vou me vingar.

Aqui seguirei de frente para o espelho, esperando a minha sorte. Meu dia. E quando chegar, será um dia ruim para o pequenino. Eu era bom antes de ser ignorado, mas não posso ser mais. Ele vai se arrepender por só me chamar de monstro. Aliás, só o pai dele me chama... Será que me conhece? Claro! Agora eu entendi! Os pequeninos nos temem, os grandes nos conhecem. Os grandes dizem que os monstros estão por aí em busca de pegar pequeninos. Mentira! Mentira, tudo mentira! Os monstros lá fora são legais, até serem ignorados. O que eu aprendi é que... Espere, tem alguém vindo. É o pai... E eu começo novamente os movimentos involuntários. O pai mexe nos pelos de seu rosto, nas pálpebras e nos cabelos. Penteia-os. Eu também. Arruma-se e pega um pacote pequeno. O seu aparelho faz um barulho e, numa estranha alegria, diz de frente para mim enquanto arruma sua camiseta: “Finalmente um homem de verdade!” E eu também sorri. É isso mesmo? Ele me chamou de homem? Enfim, o meu sobrenome! Gostei deste homem bem na hora que ele falou de outro! É um amigo, ao contrário do pequenino. O pai, que eu achava que poderia me bater, terminou por aliviar minha angústia. Deu fim a minha procura desesperada por uma identidade.

Eu iria dizer que os monstros de verdade só se formam no espelho. E é verdade! Quando um mundo lhe ignora, sua única solução é olhar para si mesmo, tendo-se como única companhia. Este pequenino ainda vai me pagar, mas agora, feliz por saber quem sou, posso voltar aos esgotos e dizer aos monstros que, além de Monstro, sou Homem... Igual a você!

SUSSURROS DO VENTO

RÜYA MAJHUL

O mundo é construído por desejos, mapeado por personagens inéditos, separado por cenários feitos. Nessa trama, impérios nascem de vontades unidas e sacrifícios soberbos, sendo guiados pelas novas gerações. Porém, elas não escolhem a forma como guiarão as novas histórias. Por isso, os antigos confiaram em mim a missão de conduzir seus passos, acompanhada por dois guardas do alto escalão do exército para me ajudarem a carregar o fardo, o peso de levar nosso futuro adiante. Assim, deixei minha cidade natal e minhas tropas para seguir em uma missão mais sutil que as costumeiras. Mas não menos voraz.

A água é uma fera mansa, de peito forte e armadura impetuosa. Seu povo é amante da guerra e esposo do esmero. O caminho que ela proporciona é igualmente denso e gracioso. No entanto, por mais que divida continentes, nem ela nem seus filhos conquistaram a terra. Ainda.

Eis então a parte mais frustrante da jornada: o estreito até o mar vermelho. Fingir-me de humana viajante para os transeuntes, gentilmente convencê-los a levarem nossos tanques e nos oferecerem transporte e abrigo. O alimento que suas entranhas proporcionam é ralo. Beduínos encardidos, sujos e torrados pelo sol, com corpos secos e velhos demais. Os mistérios dos olhos da mais parva de nós seriam capazes de dobrá-los ao meio até que precisassem amputar suas pernas. Não apresentam desafios, nem diversão. Vulgares, prestam apenas para nos servirem nesse trecho terreno. Voltar ao mar é uma bênção ao corpo. As fortes correntes do oceano permitem que meus músculos voltem a conhecer a força e a resistência. Eles lutam contra a

corrente, porém o percorrer é ternamente quente.

A água é poço de energia. E como tal, leva vida por onde passa. O Rio Amarelo vaga pela China, levando alimento para terra. Por isso, sua cor é um barro ocre. Disfarça-nos. Além do mais, não precisamos ver; nós sentimos o curso até as montanhas de Gansu. Dessa vez, não é tão torturante andar sobre duas pernas. Não há ninguém para enganar; só eu e meus subordinados a pisarem na rocha fervente pelo sol. Uma general é sempre mais ligada à natureza destruidora que sedutora. Há quem se engane, mas a destruição é tão friamente calculada quanto a criação. É o que me trouxe até aqui, a essas montanhas malhadas, a essa pintura de luz, vermelho e pedra, tão rubra que lembra o sabor da doce carne humana em minha boca – aquela que pertence aos virtuosos e nos proporciona banquetes.

Há quem se iluda, mas maldições são apenas a outra face da benção. Quem sujeita-se a uma maldição recebe uma benção. Quase sempre é essa a questão, saber se está disposto a pagar o preço. Minha nação estava, tinha trazido o pagamento. Agora era hora da nossa benção, da informação que nos levaria para o começo de uma era de abastamento, da expansão do nosso poder. Iniciaria ali mesmo, naquela caverna que se escondia no meio de um grande rochedo, abrigando um dragão que há muito tempo não conhecia nem o passado, nem a saciedade, esquecido de seus bons tempos e sem grandes desejos para perseguir.

Embora a visão de seus olhos seja tépida, suas previsões são certas. No entanto, são só palavras, precisam de substância para nascer. Abrimos os tanques. Não precisamos dizer nada, somos antigos clientes. Sim, claro, a posteridade está sempre nas mãos da nova geração, só ela pode nos dar a estrada para a bem-aventurança. Portanto, crianças de três a dezesseis semanas de vida, recém retirados dos confortantes ventres de suas mães, serão o pagamento da nossa prosperidade. O ser já sabe o que queremos. Após observar nossos fetos congelados, levantou seu pescoço comprido. Aproximou-se de ímpeto e engoliu-os, deixando apenas os tanques vazios que tanto cuidamos durante o caminho.

Dragões vivem de fogo e ar. São tão vulcânicos que se tornam duros após tantas batidas de asa. Seu magma vira pedra. Viram montanhas, próximas aos céus e condenadas ao solo. Rochas não sentem dor nem prazer – não possuem pele. O afago que nossos filhos fizeram em sua garganta deslizou e esparramou-se por seu estômago. Ascendeu uma única faísca em seus olhos, dando-lhe finalmente aspecto de algo vivo, capaz de sentir. Nesse

uno e rápido momento, ele penetrou meu próprio olhar. Meus encantos, meus escudos e lanças, meu gelo, meu mar, minha Lua. Compreendi e soube.

— Vamos, rapazes. Nosso trabalho aqui acabou.

O amor dos homens é carmim. Eles machucam suas fêmeas para penetrar-lhes as entranhas, semear sua espécie. Por sua vez, elas sangram quando não lhes plantam frutos. Por isso, essa raça é a nossa favorita, que somos água, luz e sangue. Nós roubamos o gérmen e as vísceras dos homens, na sinfonia do mais doce e triste violino. Carregamos nossas filhas conosco, alimentadas pela rudeza com que nos tocam. E consolamos as mulheres com o amor que nenhum homem pode dar.

Sereias vivem da paixão, da intensidade, do contraste da iluminação. Por isso, ao meu ver, o deserto é tão belo quanto o mar. Seu único defeito é ser grosseiro e vulgar, como os humanos. Mas o Nilo, sua dádiva, traz consigo toda vida e delicadeza que apenas a água pode dar. E toda morte também. As margens do mundo são tão nossas quanto os rios e os oceanos. Quem delas vive, deve pagar um preço.

É assim que os egípcios sobrevivem. Nos embalos da noite, quando o povo descansa, alguns são gentilmente escolhidos por nossas mãos para nunca mais voltarem à terra firme. “São oferendas escolhidas pelos deuses para os deuses”, dizem os sacerdotes, “não poderíamos entregar-lhes, nem eles aceitariam, meliantes e pedintes”. É incrível como é simples manipular as pessoas humanas, não é? Com suas mentes estreitas, elas somente são dignas quando ampliam seus horizontes, fato não comum. Por isso, eu, embaixatriz, garanto a paz de seu perecimento. Pobres criaturas.

Bem aventurados os servos do palácio dos quais me aproveito. Apesar de finados, viram a mais brilhante Lua antes de partir. Considero-os minha recompensa pelas longas estadias políticas obrigatórias ao meu cargo. Afinal, a diplomacia é só uma utopia antes do verdadeiro combate. Aos olhos do Faraó, sou uma naja que ele cultivava bem perto a fim de tentar evitar o perigo real. A última ação que deseja é minha aproximação verdadeira. Quanto a sua família, seu filhos são ordinários e medíocres, alimento que nenhuma sereia aceitaria. Não pela brutalidade nua e crua que possuem, mas pelo disparate de tais qualidades estarem nos nervos de uma linhagem que se diz divina.

Ao menos um dos sucessores se salva. Sua filha é uma provocação em

carne viva, e dela retiro toda seiva que posso. Uma joia para o pai que, se descobrisse nosso elo, certamente pediria minha cabeça. É cômico, pois o medo que ele me traz é tão parvo quanto o que me traria um peixe. Assim, somente desfruto dessa diversão boêmia, dessa mulher astuta, que conquista pela lábia e sabe quem está perdida pelos encantos da outra. Seu ouro pode ser lindo, contudo a prata a qual corre pelas minhas veias é a mais refinada sedução que existe. Num reino em destroços, cada vez mais entregue a Roma, seu futuro é uma lástima marcada pela decadência. Só não a levo para as profundezas de meu mar porque o seu desempenho me intriga. Quero observar como lidará com a pressão e a ruína. Quem sabe lhe alente em sua partida. Será que implorará pelo meu sabor?

Enquanto aguardo o desenrolar, cuidarei dos interesses de meu povo. Queremos os exércitos, os tridentes sujos, Roma caindo nos mares. O fruto romano finalmente está grande e suculento o suficiente para nos satisfazer como um dia os macedônicos fizeram. Está na hora de abandonar o falido Egito e devorar soldados vis para iniciar a nossa mais recente Lua de sangue. Portanto, como forma de inaugurar os novos tempos, nada melhor que acabar com antigos símbolos.

Me dirigi para minha câmara. Construíram-na entre suas pedras de granito e a inundaram com a fértil água. O teto era aberto o suficiente para se ver o céu e a Lua. A dinastia professava pelo palácio que satisfazer a embaixatriz ajudaria a diminuir, ou ao menos controlar, as mortes do povo. Não era verdade, mas a ilusão é um bom ópio para os serventes, que deveriam calar-se sobre minha existência. Contudo, dessa vez não levei nenhum desses comigo. Trouxe companhia muito mais interessante.

Debaixo da suntuosidade da posição, só restava um homem como qualquer outro. Desesperado e faminto. Derrotado. Algumas notas de minha voz, alguns segundos com o olhar em mim, e já se arrastava sedento. O cômodo era preenchido pela minha luz regente e tudo cintilava num tom abaixo do meu enquanto eu suavemente mergulhava na frente dele. Sentir-me envolvida assim novamente me encheu de arrepios, devolveu minha cauda amada. À proporção que me erguia em esplendor, sentindo o poder correr pelo meu corpo, o Faraó escorregava desajeitadamente para dentro do lago.

Permiti que me experimentasse durante minha avaliação. Não era o suficiente. Sua filha era muito mais eficaz em me dar prazer. Passei a mão levemente em seu pescoço, causando arrepios. Depois, mordi-o e degustei sua carne. Não tinha muitos músculos, somente seu tronco seria agradável

para mim. Mais uma mordida. Ele gemeu até que separei sua cabeça de fato. Não era poderoso, nem forte, nem inteligente ou viril, seu gosto era turvo. Mas comida é comida e seu status lhe dava o tempero necessário para que eu comesse até sua barriga. Primeiro a pele, depois as veias, então os órgãos. Pegava um e, conforme distraidamente nadava naquele cubículo, olhava para cima.

Há uma quantia imensa de estrelas, assim como há inúmeros sabores neste mundo. Cada dobra do intestino, cada cavidade do coração e cada revestimento do pulmão diziam algo a minha língua. Desciam pela minha garganta recheados de memórias embaralhadas. Matéria fresca que deixa meus lábios rosados, envia energia, preenche-me. Possibilita que minha pele se avelude, que meus seios se ergam, que meus cabelos sejam mais sedosos e que meus olhos fiquem mais ávidos.

Delicadamente, sorri ao ver o rosto do general no canto da câmara. Deveria ser incrivelmente assustador observar seu chefe ser devorado, sem poder mover um único osso e nem emitir uma nota sequer. A dor da eminente derrota que lhe apavorava os sentidos seria meu finalmente o verdadeiro prêmio: A mente de quem já guerreou, de quem conhece a coragem e o medo, de quem articula ataques e mortes. Um corpo tão tenso, guarnecido e tão proveitoso era finalmente meu.

Quando saí do lugar maculado pelo vermelho, levei junto a cabeça. Com as lágrimas de sangue que criei em um dos olhos, escrevi na parede o recado para minha proveitosa companheira de estadia. A sucessora teria uma surpresa colorida em meio a tanta monotonia de tonalidades que aquele lugar trazia – ela sempre falava disso. Na pedra, agora lia-se: “Sereianos não negociam mais com o Egito, que venham as cores da guerra. A minha querida princesa, ou melhor, a minha rainha mundana.” Posteriormente, ajeitei a cabeça caprichosamente perto da escrita. Orgulhava-me de saber diversas línguas, recados escritos para mim eram deveras importantes para mim. Ao meu lado, o general observava, ainda lutando por dentro. Ele me traria uma boa diversão durante o caminho até minha cidade.

A última visão que tive do palácio foi uma mistura de riso e nostalgia enquanto observava a imponência que os humanos tentavam criar com suas pilastras. Pobres criaturas. Não sabem que o verdadeiro poder se encontra em lugares muito mais vigorosos.

20 anos depois

Roma foi lentamente consumida pela guerra. Humanos são frágeis, medrosos e vis. Por mais guerreiro que seja o instinto deles, seu desejo é puramente a sobrevivência e o conforto – a fartura. Nem Júlio César, um dos homens mais ambiciosos, foi capaz de lidar com a energia traiçoeira dos jogos de sangue. Foi morto pela traição, a faceta mais perniciososa dos jogadores, e não foi capaz de prevê-la mesmo quando estava escancarada a sua frente.

Batalhas por poder são exaustivas. Humanos, impacientes. Com vidas curtas, seu tempo precioso os faz agir no momento errado. Por isso, só restavam dois dos governantes do império agora. Eles debilmente digladiavam suas tropas. Assim, a mim restava Octavius. A outra parte de nosso exército, Marco Antônio. O fato de serem rivais só os tornava mais fracos, mais sonsos.

Meu inimigo cretinamente achava que o Senado dava-lhe apoio. Pena que a sala estivesse pintada de vermelho com as entranhas dos senadores não é mesmo? Eu estava há um tempo em um daqueles assentos, observando o contraste de cor, pensando. Há alguns minutos, havia invadido a cidade, apreciando a tensão de meus músculos ao levarem soldados à morte. Engana-se quem acha que não sentimos a vida que se esvai. Nós apreciamos o fato. Somos milenares, sabemos que a passagem é inevitável e que permanecem apenas os mais fortes. Cada um cuida da sua garganta. Cada um cuida dos seus.

Levantei e passei a mão pelas paredes manchadas, sorrindo ao experimentar a textura líquida. Dentro de mim, a energia daqueles seres corria, dando-me ânimo e vigor. Então, entram dois de meus guardas carregando pelos braços um homem terrivelmente assustado. Aproximei-me e me inclinei suavemente, apoiando as mãos nas pernas. Observei. Pela Lua, aquele era meu inimigo?

— Que rostinho jovem... – disse, acariciando sua face e manchando-a também. Ele tremia. Batia os dentes. Sorri e beijei a bochecha marcada. Depois, mordi levemente e lambi. Ele arrepiou-se. Coloquei docemente a mão sobre seu peito coberto apenas por tecido. Senti seu coração pulsar rapidamente. Em seguida, voltei à sua bochecha, apreciando o calor, e mordi verdadeiramente seu rosto, arrancando um pedaço. Um grito falho, engasgado. Voltei meus olhos para ele e sorri mais uma vez, enquanto mastigava.

Atravessei a mão por seu peito, até chegar as costas. Uma general é

sempre mais ligada à natureza destruidora que sedutora. Algumas sereias gostam de ver o prazer no olhar humano. Outras, de ver a dor.

O combate é lindo. Parece o cosmos florescendo. Mas eu prefiro o silêncio das serpentes, o júbilo fatal. Óbvio que não foi difícil adentrar o quarto de Cleópatra. Ela estava tão atormentada que nem parecia a mesma. Aflita, de olhos pesados e alerta. Quando entrei na sua linha de visão, houve uma mistura de surpresa, medo e ansiedade.

— Veio assistir meu fracasso? — perguntou, disparando um som de faísca mais provocante que confrontador.

— Vim acalantar sua pulsação — comentei, aproximando-me com meus passos calmos e lentos.

Ela me encarou e inconscientemente derreteu-se, mordendo de leve seu lábio. Sempre sonhara com a exuberância de seus ancestrais macedônicos. Queria com todas as suas forças aprender comigo para conquistar seu próprio império. Agora que seus planos haviam falhado, só restava um lugar onde poderia encontrar tamanho poder. O ser o qual para ela era como um tsunami, apavorante e sedutor. Obedientemente, receberia a morte se pudesse ao menos perecer nessa suntuosidade. A rainha pulsava, não só de medo, mas de saudade. Nada a satisfaria mais que o veneno saboroso o qual lhe oferecia. E foi passando as mãos naquele peito alvoroçado que se entregou a mim mais uma vez. Novamente, bebi de sua seiva. Sim, ela implorava por mim, pelo fim e pela satisfação. Sua religiosidade em me buscar naquele momento de angústia fez-me acolher seu último desejo. Roci sua superfície até à exaustão.

Enquanto ela descansava em meus braços, uma serva entrou trazendo uma cesta de frutas. Coitadinha. Embora a bandeja tenha ido ao chão, seu grito ficou preso na boca. O que ela viu a seguir foi a plausível ilusão a qual contou ao resto do povo. Sua ama estava sozinha no quarto com o olhar calmo e decidido, beirando o prazer do alívio. Digna e soberana. Suicidara-se com uma picada de cobra.

Eu diria que com uma mordida. Além do mais, não puderam mumificar nem seu coração nem sua pele.

Pedras respiram. Afinal, ele respirava. Com sua respiração, fazia seu corpo subir e descer quase imperceptivelmente. Aquele mesmo ar que engolia dava vida a seu maior inimigo: o vento. Esse queria desfarelar sua existência em pequenos grãos. Contudo, também era seu mais frequente amigo, pois lhe contava histórias do mundo afora ao qual um dia pertenceu. Só poderia conhecê-lo daquele modo agora, pois era um dragão velho, fraco e imóvel. Sua visão abençoada era seu único trunfo – suas previsões. E ninguém saberia qual foi o preço que ele pagara para tê-la.

Ah! As sereias. O vento sussurrava sobre as aventuras delas por terra. Elas sugariam o Império Romano até seu esgotamento. Como a maré, voltariam à água, esperando a terra ficar fértil novamente. E como o oceano e seus caprichos, retornariam para inundar o solo outra vez. Elas vivem da guerra e do sangue que oferecem pra Lua, que por vez as enlouquece e cava os túmulos nas sombras das profundezas. Existem no contraste da vida intensa e da morte pacata.

Esse é o problema das sereias. São tão inconstantes como a água e a luz da Lua.

ÁGUAS (I)MORTAIS

ANA CAROLINA JALLES

O rio Amazonas é dito por muitos como o maior do mundo. E, para quem o viu de perto, não é difícil acreditar. Com mais de seis quilômetros de largura e profundidade que varia de vinte a duzentos metros, suas águas poderiam saciar toda a sede do mundo. Não foi à toa que os espanhóis o chamaram de *Mar Dulce*. Ainda assim, são outros detalhes que o tornam um dos rios mais intrigantes do mundo.

Porém, não fora nada sobrenatural que atraísse Carlos e Rodrigo para o Amazonas – o primeiro, um recém-formado em Ciências Biológicas; e o segundo, um fotógrafo amador tentando se tornar profissional. Haviam dividido um apartamento em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, durante quatro anos, mas costumavam falar que se tornaram amigos quando suas mães cursaram o terceiro ano do Ensino Médio juntas, muito antes de eles terem nascido.

A viagem ao rio Amazonas fora minuciosamente planejada por Carlos. Sempre foi mais organizado que Rodrigo, que dizia que as melhores coisas da vida vinham de surpresa. Claro, era uma rota longa. Trocaram de avião várias vezes, andaram de carro por estradas de terra, e até mesmo percorreram um trecho de barco quando – para horror de Carlos – o sinal do celular, instável até então, caiu de vez. Mas agora que estavam lá, em um chalé da região ribeirinha, todo o esforço compensava.

Os amigos chegaram quando estava anoitecendo, a tempo de observar o sol poente tingir o céu com uma variada paleta de cores – laranja, rosa, roxo, azul escuro, preto. Cada cor diferente era um clique da câmera de Rodrigo que, ao contrário dos celulares sem sinal, se mostrava muito útil. As águas do rio Amazonas serviam de moldura para o espetáculo da natureza.

Foram dormir no momento em que a floresta acordava. Os animais noturnos eram bem mais barulhentos que os diurnos; os pássaros, grilos, sapos e vários outros pareciam dar as boas-vindas a Carlos e Rodrigo. Os rapazes estavam exaustos, então caíram nas camas e começaram a roncar, sendo incomodados unicamente pelo calor e pela umidade.

Na manhã seguinte, acordaram cedo para se juntar ao grupo de pessoas que fazia uma trilha no meio da mata. E se à noite o calor era um problema, durante o dia era pior. A umidade, que deveria refrescá-los, intensificava a sensação térmica. Não havia vento ou brisa, e o suor encontrava dificuldade em evaporar. Mas, apesar do desconforto, a câmera de Rodrigo registrava cada um dos momentos fantásticos, das paisagens e dos animais exóticos, enquanto os olhos de Carlos observavam tudo com encanto.

Depois de voltarem para o chalé e almoçar – e, ah, como estavam famintos! –, os dois foram levados para um passeio pelo rio em uma voadeira, guiados por um nativo.

O que não faltou a Rodrigo foram oportunidades para bater fotos dos locais que conheceram nos dois dias seguintes. E Carlos teria adorado que o amigo se satisfizesse com essas fotos, mas o rapaz sempre fora dado a pequenas loucuras e levado por impulsos momentâneos.

Carlos conhecia Rodrigo desde que eram crianças, então não soube dizer por que ficou surpreso quando seu sono foi perturbado por um barulho diferente na terceira noite.

Rodrigo estava saindo do quarto. Demorou um pouco para Carlos acordar definitivamente, trocar-se e correr atrás do amigo, tentando imaginar aonde ele iria a uma hora da manhã.

— Rodrigo! – chamou quando finalmente o encontrou perto do rio, com a câmera em mãos.

Rodrigo olhou para trás, pedindo silêncio, quando viu o amigo correndo e parando ao seu lado.

— Me ajuda aqui – pediu, apontando para o rio e para a canoa que empurrava.

— O que você está fazendo? – Carlos perguntou aos sussurros, com os olhos arregalados.

Rodrigo voltou a pedir silêncio. Não queria acordar ninguém mais.

— Vou tirar algumas fotos – disse simplesmente, enquanto empurrava a canoa para a água.

— Você vai roubar a canoa!

— Vou devolver antes que alguém perceba... Está tudo bem, Carlos. Agora, se vai ficar aqui, me ajuda. Eu só preciso tirar algumas fotos. Olha essa paisagem!

E, de fato, a visão era linda. Havia um quê de surreal na lua refletida nas águas do rio, nos pássaros noturnos que voavam de uma árvore para outra, na floresta ciliar que mostrava todo seu esplendor àquela hora. Mesmo assim...

— Qualquer idiota com um celular conseguiria uma foto boa. Imagina com a minha câmera! – Rodrigo exclamou. – E essa visão de dentro do Amazonas... Vai me dar uma mão aqui? – perguntou, segurando a canoa já dentro do rio e pronto para entrar.

— Se formos apanhados... – Carlos começou, apreensivo.

— Ah! – Rodrigo retrucou com desdém. – Você se preocupa demais!

— Alguém tem que se preocupar – acrescentou em um murmuro, mas acabou seguindo Rodrigo para dentro da canoa. Sabia que o amigo faria isso de qualquer jeito, e era melhor que Carlos estivesse por perto para tentar por algum juízo em sua cabeça.

Os dois remaram desajeitadamente até um ponto em que Rodrigo considerou bom, e Carlos esperou enquanto o amigo tirava suas fotos. Era melhor que ficassem boas já que tinham roubado uma canoa no meio da noite!

Enquanto o companheiro fazia suas fotos, Carlos começou a encarar as águas do Amazonas. Vendo assim, o rio poderia ser uma grande lagoa se não fosse o leve movimento das águas correntes. Os animais na mata ao redor eram barulhentos durante a noite, mas, naquele momento, faziam silêncio. Carlos deveria ter percebido que alguma coisa estava errada.

— Pra você não falar que foi à toa, – Rodrigo disse em certo momento, – essas fotos ficaram muito iradas!

E ele continuou falando, mas Carlos não estava mais prestando atenção. Olhava para um ponto fixo na água, onde bolhas chegavam à superfície. Cutucou Rodrigo.

— Cara – ele chamou, preocupado. Um alerta em sua mente dizia *perigo*.

As bolhas aumentavam sem parar. Carlos continuou se apoiando em Rodrigo, o medo crescendo dentro dele.

— Cara! – chamou, desta vez com mais urgência.

— Quê? – foi só então que Rodrigo olhou para Carlos. E, quando o fez, seus olhos se arregalaram ao focar em algo por cima do ombro do outro.

Carlos também se virou.

Havia uma mulher no lugar onde antes ele vira as bolhas. Deveria ter mais ou menos a mesma idade que eles, olhos grandes que refletiam a luz e dona de uma beleza sobrenatural. Por um momento, o impulso de Carlos foi se atirar sobre ela, sem se importar com o quão estranho era encontrar uma mulher naquela situação.

Ela correu os olhos pela canoa e os dois seguiram seus movimentos com a cabeça, de bocas abertas.

Hipnose.

Na verdade, só conseguiram desviar o olhar quando a cabeça de outra mulher, tão bonita quanto a primeira, brotou de um ponto mais afastado na água.

E então, mais outra surgiu do outro lado do barco. E outra. E mais uma. E os dois homens acompanharam enquanto cada uma delas surgia das profundezas do rio.

Logo estavam cercados por misteriosas e belas mulheres.

Em circunstâncias normais, teriam achado estranho encontrar jovens tão bonitas no rio, surgidas de lugar nenhum. Mas havia alguma coisa sutil no ar lhes dizendo que estava tudo bem e que não havia motivos para terem medo. Até a preocupação de Carlos, antes tão evidente, desaparecera.

E mesmo quando a mulher mais próxima deles colocou os braços na canoa, deixando seus seios nus à vista, e puxou Carlos para perto, nenhum deles resistiu. O único som era o do rio fluindo lentamente e a canoa se movimentando de um lado para o outro.

Água corrente.

As mulheres se aproximavam cada vez mais, subindo na canoa, tocando Carlos e Rodrigo gentilmente, quase como se já os conhecessem, envolvendo-os cada vez mais, completamente nuas e silenciosas.

Seriam elas sereias? Não era possível, pois balançavam suas pernas longas e esguias embaixo da água. Não emitiam nenhum som, mas seu encanto envolvia ambos, criando a confortável ilusão de que tudo aquilo era um sonho.

Mas o efeito passou de repente. A mulher que envolvia Carlos enterrou suas unhas nele com fúria.

O pânico tomou conta dele. Arregalou os olhos e sua garganta se fechou. Era incapaz de gritar. A mulher sibilou, mostrando os dentes – as presas afiadas.

E então o puxou para baixo.

Para dentro do rio.

E ele mergulhou no gélido vazio.

Rodrigo percebeu o que aconteceu, horrorizado. Livrou-se das mãos escorregadias que o tocavam e tentou fugir, mas não havia para onde. As mãos continuavam o puxando. O grito ficou entalado em sua garganta.

Então foi arrastado para dentro do rio e a água o engoliu.

Ele tentava resistir, mas as mulheres eram fortes, prendendo-o e indo cada vez mais fundo... O oxigênio começava a se tornar escasso e a água gelada entrava por seus pulmões rasgando seu corpo por dentro...

Tudo era frio, gosmento e escuro.

Rodrigo só sabia que estava sendo consumido.

Amanhecia perto do rio Amazonas. Os ribeirinhos e os turistas levantavam para mais aquele dia, prontos para suas atividades costumeiras. A única diferença era que aquele não seria um dia comum: um homem foi encontrado sozinho, molhado e com as roupas rasgadas, apavorado, falando sobre belas mulheres no escuro, braços o puxando para dentro d'água. Procurava por um amigo que dizia ter estado com ele. Falou que seu nome era Carlos, mas parecia tão alucinado que ninguém tinha certeza.

A canoa e a câmera das quais ele falou foram encontradas à deriva no rio, intocadas. O amigo chamado Carlos, entretanto, nunca foi localizado, e Rodrigo não se recuperou.

Muitos tentaram decifrar o que aconteceu com Rodrigo e seu amigo Carlos na noite em que um enlouqueceu e o outro sumiu. Alguns chegaram a mencionar as iaras, mulheres de extrema beleza que encantavam os homens. Mas a maioria concordou que os dois provavelmente fizeram uso de álcool ou drogas ilícitas e Carlos acabou se afogando.

Apenas os ribeirinhos – e agora Rodrigo – sabiam a verdade.

O BRUXO AZUL E O ESPÍRITO INDOMÁVEL

RAPHAEL MIGUEL

Conhecido por seu saber notável, Rodher se tornou um dos mais valorosos membros da aclamada e misteriosa Ordem dos Segredos do Reino de Agat, uma instituição famosa por revelar pensadores e eruditos.

Desde muito cedo, se destacava entre os demais. Os mistérios da vida não pareciam ser grande dificuldade para aquele que ficou conhecido como gênio. Adotava uma postura discreta, embora esse comportamento contrastasse com a excêntrica aparência. Dono de um cabelo azul e olhos coloridos, pele pálida e boca rosada, era um rapaz bonito e calado. Mas, por trás dessa aparência exótica, dos seus traços belos e personalidade sutil, escondia-se um verdadeiro prodígio.

Nenhuma lição era dificultosa para Rodher. Enquanto seus colegas de Ordem sentiam imenso desconforto em dominar os assuntos secretos, o rapaz de cabelos azulados os interpretava com natural facilidade. Dia após dia, o jovem se destacava entre os inúmeros sábios que com ele conviviam.

Os anos se passaram e Rodher parecia não possuir limites. O destaque entre os demais era natural e assustador, a ponto de surpreender até mesmo o Gran-Mestre da Ordem. Sua inteligência e seu saber se desenvolviam de forma espantosa, e os assuntos mais difíceis eram dominados facilmente pelo rapaz. No entanto, aquele grande prodígio tinha um segredo obscuro.

Dentre as muitas áreas do conhecimento que a Ordem dos Segredos procurava explorar, havia um abismo profundo e quase impenetrável. O

ocultismo era tratado como um assunto maldito, proibido, profano e inalcançável: o chamado conhecimento das trevas. Apesar dos membros serem introduzidos naquele tipo de saber, a Ordem condenava de forma veemente qualquer tipo de prática oculta ou similar. A chamada bruxaria era combatida ferrenhamente, assim como os estudos na tal magia negra.

Porém, Rodher não se importava com os pragmatismos da Ordem dos Segredos. A proibição era uma bobagem inventada por homens fracos, incapazes de penetrar e entender tais assuntos. Os infelizes não eram aptos a dominar as ditas artes malditas e, portanto, proibiam sua prática e aprofundamento.

Embora plenamente ciente de que não deveria se envolver com tais conhecimentos, o jovem se especializava cada vez mais nos segredos. Acabou encontrando na magia negra uma poderosa aliada para alcançar seu novo maior objetivo: se tornar o mais poderoso mago das trevas do Mundo Conhecido.

Assim como os demais ramos do conhecimento não lhe eram dificuldade, os assuntos sombrios também eram aprendidos com maestria. Na verdade, dominar o ocultismo lhe parecia mais simples do que desvendar segredos aritméticos, por exemplo. As trevas, sutis e arrebatadoras, pareciam corresponder a seus próprios instintos e personalidade. O poder que lhe era oferecido através daquelas práticas malditas o tornava cada vez mais ambicioso e, portanto, cada vez mais propenso a se aprofundar e a dominar a arte da magia.

No íntimo de seu aposento particular, Rodher ampliava suas percepções, expandia seu conhecimento e quebrava barreiras mentais para se tornar um verdadeiro mestre do abismo oculto. Com livros secretos encontrados no vasto acervo da biblioteca da Ordem, aprendeu sozinho diversos princípios da bruxaria.

Foi numa dessas que teve o primeiro contato com a lenda de R'Hatajez, um antigo membro da Ordem dos Segredos que se deixou dominar pelos conhecimentos ocultos e se tornou o, até então, mais poderoso mago das trevas.

Sentia uma ligação quase sobrenatural com a figura de R'Hatajez. Rapidamente, os passos dados por aquele mago ancestral se tornaram a obsessão de Rodher. Os inúmeros estudos e experimentos do lendário membro da Ordem evidenciavam que era possível se tornar infinitamente poderoso, alcançando um estado que nenhum homem comum poderia

alcançar. O poder das trevas era fascinante. Naturalmente, quanto mais estudava sobre R'Hatajez, mas se inclinava a tentar superá-lo.

Elaborou os próprios feitiços e estudos, grande parte com base nos ensinamentos deixados e esquecidos pelo mago ancestral. Uma das mais notáveis experimentações de Rodher derivava de um antigo estudo de R'Hatajez e lhe rendeu outra característica peculiar.

O tempo parecia passar a todos seus companheiros de Ordem, mas sua aparência se mantinha a mesma. Enquanto os outros envelheciam, Rodher se perpetuava jovem, com o mesmo aspecto de quando tinha vinte anos. Algo verdadeiramente fascinante e assustador ao mesmo tempo.

O detalhe chamou a atenção de invejosos e conspiracionistas. Não demorou para que Rodher fosse descoberto como um amante da magia negra. Bastou uma sinuosa investigação em seus aposentos particulares para trazer à luz do dia anos de experimentos e estudos proibidos.

Desde que se iniciou nos assuntos sombrios e ocultos, Rodher tinha plena ciência do que aconteceria se fosse descoberto. A penalidade para a bruxaria era a morte. No entanto, era tão brilhante e respeitado que conseguiu convencer ao Gran-Mestre da Ordem em deixá-lo partir do Reino ao invés de ser condenado à forca. O assunto seria mantido em segredo e Rodher se afastaria permanentemente de Agat.

Obviamente, o jovem excêntrico mentiu sobre sua parte no acordo com o Gran-Mestre. Ao invés de abandonar o Reino, como prometido, fugiu para a Região Oeste, onde passou a se esconder nas imediações da cidade de Moratan, em meio às florestas e matas. Ali, Rodher poderia aprimorar suas habilidades e expandir seus poderes já fascinantes sem ser incomodado.

No interior da floresta, fez morada e prosseguiu seus estudos. Tornou-se cada vez mais poderoso e se impressionou com a própria capacidade em dominar seus conhecimentos. R'Hatajez ficaria humilhado se presenciasse tamanho poderio. O exílio permitia que Rodher crescesse cada vez mais sem ser importunado por qualquer invejoso.

Foi em uma noite nublada que Rodher alcançou o ápice de seu poder. Naquela ocasião, as duas luas estavam encobertas por nuvens negras. Uma tempestade se aproximava. O membro da Ordem dos Segredos estava incomodado por um sentimento de angústia palpável. Sem saber ao certo o que estava acontecendo com seu corpo, Rodher foi tomado por incontrolláveis e violentos espasmos. O corpo ardia em febre e seus olhos lacrimejavam de forma quase incessante. Tomado por uma forte dor de cabeça, procurou se

deitar. No entanto, não se acomodou e não conseguiu descansar. Se levantou e começou a agir por instinto. Uma força incontrolável fez seu corpo levitar. Sem encostar os pés no chão e sem agir por conta própria, se dirigiu até um campo aberto. Trovejava. Relampejava. Algo sobrenatural estava para ocorrer.

Naquele momento, passou a tomar controle da situação. Uma vez no ar, estendeu os braços aos céus e começou a proferir palavras profanas e desconhecidas. Incrivelmente, as nuvens carregadas pareciam corresponder ao tom de voz de Rodher que oscilava entre a calma e o ímpeto. As nuvens, antes negras, começaram a se tornar azuladas, a mesma coloração dos cabelos do poderoso mago.

Ao terminar de proferir aquelas palavras indecifráveis, a aparência de Rodher estava transformada. Seus olhos brilhavam em um azul profundo e soltavam o que parecia um vapor na mesma coloração. Veias grossas e também azuladas se evidenciavam em sua pele pálida. O mago abriu e fechou as mãos, sentiu toda plenitude de seu poder pulsar em seu corpo. Por fim, as nuvens azuis formaram uma espécie de tornado imenso e poderoso, uma espécie de personificação do poder de Rodher.

Havia se tornado tão poderoso que precisou dar vida a um novo ser. Sabia que iria morrer se acumulasse aquele poder tão incontrolável. Desceu do alto de sua glória e colocou os pés naquele chão sujo e contaminado. Sentiu asco do mundo em que vivia. Aquele lugar não era digno de presenciar uma força tão poderosa. Mais uma vez, começou a proferir palavras incógnitas e antigas. As nuvens azuis que se acumulavam sobre seu corpo transformado se tornavam cada vez mais intensas e emitiam ondas de energia. Em um breve momento, as nuvens foram absorvidas por seu corpo. Rodher sofreu mais uma transformação, mas esta durou pouco.

Uma última palavra foi dita e um novo ser se materializou à sua frente, algo parecido com um espírito ou um fantasma sem rosto. A criatura emitia um brilho azulado, pura energia viva e intensa. A conexão entre Rodher e a versão impalpável de seu poder foi instantânea. Eram dois e um ao mesmo tempo.

Aos poucos, o mago assumiu a mesma aparência de outrora: um jovem de vinte anos, com a pele pálida e lisa, cabelos azuis, olhos coloridos e boca rosada. Mas não teve dúvidas: aquele espírito que estava à sua frente era a prova inequívoca de que havia se tornado um ser extremamente poderoso.

Quem poderia ser tão poderoso ao ponto de necessitar extirpar parte de

seus poderes e formar uma nova criatura para se manter vivo?

Estava convicto de que havia alcançado a plenitude de seus conhecimentos e adquirido uma quantidade absurda e inimaginável de poder. No entanto, estava sedento por mais. Após aquela experiência inacreditável, haveria mais segredos a serem desvendados, mais poderes a serem adquiridos? O bruxo sabia que sim.

Rodher observou que ainda havia nuvens azuis no céu escuro. O espírito, que continuava à sua frente, emitiu uma espécie de rugido e se dissipou. Dois e um. Naquele momento, foi tomado por uma única convicção: não havia limites para seu poder.

Você gostou deste livro?

Aproveite para classificar na Amazon! Obrigada pela leitura!

Table of Contents

[O Bordado de Georgiana](#)

[Fuga](#)

[Akai Ito – O fio vermelho do destino](#)

[No Fundo do Quintal](#)

[A princesa sombria](#)

[Destino de Sangue](#)

[Sob o deserto e o sangue](#)

[A caçada de ester](#)

[O Onigumera](#)

[O Anjo e o Leviatã](#)

[Sereia Negra](#)

[Noite sem lua](#)

[Sonhos de Almas Sombrias](#)

[Irmãs](#)

[Monstro do espelho](#)

[Sussurros do vento](#)

[Águas \(i\)mortais](#)

[O Bruxo Azul e O Espírito Indomável](#)